

dente. — José de Sá Nunes. — Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

Aprovado por unanimidade na décima sessão da Conferência Interacadémica de Lisboa para a unificação ortográfica da língua portuguesa.

Em 10 de Agosto de 1945. — Júlio Dantas, presidente. — Pedro Calmon. — Olegario Marianno. — Gustavo Cordeiro Ramos. — José Maria de Queiroz Velloso. — Luiz da Cunha Gonçalves.

DOCUMENTO N.º 2

BASES ANALÍTICAS DO ACORDO ORTOGRÁFICO DE 1945

BASE I

O *k*, o *w* e o *y* mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros que se escrevam com essas letras: *frankliniano*, *kantismo*; *darwinismo*, *wagneriano*; *byroniano*, *taylorista*. Não é lícito, portanto, em tais derivados, que o *k*, o *w* e o *y* sejam substituídos por letras vernáculas equivalentes: *cantismo*, *darwinismo*, *baironiano*, etc.

BASE II

Em congruência com a base anterior, mantêm-se nos vocábulos derivados eruditamente de nomes próprios estrangeiros, não tolerando substituição, quaisquer combinações gráficas não peculiares à nossa escrita que figurem nesses nomes: *comtista*, de *Comte*; *garrettiano*, de *Garrett*; *jeffersoniana*, de *Jef-*

BASE III

O *h* inicial emprega-se: 1.º) por força da etimologia: *haver*, *hélice*, *hera*, *hoje*, *hora*, *humano*; 2.º) em virtude de tradição gráfica muito longa, com origem no próprio latim e com paralelo em línguas românicas: *ferison*; *mülleriano*, de *Müller*; *shakesperiano*, *húmido*, *humor*; 3.º) em virtude de adopção convencional: *hã?*, *hem?*, *hum!* Admite-se, contudo, a sua supressão, apesar da etimologia, quando ela está inteiramente consagrada pelo uso: *erva*, em vez de *herva*; e, portanto, *ervaçal*, *ervanário*, *ervoso* (em contraste com *herbáceo*, *herbanário*, *herboso*, formas de origem erudita).

Se um *h* inicial passa a interior, por via de composição, e o elemento em que figura se aglutina ao precedente, suprime-se: *anarmó-*

nico, *biebdomadário*, *desarmonia*, *desumano*, *exaurir*, *inábil*, *lobisomem*, *reabilitar*, *reaver*, *transumar*. Igualmente se suprime nas formas do verbo *haver* que entram, com pronomes intercalados, em conjugações do futuro e do condicional: *amá-lo-eo*, *amá-lo-ia*, *dir-se-á*, *dir-se-ia*, *falar-nos-emos*, *falar-nos-íamos*, *juntar-se-lhe-ão*, *juntar-se-lhe-iam*. Mantém-se, no entanto, quando, numa palavra composta, pertence a um elemento que está ligado ao anterior por meio de hífen: *anti-higiénico*, *contra-haste*, *pré-história*, *sobre-humano*.

BASE IV

Os digramas finais de origem hebraica *ch*, *ph* e *eh* conservam-se íntegros, em formas onomásticas da tradição bíblica, quando soam *ch=c*, *ph=f*, *th=t* e o uso não aconselha a sua substituição: *Baruch*, *Loth*, *Moloch*, *Ziph*. Se, porém, qualquer destes digramas, em formas do mesmo tipo, é invariavelmente mudo, elimina-se: *José*, *Nazaré*, em vez de *Joseph*, *Nazareth*; e se algum deles, por força do uso, permite adaptação, substitui-se, recebendo uma adição vocálica: *Judite*, em vez de *Judith*.

BASE V

Dada a homofonia existente entre certas consoantes, torna-se necessário diferenciar os seus empregos gráficos, que fundamentalmente se regulam pela etimologia e pela história das palavras. É certo que a variedade das condições em que se fixam na escrita as consoantes homófonas nem sempre permite fácil diferenciação de todos os casos em que se deve empregar um consoante e daqueles em que, diversamente, se deve empregar outra, ou outras, do mesmo som; mas é indispensável, apesar disso, ter presente a noção teórica dos vários tipos de consoantes homófonas e fixar praticamente, até onde for possível, os seus usos gráficos, que nos casos especiais ou dificultosos do vocabulário ou do dicionário irão ensinando.

Nesta conformidade, importa notar, principalmente, os seguintes casos:

1.º Distinção entre *ch* e *x*: *achar*, *archote*, *bucha*, *capacho*, *capucho*, *chamar*, *chave*, *Chico*, *chiste*, *chorar*, *colchão*, *colchete*, *endecha*, *estrebuchar*, *facho*, *ficha*, *flecha*, *frincha*, *gancho*, *inchar*, *macho*, *mancha*, *murchar*, *nicho*, *pachorra*, *pecha*, *pechincha*, *penacho*, *rachar*, *sachar*, *tacho*, *ameixa*, *anexim*, *baixel*, *baixo*, *bexiga*, *bruxa*, *coaxar*, *coxia*, *debuxo*, *deixar*, *eixo*, *elixir*, *enxofre*,

faixa, feixe, madeira, mexer, oxalá, praxe, puxar, rouxinol, uxte (interjeição), vexar, xadrez, xarope, xenofobia, xerife, xicara.

2.º Distingção entre g palatal e j: adágio, altageme, álgebra, algema, algeroz, Algés, alqibebe, alqibeira, álgido, almargem, Alvorge, Argel, estrangeiro, talange, ferrugem, frígir, gelosia, gengiva, gergelim, geringonça, Gibraltar, ginete, ginja, girafa, gíria, herege, relógio, sege, Tânger, virgem; adjectivo, ajeitar, ajeru (nome de planta indiana e de uma espécie de papagaio), canjerê, canjica, enjeitar, granjear, hoje, intrujice, jecoral, jejum, jeira, jeito, jelado, Jeová, jenipado, jequiri, jequitibá, Jeremias, Jericó, jerimum, Jerónimo, Jesusu, jibóia, jiquipanga, jiquiró, jiquitaita, jirau, jiriti, jitrana, laranjeira, lojista, majestade, majestoso, manjerico, manjerona, mucujé, pajé, pegajento, rejeitar, sujeito, trejeito.

3.º Distingção entre as sibilantes surdas s, ss, c, ç e x: ânsia, ascensão, aspensão, cansar, conversão, esconso, farsa, ganso, imenso, mansão, mansardas, manso, pretensão, remanso, seara, seda, Seia, sertã, Sernancelhe, serrealheiro, Singapura, Sintra, sisa, tarso, terso, valsa; abadessa, acossar, amassar, atremessar, Asseiceira, asseio, atravessar, benesse, Cassilda, codesso (identificadamente, Condessal ou Codassal, Codesseda, Codessoso, etc.), crasso, devassar, dossel, egresso, endossar, escasso, toso, gesso, molosso, massa, obsessão, péssimo, possesso, presságio, remessa, sobreselente, soccegar; acém, acervo, alicerce, cebola, cereal, Cernache, cetim, Cinfães, Escócia, Macedo, obcecar, percevejo; açafate, açorda, açúcar, almoço, atenção, berço, Buçaco, caçanje, caçula, caraça, dançar, Eça, enguiço, Gonçalves, inserção, linguica, maçada, Mação, maçar Moçambique, Moçâmedes, Monção, muçulmano, murça, negaça, paña, peça, quiçaba, quiçaça, quiçama, quiçamba, Seiça (grafia que pretere as errôneas Ceixa e Ceissa), Seiçal, Suíça, terço; auxílio, Maximiliano, Maximino, máximo, próximo, sintaxe. A propósito, deve observar-se:

a) Em final de sílaba que não seja final de palavra, o x=s muda para s sempre que está precedido de i ou u: justapor, justalinear, misto, sistino (cf. Capela Sisitna), Sisto, em vez de justapor, justalinear, mixto, sistino, Sixto.

b) Só nos advérbios em mente se admite z=s em final de sílaba seguida de outra. Do contrário, o s toma sempre o lugar do z: Biscaia, e não Bizcaia.

5.º Distingção entre s final de palavra e x e z idênticos: açucarrás, aliás, anis, após, atrás, através, Avis, Brás, Dinis, Garcês, gás, Gerês, Inês, iris, Jesus, jus, lápis, Luís, país, português, Queirós, quis, retrós, resvés, Tomás, Valdês; cálix, Félix, ténix, flux; assaz, arroz, avestruz, dez, diz, fez (substantivo e forma do verbo fazer), fiz, Forjaz, Galcaz, giz, jaez, matriz, petiz, Queluz, Romariz, [Arcos de] Valdevez, Vaz. A propósito, deve observar-se que é inadmissível z final equivalente a s em palavra não oxitona: Cádiz, e não Cádiz.

6.º Distingção entre as sibilantes sonoras interiores s, x e z: aceso, analisar, anestesia, artesão, asa, asilo, Baltasar, besouro, besuntar, blusa, brasa, brasão, Brasil, brisa, [Marco de] Canaveses, coliseu, defesa, duquesa, Elisa, empresa, Ermesinde, Esposende, frenesi ou frenesim, frisar, guisa, guisar, improviso, juscante, liso, lousa, Lousã, Luso (nome mitológico), Matosinhos, (povoação de Portugal), Meneses, Narciso, Nisa, obséquio, oussar, pesquisa, portuguesa, presa, raso, represa, Resente, sacerdotisa, Sesimbra, Sousa, surpresa, tisana, transe, trânsito, vaso; exalar, exemplo, exhibir, exorbitar, exuberante, inexacto, inexorável; abalizado, altazema, Arcozelo, autorizar, azar, axedo, azo, azorague, baliza, bazar, beleza, buzina, búzio, comezinho, deslizar, deslize, Ezequiel, Fração, fuzileiro, Galiza, guizo, helenizar, lambuzar, lezíria, Mouzinho, proeza, Salazar, sãção, urze, vazar, Veneza, Vizela, Vouzela.

BASE VI

O c gutural das sequências interiores cc (segundo c sibilante), çç e ct, e o p das sequências interiores pc (c sibilante), pç e pt, ora se eliminam, ora se conservam. Assim:

1.º Eliminam-se nos casos em que são invariavelmente mudos, quer na pronúncia portuguesa, quer na brasileira, e em que não possuem qualquer valor particular: allicção, aflito, autor, condução, condutor, dicionário, distrito, ditame, equinócio, extinção, extinto, função, funcionar, instinto, praticar, produção, produto, restrição, restrito, satisfação, vítima, vitória, em vez de allicção, aflicto, auctor, condução, conductor, diccionário, districto, dictame, equinóccio, extincção, extincito, funcção, funcionar, instincto, praticar, produção, producto, restricção, restricto, satisfacção, victima, vitória; absorção, absorcionista, adsorção, assunção, assunto (substantivo), cativar, cativo, descrição, descritivo, descrito, excerto, insultor, inscultura, pre-

sunção, presuntivo, prontidão, pronto, pron-tuário, redenção, redentor, transunto, em vez de absorção, absorpcionista, adsorção, as-sumpção, assumpto, captivar, captivo, des-crição, descriptivo, descripto, excerpto, in-sculptor, insculptura, presumpção, presump-tivo, promptidão, prompto, promptuário, re-dempção, redemptor, transumpto;

2.º Conservam-se não apenas nos casos em que são invariavelmente proferidos (com-pacto, convicção, convicto, ficção, fricção, fric-cionar, pacto, pictural; adepto, apto, diptico, erupção, eucalipto, inepto, núpcias, rapto; etc.), mas também naqueles em que só se proferem em Portugal ou só no Brasil, quer geral, quer restritamente: cacto (c interior geralmente proferido no Brasil e mudo em Portugal), caracteres (c interior em condi-ções idênticas), coarctar, contacto, dicção, facto (c geralmente proferido em Portugal e mudo no Brasil), jacto, perfunção, revin-dicta, tactear, tacto, tecto (c por vezes pro-ferino no Brasil; assumptível, assumptivo, cepto, consumpção, consumptível, consump-tivo, corrupção, corruptela, corrupto, corrup-tor, peremptório (p interior geralmente pro-ferido no Brasil, mas predominantemente mudo em Portugal), sumptuário, sumptuoso;

3.º Conservam-se, após as vogais a, e e o, nos casos em que não é invariável o seu valor fonético e ocorrem em seu favor outras razões, como a tradição ortográfica, a simi-laridade do português com as demais línguas românicas e a possibilidade de, num dos dois países, exercerem influência no timbre das referidas vogais: acção, activo, actor, affectuoso, arquitectura, clecção, colectivo, contracção, correcção, defectivo, dialectal, didactismo, direcção, director, eclecticismo, electricidade, espectáculo, spectral, facção, faccioso, flectir, fracção, fraccionário, fractura, hecticidade, insecticida, inspecção, inspector, intellectual, leccionar, lectivo, nocturno, objecção, objectivo, Octaviano, Octávio, portecção, protector, secção, seccionar, sectário, sector, selecção, seleccionar, selectivo, subtracção, tracção, tractor, transacção, transaccionar, acepção, adpção, adptar, adoptivo, anabap-tista, baptismo, Baptista, baptistério, bap-tizar, cepticismo, concepção, conceptáculo, con-ceptivo, conceptual, decepção, excepção, ex-ceptional, exceptuar, imperceptível, intercepção, interceptação, interceptar, interceptor, Neptuno, neptuniano, opticidade, optimate, optimismo, optimista, percepção, perceptível, perceptivo, preceptivo, preceptor, recepção, recepção, receptáculo, receptor, receptivo,

receptor, septenário, septênviro, septiforme, septissílabo, septuagenário, septuagésimo, septuplicar, sub-reptício, susceptibilidade, sus-ceptível;

4.º Conservam-se quando, sendo embora mudos, ocorrem em formas que devem har-monizar-se gráficamente com formas afins em que um c ou um p se mantém, de acordo com um dos dois números anteriores, ou em que essas consoantes estão contidas, respec-tivamente, num x ou numa sequência ps. Es-creve-se, por isso: abjecto, como abjecção; abstracto, como abstracção; acta e acto, como acção ou activo; adopto, adoptas, etc., como adoptar; affecto, como affectivo ou afec-tuoso; ártico e antártico, como Arcturo; architecto, como arquitectura; caquético, como caquexia; carácter, como caracteres; colecta, como colectar; contracto (diferente de contrato=acto de contratar), como con-tracção ou contractivo; correcto, como cor-recção ou correctivo; dialecto, como dialectal; didático, como didactismo; dilecto, como di-lecção; directo, como direcção ou director; eclético, como eclecticismo; Egípto, como egíp-cio; eléctrico, como electricidade; epilético, como epilepsia; espectro, como spectral; exacto, como exactidão; excepto, como excepção ou exceptuar; flectes, flecte, flectem, como flectir; héctico, como hecticidade; ob-jecto, como objecção ou objectivo; olfacto, como olfacção ou olfactivo; óptico, como opti-cidade; óptimo, como optimismo; predilecto, como predilecção; projecto, como projecção ou projector; prospecto, como prospeção ou prospectivo; recto, como rectidão; reflectes, reflecte, reflectem, como reflectir; reflecto, re-fficta, reflectas, reflectamos etc., como reflec-tes, reflectir, etc.; selecta e selecto, como selecção ou selectivo; séptuplo, como septu-plicar; sintáctico, como sintaxe (x=ss, mas etimologicamente cs); táctica e tático, como tacticografia; etc.

Prescinde-se da congruência gráfica refe-rida no último número, quando determinadas palavras, embora afins, divergem nas con-dições em que entraram e se fixaram no por-tuguês. Não há, por isso, que harmonizar: assunção com assumptivo; assunto, substan-tivo, com assumpto, adjectivo; cativo com captor ou captura; dicionário com dicção; vitória com victrice; etc.

BASE VII

Independentemente do c gutural das se-quências interiores cc, cç e ct, e do p das sequências interiores pc, pç e pt, eliminam-se

consoantes várias de outras seqüências, sempre que são invariavelmente mudas, quer na pronúncia portuguesa, quer na brasileira. As mesmas consoantes, porém, se conservam (ou se substituem por outras equivalentes, dentro das normas da escrita simplificada), no caso de serem invariavelmente proferidas ou de oscilarem entre a prolação e o emudecimento. Assim:

1.º b da seqüência bd: mantém-se, apesar de nem sempre soar, no adjetivo e substantivo *súbdito*;

2.º b da seqüência bt: mantém-se, por não ser geral o seu emudecimento, em *subtil* e derivados;

3.º c da seqüência cd: elimina-se, por ser sempre mudo, em *anedota* e respectivos derivados ou compostos, assim como em *sinédoque*;

4.º g da seqüência gd: elimina-se, por ser sempre mudo, em *Emídio* e *Madalena*, ao passo que se mantém, por nem sempre ser mudo, em *amígdala* e respectivos derivados ou compostos;

5.º g da seqüência gm: elimina-se em *augmentar*, *fleuma*, etc., mas conserva-se em todas as palavras em que invariavelmente se profere, como *apotégma*, *diafragma*, *fragmento*;

6.º g da seqüência gn: conserva-se em *Agnelo*, *designar*, etc., mas elimina-se em todas as palavras em que é invariavelmente mudo, como *assinatura*, *Inácio*, *Inês*, *sinal*;

7.º m da seqüência mn: mantém-se, embora nem sempre soe, em *amnistia*, *amnistiar*, *indemne*, *indemnização*, *indemnizar*, *omnímodo*, *omnipotente*, mas elimina-se em *condenar*, *dano*, *ginásio*, *ônibus*, *solene*, *sono*;

8.º p da seqüência inicial ps: conquanto geralmente se mantenha, elimina-se, excepcionalmente, em *salmo* e *salmódia*, assim como nos derivados destas palavras;

9.º s da seqüência xs: elimina-se, por ser invariavelmente mudo, em *exangue*, e nas palavras em que está seguido de outra consoante: *expuição*, *extipuláceo*, *extipulado* (parônimo de *estipulado*), em vez de *exspuição*, *extipuláceo*, *extipulado*;

10.º ph da seqüência de origem grega *phth*: ao passo que perdura sob a forma de *t*, tal como o *th* seguinte sob a forma de *t*, em grande número de palavras, como *afita*, *difteria*, *ftátrico*, *ftiríase*, *ftórico*, *oftalmologia*, etc., elimina-se em *apotégma*, *ditongo*, *tísico*, *fisiologia*, etc.;

11.º th da seqüência de origem grega *thm*: perdura sob a forma de *t*, embora nem sempre seja proferido, em *aritmética* e *aritmético*, mas elimina-se em *asma* e derivados.

BASE VIII

As consoantes finais b, c, d, g e t mantêm-se, quer sejam mudas, quer proferidas, nas formas onomásticas em que o uso as consagrou, nomeadamente antropónimos e topónimos da tradição bíblica: *Jacob*, *Job*, *Moab*; *Isaac*; *David*, *Gad*; *Gog*, *Magog*; *Bensabat*, *Josafat*.

Integram-se também nesta norma: o antropónimo *Cid*, em que o d é sempre pronunciado; os topónimos *Madrid* e *Valhadolid*, em que o d ora é pronunciado, ora não; e o topónimo *Calecut* ou *Calicut*, em que o t se encontra nas mesmas condições.

BASE IX

O emprego do e e do i, assim como do o e do u, em sílaba átona, regula-se fundamentalmente pela etimologia e por particularidades da história das palavras. Assim se estabelecem variadíssimas grafias.

a) com e e i: *ameaça*, *amealhar*, *antecipar*, *arrepisar*, *banear*, *boreal*, *campeão*, *cardial* (prelado, ave, planta; diferente de *cardial* — "relativo à cárdia"), *Ceará*, *côdea*, *enseada*, *enteado*, *Floreal*, *janeanes*, *lêdea*, *Leonardo*, *Leonel*, *Leonor*, *Leopoldo*, *Leote*, *linear*, *meão*, *melhor*, *nomear*, *peanha*, *quase* (em vez de *quási*), *real*, *semear*, *semelhante*, *várzea*; *ameixial*, *Ameixeira*, *amial*, *amieiro*, *arrieiro*, *artilharia*, *capitânia*, *cordial* (adjectivo e substantivo), *corriola*, *crânio*, *criar*, *diante*, *diminuir*, *Dinis*, *ferregial*, *Filinto*, *Filipe* (e idênticamente *Filipa*, *Filipinas*, etc.), *freixial*, *giesta*, *Idanha*, *igual*, *imiscuir-se*, *inigualável*, *lampião*, *limiar*, *Lumiar*, *lumieiro*, *pátio*, *pior tigela*, *tijolo*, *Vimieiro*, *Vimioso*, *Virgílio* (em vez de *Vergílio*);

b) com o e u: *abolir*, *Alpendorada*, *asolar*, *borboleta*, *cobiça*, *conscada*, *consoar*, *costume*, *discolo*, *êmbolo*, *engolir*, *epístola*, *esbaforir-se*, *esboroar*, *farândola*, *femoral*, *Freixoeira*, *girândola*, *goela*, *jocoso*, *mágoa*, *névoa*, *nódoa*, *óbolo*, *Páscoa*, *Pascoal*, *Pascoela*, *polir*, *Rodolfo*, *távoca*, *tavoada*, *távola*, *tômbola*, *veio* (substantivo e forma do verbo *vir*); *água*, *aluvião*, *arcuense*, *assumir*, *bulir*, *comândulas*, *curtir*, *curtume*, *embutir*, *entupir*, *témur*, *fístula*, *glândula*, *íngua*, *ju-cundo*, *légua*, *Luanda*, *lucubração*, *lugar*, *mangual*, *Manuel*, *míngua*, *Nicarágua*, *pon-*

tual, régua, tábua, tabuada, tabuleta, trégua, vitualha.

Sendo muito variadas as condições etimológicas e fonético-históricas em que se fixam gráficamente e e i ou o e u em sílaba átona, é evidente que só a consulta dos vocabulários ou dicionários pode indicar, muitas vezes, se deve empregar-se e ou i, se o ou u. Há, todavia, alguns casos em que o uso dessas vogais pode ser facilmente sistematizado. Convém fixar os seguintes:

1.º Escrevem-se com e, e não com i, antes da sílaba tónica, os substantivos e adjetivos que procedem de substantivos terminados em eio e eia, ou com eles estão em relação directa. Assim se regulam: aldeão, aldeola, aldeota, por aldeia; areal, areeiro, areento, Areosa, por areia; aveal, por aveia; baleal, por baleia; boleeiro, por boleia; ca-deado, por cadeia; candeeiro, por candeia; centeeira e centeeiro, por centeio; colmeal e colmeiro, por colmeia; correada, correame, por correia.

2.º Escrevem-se igualmente com e, antes de vogal ou ditongo da sílaba tónica, os derivados de palavras que terminam em e acentuado (o qual pode representar um antigo hiato: ea, ee): galeão, galeota, galeote, de galé; guineense, de Guiné; poleame e poleeiro, de polé.

3.º Escrevem-se com i, e não com e, antes da sílaba tónica, os adjectivos e substantivos derivados em que entram os sufixos mistos de formação vernácula iano e iense, os quais são o resultado do combinação dos sufixos ano e ense com um i de origem analógica (baseado em palavras onde ano e ense estão precedidos i pertencente ao tema: horaciano, italiano, duriense, flaviense, etc.): açoriano, cabo-verdiano, camoniano, goistano ("relativo a Damião de Góis"), sofocliano, torriano ("de Torres Vedras"), siniense ("de Sines"), torriense ("de povoação chamada Torres").

4.º Uniformizam-se com as terminações io e ia (átonas), em vez de eo e ea, os substantivos que constituem variações, obtidas por ampliação, de outros substantivos terminados em vogal: cúmio (popular), de cume; hástia, de haste; réstia, do antigo reste; véstia, de veste.

5.º Os verbos em ear podem distinguir-se praticamente, grande número de vezes, dos verbos em iar, quer pela formação, quer pela conjugação e formação ao mesmo tempo. Estão no primeiro caso todos os verbos que se prendem a substantivos em eio ou eia (se-

jam formados em português ou venham já do latim); assim se regulam: aldear, por aldeia; alhear, por alheio; cear, por ceia; encadear, por cadeia; idear, por ideia; pear, por peia, etc. Estão no segundo caso todos os verbos que têm normalmente flexões rítmicas em eio, eias, etc., desde que não se liguem a substantivos com as terminações átonas ia ou io (como ansiar ou odiar): clarear, delinear, devanear, falsear, gran-jear, guerrear, hastear, nomear, semear, etc.

6.º Não é lícito o emprego de u final átono em palavras de origem latina. Escreve-se, por isso: moto, em vez de mótu (por exemplo, na expressão de moto próprio); tribo, em vez de tribu.

7.º Os verbos em oar distinguem-se praticamente dos verbos em uar pela sua conjugação nas formas rítmicas que têm sempre o na sílaba acentuada: abençoar, com o, como abençoar, abençoas, etc.; destoar, com o, como destoo, destoaas, etc.

BASE X

O verbo perguntar não admite na escrita corrente a mudança da sílaba per em pre: perguntar. E o mesmo se dá, por consequente, com quaisquer palavras dele formadas: pergunta, perguntador, perguntante, perguntão, reperguntar, e não pergunta, perguntador, perguntante, perguntão, repreguntar. Contudo, as formas perguntar, pergunta, etc., assim como outras (preguntar, pre-gunta, etc.), todas elas meras representantes de variações fonéticas, podem ser registadas em vocabulários e dicionários, para informação dialectológica ou histórico-linguística.

BASE XI

Consideram-se normais na escrita corrente as formas quer e requer, dos verbos querer e requerer, em vez de quere e requere: ele quer, ele o quer, ela requer, ela o requer, quer dizer, e não ele quere, ele o quere, ela requere, ela o requere, quere dizer. São legítimas, entretanto, as formas com e final, quando se combinam com o pronome enclítico o ou qualquer das suas flexões: quere-o, quere-os, requere-a, requere-as.

A forma que transmite a sua grafia à conjugação a que deu origem e mantém-na, além disso, em todas as palavras compostas e locuções em que figura: quer... quer; bem-me-quer, malmequer; onde quer que, quem quer que.

BASE XII

Na representação das vogais nasais devem observar-se, além de outros suficientemente conhecidos, os seguintes preceitos:

1.º Quando uma vogal nasal tem outra vogal depois dela, a nasalidade é expressa pelo til: *ãtã, desêalmado, êarcado, ãa* (antigo e dialectal), *ãa* (antigo e dialectal).

2.º Quando uma vogal nasal ocorre em fim de palavra, ou em fim de elemento seguido de hífen, representa-se a nasalidade pelo til, se essa vogal é de timbre *a*; por *m*, se possui qualquer outro timbre e termina a palavra; e por *n*, se é de timbre diverso de *a* e está seguido de *s*: *afã, grã, Grã-Bretanha, lã, órfã, sã-brasileiro* (forma dialectal, o mesmo que *são-brasense* = "de S. Brás de Alportel"); *clarim, tom, vacuum; flautins, semitons, zunzuns*.

3.º Os vocábulos terminados em *ã* transmitem esta representação do *a* nasal aos advérbios em mente que deles se formem, assim como a derivados em que entrem sufixos precedidos do infixo *z*: *cristãmente, irmãmente, sãmente; lãzudo, maqãzita, manhãzinha, romãzeira*.

Em complemento dos preceitos de representação das vogais nasais, importa notar que nas combinações dos prefixos *in* (tanto o que exprime interioridade como o que exprime negação) e *en* (diferente do elemento *en*, resultante da preposição *em*: *enfim, enquanto*) com elementos começados por *m* ou *n*, não se admitem, quanto à escrita normal, as sequências *mm* e *nn*, as quais se reduzem, respectivamente, a *m* e *a* *n*: *imergir, inovação, inato* (quer no sentido de "congénito", quer no de "não nascido"), e não *imemrgir, innovação, innato; emagrecer, emoldurar, enegrecer, enobrecer*, e não *emmagrecer, emmoldurar, ennegrecer, ennobrecer*.

BASE XIII

Os ditongos orais, que em parte tanto podem ser tónicos como átonos, distribuem-se por dois grupos principais, consoante a subjuntiva soa *i* ou *u*: *ai, ei, éi* (apenas tónico), *èi* (apenas átono), *oi, ói* (apenas tónico), *òi* (apenas átono), *ui; au, eu, éu* (apenas tónico), *èu* (apenas átono), *iu, ou* (ditongo antigo e ainda dialectal, nivelado na pronúncia normal com o fechado): *braçais, caixote, deveis, eirado, farnéis, farnêzinhos, goivo, goivar, lençóis, lençõzinhos, tafuis, uivar; cacau, cacaveiro, deu, endeusar, ilhéu, ilhêu-*

zito, mediu, passou, regougar. Admitem-se, todavia, excepcionalmente, à parte destes dois grupos, os ditongos ae (=ái ou ai) e ao (=âu ou au): o primeiro, representado nos antropónimos Caetano e Caetana, assim como nos respectivos derivados e compostos (caetaninha, são-caetano, etc.); o segundo, representado nas combinações da preposição a com as formas masculinas do artigo ou pronome demonstrativo o, ou sejam ao e aos.

Cumpra fixar, a propósito dos ditongos orais, os seguintes preceitos particulares:

1.º É o ditongo *ui*, e não a sequência vocálica *ue*, que se emprega nas formas da 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo e igualmente na da 2.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *uir*: *constituís, influi, retribuí*. Harmonizam-se, portanto, essas formas com todos os casos de ditongo *ui* de sílaba final ou fim de palavra (*azuis, fui, Guardafui, Rui*, etc.); e ficam assim em paralelo gráfico-fonético com as formas da 2.ª e 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo e da 2.ª pessoa do singular do imperativo dos verbos em *air* e em *oer*: *atrais, cai, sai; móis, remói, sói*.

2.º É o ditongo *ui* que representa sempre, em palavras de origem latina, a união de um *u* a um *i* átono seguinte. Não divergem, portanto, formas como *fluido* de formas como *gratuito*. E isso não impede que nos derivados de formas daquele tipo as vogais *u* e *i* se pararem: *fluidico, fluidez (u-i)*.

3.º Além dos ditongos orais propriamente ditos, os quais são todos decrescentes, admite-se, como é sabido, a existência de ditongos crescentes. Podem considerar-se no número deles os encontros vocálicos postónicos, tais os que se representam graficamente por *ea, eo, ia, ie, io, oa, ua, ue, uo; áurea, áureo, colónia, espécie, exímio, mágoa, min-gua, ténue, tríduo*.

Os ditongos nasais, que na sua maioria tanto podem ser tónicos como átonos, pertencem graficamente a dois tipos fundamentais: ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocálica; ditongos constituídos por vogal e consoante nasal, tendo esta o valor de ressonância. Eis a indicação de uns e outros:

1.º Os ditongos constituídos por vogal com til e subjuntiva vocálica são quatro, considerando-se apenas a linguagem normal contemporânea *õe* (usado em vocábulos oxítonos e derivados), *ãi* (usado em vocábulos anoxítonos e derivados), *ão* e *õe*. Exem-

plos: cões, Guimarães, mãe, mãezinha; cãibas, cãibeiro, cãibra, zãibo; mão, mãozinha, não, não (não quam), sócio, sóciozinho, tão (não tam); Camões, orações, oraçõeszinhas, põe, repões. Ao lado de tais ditongos pode, por exemplo, colocar-se o ditongo *ui*; mas este, embora se exemplifique numa forma popular como *rui* = ruim, representa-se sem o til nas formas muito e mui, por obediência à tradição.

2.º Os ditongos constituídos por vogal e consoante nasal equivalente a ressonância são dois: *am* e *em*. Divergem, porém, nos seus empregos:

a) *am* (sempre átono) só se emprega em flexões verbais, onde nunca é lícito substituí-lo por *ão*: *amam, deviam, escreveram, puseram*;

b) *em* (tónico ou átono e nivelado por vezes, tanto em Portugal como no Brasil, com e nasalado) emprega-se em palavras de categorias morfológicas diversas, incluindo flexões verbais, e pode apresentar variantes gráficas, determinadas pela posição, pela acentuação ou simultaneamente pela posição e pela acentuação: *bem, Bemboim* (topónimo), *Bemposta, cem, devem, nem, quem, sem, tem, virgem; Bencanta, Benfeito, Benfica, benquista, bens, enfim, enquanto, homenzarrão, homenzinho, nuvenzinha, tens, virgens; amém* (variação de *ámen*), *armazém, convém, mantém, ninguém, porém, Santarém, também; convém, mantêm, têm* (3.ª pessoas do plural); *Armazéns, desdêns, convéns, reténs; Belênzada, vintênzinho*.

BASE XIV

Prescinde-se do acento agudo nas vogais tónicas *i* e *u* de vocábulos oxítonos ou paroxítonos, quando, precedidas de vogal que com elas não formam ditongo, são seguidas de *l, m, n, r* ou *z* finais de sílaba, ou então de *nh*: *adail, hiulco, paul; Caim, Coimbra, ruim; constituinte, saindo, triunfo; demiurgo, influir, sairdes; aboiz, juiz, raiz; fuinha, moinho, rainha*.

BASE XV

Dispensa-se o acento agudo nas vogais tónicas *i* e *u* de palavras paroxítonas, quando elas são precedidas de ditongo; nos ditongos tónicos *iu* e *ui*, quando precedidos de vogal; e na vogal tónica *u*, quando, numa palavra paroxítona, está precedida de *i* e seguida de *s* e outra consoante. Exem-

plos dos três casos: *baiuca, bocaiuva, cauila, tauismo; atraiu, influiu, pauis; semiusto*.

Quando as vogais tónicas *i* e *u* estão precedidas de ditongo, mas pertencem a palavras oxítonas e são finais ou seguidas de *s*, levam acento agudo: *Piauí, teiú, tuiuí; teiús, tuiús*.

BASE XVI

O ditongo *ei* da terminação *eia*, mesmo que possa soar *éi*, nunca leva acento agudo, em virtude das divergências que neste caso existem não apenas entre a pronúncia portuguesa e a brasileira, mas também entre as pronúncias de regiões portuguesas. Escreve-se, portanto: *assembleia, ateia* (feminino de *ateu*), *boleia, Crimeia, Eneias, Galileia, geleia, hebreia, ideia, nemeia, patuleia, plateia*, do mesmo modo que *aldeia, baleia, cadeia, cheia, lampreia, sereia*, etc.

Por idêntica falta de pronúncia uniforme, dispensa-se também o acento agudo no ditongo *ei* da terminação *eico* e no ditongo *oi* de algumas palavras paroxítonas: *coreico, epopeico, onomatopeico; comboio* (todavia *combóio*, como flexão de *comboiar*), *dezoito*.

BASE XVII

Assinala-se com o acento agudo, nos verbos regulares da primeira conjugação, a terminação da primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo: *amámos, louvámos, etc.*, e não *amamos, louvamos, etc.*

Serve aqui o acento agudo não para indicar o timbre da vogal tónica, visto a pronúncia desta carecer de uniformidade (nem sempre aberta em Portugal, nem sempre fechada no Brasil), mas apenas para distinguir das correspondentes formas do presente do indicativo (*amamos, louvamos, etc.*), em benefício da clareza do discurso, as formas pretéritas com aquela terminação.

BASE XVIII

Emprega-se o acento agudo nas palavras que, tendo vogal tónica aberta, sejam homógrafas de palavras sem acentuação própria. Assim se diferenciam: *pára*, flexão de *parar*, e *para*, preposição; *péla*, substantivo e flexão de *pelar*, e *pela*, combinação de *per* e *la*; *pélas*, plural de *péla* e flexão de *pelar*, e *pelas*, combinação de *per* e *las*; *pélo*, também flexão de *pelar*, e *pelo*, combinação de *per* e *lo*; *pólo*, substantivo, e *polo*, combinação de *por* e *lo*; *pólos*, plural de *pólo*, e *polos*, combinação de *por* e *los*; etc.

BASE XIX

As vogais tónicas *a*, *e* e *o* de vocábulos proparoxítonos levam acento circunflexo, quando são seguidos de sílaba iniciada por consoante nasal e soam invariavelmente fechadas nas pronúncias normais de Portugal e do Brasil: *câmara*, *pânico*, *pirâmide*; *fêmea*, *sêmea*, *sêmola*; *cômoro*. Mas levam, diversamente, acento agudo, que nesse caso serve apenas para indicar a tonicidade, sempre que, encontrando-se na mesma posição, não soam, todavia, com timbre invariável: *Dância*, *endêmico*, *gênero*, *prêmio*; *fenômeno*, *macedônio*, *trinômio*.

Regulam-se por um ou outro destes dois empregos os vocábulos proparoxítonos que, precisando de acentuação gráfica, se encontram em condições idênticas. Assim: *ânus*, *certâmen*, *tentâmen*; mas *Ámon*, *bónus*, *Vénus*.

BASE XX

As formas monossilábicas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter* e *vir*, *têm* e *vêm*, marcadas com o acento circunflexo para se distinguirem das correspondentes da terceira pessoa do singular, *tem* e *vem*, são de emprego exclusivo na escrita corrente, preterindo assim as formas dissilábicas *têm* e *vêm*, que se consideram como dialectais.

De modo análogo, também só devem escrever-se correntemente as formas compostas *contêm*, *convêm*, *mantêm*, *provêm*, etc., diferenciadas pelo acento circunflexo das terceiras pessoas do singular *contém*, *convém*, *mantém*, *provém*, etc., e por isso se prescinde das formas compostas de *têm* e *vêm*.

BASE XXI

Ao passo que se emprega o acento circunflexo nas formas verbais proparoxítonas em que um e tónico fechado faz hiato com outro e, pertencente à terminação *em*, prescinde-se desse acento nas formas verbais e nominais proparoxítonas em que um o tónico fechado faz hiato com outro o, final ou seguido de *s*. Exemplos: *crêem*, *dêem*, *lêem*, *vêem* (dos verbos *crer*, *dar*, *ler*, *ver*), e do mesmo modo *descreêm*, *desdêem*, *relêem*, *revêem* (dos verbos *descreer*, *desdar*, *reler*, *rever*); mas, sem acento circunflexo, *abençoó*, *condoo-me*, *enjoó*, *moo*, *remoo*, *voos*.

Com as formas do segundo tipo nivelam-se na escrita, tal como na pronúncia, várias formas onomásticas de origem greco-latina: *Aqueloo*, *Eoo*, etc.

BASE XXII

O emprego do acento circunflexo, para distinguir formas proparoxítonas ou oxítonas das suas homógrafas heterotónicas, faz-se apenas em dois casos: 1.) quando uma palavra com vogal tónica fechada é homógrafa de uma palavra sem acentuação própria; 2.º) quando uma flexão de determinada palavra, também com vogal tónica fechada, é homógrafa de outra flexão da mesma palavra em que a vogal tónica soa aberta. Assim se diferenciam, no primeiro caso (em que não se inclui a forma verbal como, escrita tal qual a partícula *como*, por esta poder ter acentuação própria); *côa*, flexão de *coar*, e *coa*, combinação de *com* e *a* (do mesmo modo *Côa*, topónimo); *côas*, também flexão de *coar*, e *coas*, combinação de *com* e *tas*; *pêlo*, substantivo, e *peilo*, combinação de *per* e *lo*; *pêlos*, plural de *pêlo*, e *pelos*, combinação de *per* e *los*; *pêra*, substantivo, e *pera*, preposição arcaica (mas o plural, *peras*, sem acento); *pêro*, substantivo, e *pero*, conjunção arcaica (mas o plural, *peros*, também sem acento); *Pêro*, antropónimo (com acentuação própria, embora de origem proclítica), e a mesmo conjunção *pero*; *pôlo*, substantivo, e *polo*, combinação de *por* e *lo*; *pôlos*, plural de *pôlo*, e *polos*, combinação de *por* e *los*; *pôr*, verbo, e *por*, preposição; etc.

E assim também se diferenciam, no segundo caso: *pôde*, forma do pretérito perfeito do indicativo do verbo *poder*, e *pode*, forma do presente do indicativo do mesmo verbo; *dêmos*, forma do presente do conjuntivo do verbo *dar*, e *demos*, forma do pretérito perfeito do indicativo do mesmo verbo (embora nesta última flexão nem sempre seja aberta a vogal tónica).

Feita esta limitação, prescinde-se do acento circunflexo em grande número de palavras com vogal tónica fechada que são homógrafas de outras com vogal tónica aberta. Quer dizer: conquanto se distingam na pronúncia, não se distinguem na escrita formas como: *acerto* (*ê*), substantivo, e *acerto* (*é*), flexão de *acertar*; *açores* (*ô*), plural de *açor* (do mesmo modo o topónimo *Açores*), e *açores* (*ó*), flexão de *açorar*; *aquele* (*ê*), pronome, e *aquele* (*é*), flexão de *aquela*; *aqueles* (*ê*), plural de *aquela*, e *aqueles* (*é*), também flexão de *aquela*; *cerca* (*ê*), substantivo, advérbio e elemento da locução prepositiva *cerca de*, e *cerca* (*é*), flexão de *cercar*; *colher* (*ê*), verbo, e *colher* (*é*), substantivo; *cor* (*ô*), substantivo, e *cor* (*ó*), elemento da locução adverbial de *cor*; *douto*

res (ó), plural de doutor, e doutores (ós), flexão de doutorar; *ele* (ê), pronome, e *ele* (é), nome da letra; *eles* (ê), plural de *ele* (ê), e *eles* (é), plural de *ele* (é); *esse* (ê), pronome, e *esse* (é), nome da letra *s*; *esses* (ê), *esse* (ê), e *esses* (é), plural de *esse* (é); *este* (ê), pronome, e *este* (é), substantivo; *esteve* (ê), flexão de *estar*, e *esteve* (é), flexão de *estevar*; *fez* (ê) substantivo e flexão de *fazer*, e *fez* (é), substantivo; *fora* (ô), flexão de *ser* e *ir*, e *fora* (ó), advérbio, interjeição e substantivo; *fosse* (ó), também flexão de *ser* e *ir*, *fosse* flexão de *fossar*; *ingleses* (ê), plural de *inglês*, e *ingleses* (é), flexão de *inglesar*; *meta* (ô), também flexão de *ser* e *ir*, e *fosse* (ó), (ê), flexão de *meter*; e *meta* (é), substantivo; *nele* (ê), combinação de *em* e *ele*, e *nele*, (é), substantivo; *oca* (ô), feminino de *oco*, e *oca* (ó), substantivo; *piloto* (ô), substantivo, e *piloto* (ó), flexão de *pilotar*; *portuguesa* (ê), feminino de *português*, e *portuguesa* (é), flexão de *portuguesar*; *rogo* (ô), substantivo, e *rogo* (ó), flexão de *rogar*; *seres* (é), flexão de *ser* (é), e *Seres* (é), nome de povo; *transturno* (ô), substantivo, e *transtorno* (ó), flexão de *transtornar*; *vezes* (ê), plural de *vez*, e *vezes* (é), flexão de *bém* marcadas com acento agudo: *chàvena-vezar*; etc.

BASE XXIII

Escrevem-se com acento grave, na parte anterior ao sufixo, os advérbios em mente que provêm de formas marcadas com acento agudo: *benêticamente*, *contiguamente*, *diàriamente*; *agradávelmente*, *distraidamente*, *genuinamente*, *heròicamente*, *miùdamente*; *mâmente*, *sòmente*.

Do mesmo modo, escrevem-se com acento grave, na parte anterior à terminação, os derivados em que entram sufixos precedidos do infixo *z* e cujas formas básicas são também marcadas com acento agudo: *chàvenzinha*, *lâbiozinho*, *nòdoazita*; *bôiazinha*, *faùlhazita*, *màrtirzinho*, *òrfãzinha*, *rêpteizitos*; *anêizinhos*, *avôzinha*, *catêzeiro*, *chapêuzinho*, *chàzada*, *heròlzinho*, *màzona*, *pêzito*, *pêzorro*, *pêzudo*, *santatêzal*, *sôzinho*, *vintênzito*.

XXIV

Segundo o modelo das formas *à* e *às*, resultantes da contracção da preposição *a* com as flexões femininas do artigo definido ou pronome demonstrativo *o*, emprega-se o acento grave noutras contracções da mesma preposição com formas do mesmo artigo ou pro-

nome, e bem assim em contracções idênticas em que o primeiro elemento é uma palavra inflexiva acabada em *a*. Exemplos: *ô* e *ôs*, contracções da dita preposição (correspondentes às combinações normais *ao* e *aos*) com as formas *o* e *os*; *prò*, *prà*, *pròs* e *pràs*, contracções de *pra*, redução da preposição *para*, com as quatro formas *o*, *a*, *os* e *as*.

Anòlogamente, faz-se uso do acento grave nas contracções da preposição *a* com as formas pronominais demonstrativas *aquele*, *aquele*, *aqueles*, *aquela*, *aquela*, *aquelas*, *aquilo* e com as compostas *aqueloutro*, *aqueloutra*, *aqueloutros*, *aqueloutras*: *àquele*, *àquele*, *àqueles*, *àqueles*, *àquilo*; *àqueloutro*, *àqueloutra*, *àqueloutros*, *àqueloutras*. Mas, se tais formas em vez de *es* contraírem com essa preposição, se contraem com uma palavra inflexiva acabada em *a*, por exemplo *pra*, já o acento grave não tem cabimento, porque as duas partes se escrevem distintas, apesar de foneticamente unidas: *pra aquele*, *pra aquela*, *pra aquilo*, etc. ($a+a=$ $=a$ aberto), tal como *para aquele*, *para aquela*, *para aquilo*, etc.

BASE XXV

O topónimo *Guiana* e os seus derivados, como *guyanense* e *guyanês*, posto que o *u* seja foneticamente distinto do *g* anterior, formando ditongo com o *i* seguinte, dispensam, por simplificação ortográfica, o acento grave com que poderia assinalar-se tal distinção.

Segue o modelo de *Guiana*, dispensando igual emprego do acento grave, a forma *Guiena*, portuguêsamento do topónimo francês *Guyenne*.

BASE XXVI

Independentemente das contracções como *à*, *àquele*, *àquele*, *àquilo*, *àqueloutro*, etc., que o acento grave diferencia de *a*, *aquele*, *aquela*, *aquilo*, *aqueloutro*, etc. (veja-se a base XXIV), apenas num caso se emprega este acento para distinguir uma palavra da sua homógrafa heterofónica: quando uma forma com vogal aberta em sílaba átona está em homografia com outra que lhe é etimologicamente paralela e em que a mesma vogal é surda, pelo menos na pronúncia portuguesa. Assim se diferenciam: *ágora*, interjeição usada no Norte de Portugal, e *agora*, advérbio, conjunção e interjeição; *ó*, *ô*, *ós*, *às*, formas arcaicas do artigo definido ou pronome demonstrativo, e *o*, *a*, *os*,

as; *preguntar*, plebeísmo equivalente à forma normal *perguntar* (veja-se a base X), e *preguntar*; etc.

Em virtude desta limitação, dispensam o acento grave muitas palavras com vogal átona aberta que são homógrafas de outras em que a vogal correspondente, pelo menos em Portugal, é normalmente surda. Nivelam-se, portanto, na escrita, sem embargo da sua diferenciação na pronúncia, formas como as seguintes: *acerca* (ã... ê), advérbio e elemento da locução prepositiva *acerca de*, e *acerca*, flexão de *acercar*; *aparte* (à), substantivo, e *aparte*, flexão de *apartar*; *asinha* (â), diminutivo de *asa*, e *asinha*, advérbio; *ave* (è), interjeição (consequentemente, *ave-maria*, e não *avè-maria*), e *ave*, substantivo; *molhada* (ò), substantivo, e *molhada*, flexão de *molhar*; *pregar* (è), verbo, e *pregar*, também verbo; *salve* (è), interjeição, e *salve*, flexão de *salvar*; etc.

BASE XXVII

O trema, sinal de diérese, é inteiramente suprimido em palavras portuguesas ou apor-tuguesadas. Nem sequer se emprega na poesia, mesmo que haja separação de duas vogais que normalmente formam ditongo; *saudade*, e não *saüdade*, ainda que tetras-sílabo; *saudar*, e não *saüdar*, ainda que tris-sílabo; etc.

Em virtude desta supressão, abtrai-se de sinal especial quer para distinguir, em sí-laba átona, um *i* ou *u* de uma vogal da sílaba anterior, quer para distinguir, tam-bém em sílaba átona, um *i* ou *u* de um di-tongo precedente, quer para distinguir, em sílaba tónica ou átona, o *u* de *gu* ou *qu* de um *e* ou *i* seguintes: *arruinar*, *constituíria*, *depoimento*, *esmiuçar*, *faiscar*, *faulhar*, *olei-cultura*, *paraibano*, *reunião*; *abaiucado*, *aiqui*, *caiumá*, *cauixi*, *piquiense*; *aguentar*, *anguiforme*, *arguir*, *bilíngue*, *lingueta*, *lin-guista*, *linguístico*; *apropínque* (com a va-riação *apropínque*), *cinquenta*, *delínquem* (com a variação *delínquem*), *equestre*, *fre-quentar*, *tranquilo*, *ubiquidade*.

BASE XXVIII

Emprega-se o hífen nos compostos em que entram, foneticamente distintos (e, portanto, com acentos gráficos, se os têm à parte), dois ou mais substantivos, ligados ou não por preposição ou outro elemento, um sub-stantivo e um adjectivo, um adjectivo e um substantivo, dois adjectivos ou um adjectivo

e um substantivo com valor adjectivo, uma forma verbal e um substantivo, duas formas verbais, ou ainda outras combinações de palavras, e em que o conjunto dos elemen-tos, mantida a noção da composição, forma um sentido único ou uma aderência de sen-tidos. Exemplos: *água-de-colónia*, *arco-da-velha*, *bispo-conde*, *brincos-de-princesa*, *cor-de-rosa* (adjectivo e substantivo invariável), *decreto-lei*, *erva-de-santa-maria*, *médico-cirurgião*, *rainha-cláudia*, *rosa-do-japão*, *tio-avô*; *alcaide-mor amor-perfeito*, *cabra-cega*, *criado-mudo*, *cristão-novo*, *fogo-látuo*, *guarda-noctur-no*, *homem-bom*, *lugar-comum*, *obra-prima*, *sangue-irio*; *alto-relevo*, *baixo-relevo*, *belas-letras*, *boca-nova* (insecto), *grande-oficial*, *grão-duque*, *má-criação*, *primeiro-ministro*, *pri-meiro-sargento*, *quota-parte*; *rico-homem*, *se-gunda-feira*, *segundo-sargento*; *amarelo-claro*, *azul-escuro*, *azul-ferrete*, *azul-topázio*, *casta-nho-escuro*, *verde-claro*, *verde-esmeralda*, *ver-de-gaio*, *verde-negro*, *verde-rubro*; *conta-go-tas*, *deita-gatos*, *finca-pé*, *guarda-chuva*, *pá-ra-que-das*, *porta-bandeira*, *quebra-luz*, *torna-via-gem*, *troca-tintas*; *puxa-puxa*, *ruge-ruge*; *as-sim-assim* (advérbio de modo), *bem-me-quer*, *bem-te-vi*, *chove-não-molha*, *diz-que-diz-que*, *mais-que-perfeito*, *maria-já-é-dia*, *menos-mal*, (= "sofritavelmente"), *menos-mau* (= "sofrit-vel"). Se, porém, no conjunto dos elemen-tos de um composto está perdida a noção da composição, faz-se a aglutinação completa: *girassol*, *madrepérola*, *madessilva*, *pontapé*.

De acordo com as espécies de compostos que ficam indicadas, deveriam, em prin-cípio, exigir o uso do hífen todas as espécies de compostos do vocabulário onomástico que estivessem em idênticas condições morfoló-gicas e semânticas. Contudo, por simplifi-cação ortográfica, esse uso limita-se apena-s a alguns casos, tendo-se em consideração as práticas correntes. Exemplos:

a) nomes em que dois elementos se li-gam por uma forma de artigo: *Albergaria-a-Velha*, *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*;

b) nomes em que entram os elementos *grão* e *grã*: *Grã-Bretanha*, *Grão-Pará*;

c) nomes em que se combinam simétrica-mente formas onomásticas (tal como em *bispo-conde*, *médico-cirurgião*, etc.): *Áustria-Hungria*, *Croácia-Eslavónia*;

d) nomes que principiam por um elemento verbal: *Passa-Quatro*, *Quebra-Dentes*, *Traga-Mouros*, *Trinca-Fortes*;

e) nomes que assentam ou correspondem directamente a compostos do vocabulário co-mum em que há hífen: *Capitão-Mor*, como

capitão-mor; Norte-Americanos, como norte-americano; Peles-Vermelhas, como pele-vermelha; Sul-Africanos, como sul-africano; Todo-Poderoso, como todo-poderoso.

Limitado asism o uso do hífen em compostos onomásticos formados por justaposição de vocábulo, são variadíssimos os compostos do mesmo tipo que prescindem desse sinal; e apenas se admite que um ou outro o tenha em parte, se o exigir a analogia com algum dos casos supracitados ou se entrar na sua formação um vocábulo escrito com hífen: *A dos Francos* (povoação de Portugal), *Belo Horizonte*, *Castelo Branco* (topónimo e antropónimo; com a variação *Castel Branco*), *Entre Ambos-os-Rios*, *Figueira da Foz*, *Foz Tua*, *Freixo de Espada à Cinta*, *Juiz de Fora*, *Lourenço Marques*, *Minas Gerais*, *Nova Zelândia*, *Ouro Preto*, *Ponte de Lima*, *Porto Alegre*, *Rio de Janeiro*, *Santa Rita do Passa-Quatro*, *São* (ou *S.*) *Mamede de Ribatua*, *Torer de Dona* (ou *D.*) *Chama*, *Vila Nova de Foz Côa*. Entretanto, os derivados directos dos compostos onomásticos em referência, tanto dos que requerem como dos que dispensam o uso do hífen, exigem este sinal, à maneira do que sucede com os derivados directos de compostos similares do vocabulário comum. Quer dizer: do mesmo modo que se escreve, por exemplo, *bem-me-querzinho*, *grande-oficialato*, *grão-mestrado*, *guarda-moria*, *pára-queda*, *santa-fézal*, em harmonia com *bem-me-quer*, *grande-oficial*, *grão-mestre*, *guarda-mor*, *pára-queda*, *santa-fé*, deve escrever-se: *belo-horizontino*, de *Belo Horizonte*; *castelo-vidense*, de *Castelo de Vide*; *espírito-santense*, de *Espírito Santo*; *juiz-forano*, de *Juiz de Fora*; *ponte-limense*, de *Ponte de Lima*; *porto-alegrense*, de *Porto Alegre*; *são-tomense*, de *São* (ou *S.*) *Tomé*; *vila-realense*, de *Vila Real*.

Convém observar, a propósito que as locuções onomásticas (as quais diferem dos compostos onomásticos como quaisquer locuções diferem de quaisquer compostos, isto é, por não constituírem unidades semânticas ou aderências de sentidos, mas conjuntos vocabulares em que os respectivos componentes, apesar da associação que formam, têm os seus sentidos individualizados) dispensam, sejam de que espécie forem, o uso do hífen, sem prejuízo de este se manter em algum componente que já de si o possuía: *América do Sul*, *Beira Litoral*, *Gália Cisalpina*, *Irlanda do Norte*, *Coração de Leão*, *Demónio do Meio-Dia*, *Príncipe Perteito*, *Rainha Santa*; etc. Estão assim em condições

iguais às de todas as locuções do vocabulário comum, as quais, a não ser que algum dos seus componentes tenha hífen (ao *deus-dará*, à *queima-roupa*, etc.), inteiramente dispensam este sinal, como se pode ver em exemplos de várias espécies:

a) locuções substantivas: *alma de cântaro*, *cabeça de motim*, *cão de guarda*, *criado de quarto*, *moço de recados*, *sala de visitas*;

b) locuções adjectivas: *côr de açafraão*, *cor de café com leite*, *cor de vinho* (casos diferentes de *cor-de-rosa*, que não é locução, mas verdadeiro composto, por se ter tornado unidade semântica);

c) locuções pronominais: *cada um*, *ele próprio*, *nós mesmos*, *nós outros*, *quem quer que seja*, *uns aos outros*;

d) locuções adverbiais: *à parte* (note-se o substantivo *aparte*) *de mais* (locução a que se contrapõe *de menos*; note-se *demais*, adverbio, conjunção, etc.), *depois de amanhã*, *em cima*, *por certo*, *por isso*;

e) locuções prepositivas: *abaixo de*, *acerta de*, *acima de*, *a fim de*, *a par de*, *à parte de*, *apesar de*, *aquando de*, *debaixo de*, *enquanto a*, *por baixo de*, *por cima de*, *quanto a*;

f) locuções conjuncionais: *a fim de que*, *ao passo que*, *contanto que*, *logo que*, *por conseguinte*, *visto como*.

BASE XXIX

Emprega-se o hífen em palavras formadas com prefixos de origem grega ou latina, ou com outros elementos análogos de origem grega (primitivamente adjectivos), quando convém não os aglutinar aos elementos immediatos, por motivo de clareza ou expressividade gráfica, por ser preciso evitar má leitura, ou por tal ou tal prefixo ser acentuado graficamente. Assim o documentam os seguintes casos:

1.º) compostos formados com os prefixos *contra*, *extra* (exceptuando-se *extraordinário*), *infra*, *intra*, *supra* e *ultra*, quando o segundo elemento tem vida à parte e começa por vogal, h, r ou s: *contra-almirante*, *contra-harmónico*, *contra-regra*, *contra-senha*; *extra-axilar*, *extra-humano*, *extra-regulamentar*, *extra-secular*; *infra-axilar*, *infra-hepático*, *infra-renal*, *infra-som*; *intra-hepático*, *intra-ocular*, *intra-raquidiano*; *supra-axilar*, *supra-hepático*, *supra-renal*, *supra-sensível*; *ultra-humano*, *ultra-ocêânico*, *ultra-romântico*, *ultra-som*;

2.º) compostos formados com os elementos de origem grega *auto*, *neo*, *proto* e *pseudo*, quando o segundo elemento tem vida à parte e começa por vogal, *h*, *r* ou *s*: *auto-educção*, *auto-retrato*, *auto-sugestão*; *neo-escolástico*, *neo-helênico*, *neo-republicano*, *neo-socialista*; *proto-árico*, *proto-histórico*, *proto-romântico*, *proto-sulfureto*; *pseudo-apóstolo*, *pseudo-revelação*, *pseudo-sábio*;

3.º) compostos formados com os prefixos *anti*, *arqui* e *semi*, quando o segundo elemento tem vida à parte e começa por *h*, *i*, *r* ou *s*: *anti-higiênico*, *anti-ibérico*, *anti-religioso*, *anti-semita*; *arqui-rabino*, *arqui-secular*; *semi-homem*, *semi-interno*, *semi-recta*, *semi-selvagagem*;

4.º) compostos formados com os prefixos *ante*, *entre* e *sobre*, quando o segundo elemento tem vida à parte e começa por *h*: *ante-histórico*; *entre-hostil*; *sobre-humano*;

5.º) compostos formados com os prefixos *hiper*, *inter* e *super*, quando o segundo elemento tem vida à parte e começa por *h* ou por um *r* anterior: *hiper-humano*; *inter-helênico*, *inter-resistente*; *super-homem*, *super-requintado*;

6.º) compostos formados com os prefixos *ab*, *ad* e *ob*, quando o segundo elemento começa por um *r* que não se liga foneticamente ao *b* ou *d* anterior: *ab-rogar*; *ad-renal*; *ob-replicio*;

7.º) compostos com o prefixo *sub* ou com o seu paralelo *sob*, quando o segundo elemento começa por *b*, por *h* (salvo se não tem vida autónoma: *subastar*, em vez de *sub-hastar*) ou por um *r* que não se liga foneticamente ao *b* anterior: *sub-bibliotecário*, *sub-hepático*, *sub-rogar*; *sob-roda*, *sob-rojar*;

8.º) compostos formados com o prefixo *circum*, quando o segundo elemento começa por vogal, *h*, *m* ou *n*: *circum-ambiente*, *circum-hospitalar*, *circum-murado*, *circum-navegação*;

9.º) compostos formados com o prefixo *co*, quando este tem o sentido de "a por" e o segundo elemento tem vida autónoma: *co-autor*, *co-dialecto*, *co-herdeiro*, *co-proprietário*;

10.º) compostos formados com os prefixos *com* e *mal*, quando o segundo elemento começa por vogal ou *h*: *com-aluno*; *mal-aventurado*, *mal-humorado*;

11.º) compostos formados com o elemento de origem grega *pan*, quando o segundo elemento tem vida à parte e começa por vogal ou *h*; *pan-americano*, *pan-americanismo*; *pan-helênico*, *pan-helenismo*;

12.º) compostos formados com o prefixo *bem*, quando o segundo elemento começa por consoante, mas está em perfeita evidência de sentido: *bem-aventurado*, *bem-aventurança*, *bem-humorado*; *bem-criado*, *bem-fadado*, *bem-fazente*, *bem-fazer*, *bem-querente*, *bem-querer*, *bem-vindo*;

13.º) compostos formados com o prefixo *sem*, quando este mantém a pronúncia própria e o segundo elemento tem vida à parte: *sem-cerimónia*, *sem-número*, *sem-razão*;

14.º) compostos formados com o prefixo *ex*, quando este tem o sentido de cessamento ou estado anterior; *ex-director*, *ex-primeiro-ministro*, *ex-rei*;

15.º) compostos formados com os prefixos *vice* e *vizo* (salvo se o segundo elemento não tem vida à parte: *vicedomino*), ou com os prefixos *soto* e *sota*, quando sinónimos desses: *vice-almirante*, *vice-cônsul*, *vice-primeiro-ministro*; *vizo-rei*, *vizo-reinado*, *vizo-reinar*; *soto-capião*, *soto-mestre*, *soto-piloto*; *sota-capitão*, *sota-patrão*, *sota-piloto*;

16.º) compostos formados com prefixos que têm acentos gráficos, como *além*, *aquém*, *pós* (paralelo de *pós*), *pré* (paralelo de *pre*), *pró* (com o sentido de "a favor de"), *recém*: *além-Atlântico*, *além-mar*; *aquém-Atlântico*, *aquém-fronteiras*; *pós-glaciário*, *pós-socrático*; *pré-histórico*, *pré-socrático*; *pró-britânico*, *pró-germânico*, *recém-casado*, *recém-nascido*.

BASE XXX

Emprega-se o hífen nos vocábulos terminados por sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjectivas, como *açu*, *guaçu* e *mirim*, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica dos dois elementos: *amoré-guaçu*, *anajá-mirim*, *anadá-açu*, *capim-açu*, *Ceará-Mirim*.

BASE XXXI

Emprega-se o hífen nas ligações da preposição de às formas monossilábicas do presente do indicativo do verbo *haver*: *hei-de*, *hás-de*, *há-de*, *heis-de*, *hão-de*.

BASE XXXII

É o hífen que se emprega, e não o travessão, para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos compostos, mas encadeamentos vocabuláres: a *divisa Liberdade-Igualdade-Fraternidade*; a *estrada Rio de Janeiro-Petrópolis*; o *desafio de xadrez In-*

glaterra-França; o percurso Lisboa-Coimbra-Porto.

BASE XXXIII

É inadmissível o uso do apóstrofo nas combinações das preposições *de* e *em* com as formas do artigo definido, com formas pronominais diversas e com formas adverbiais (exceptuado o que se estabelece nas bases xxxv e xxxvi). Tais combinações são representadas por uma só forma vocabular, se constituem, de modo fío, uniões perfeitas:

a) *do, da, dos, das; dele, dela, deles, delas; deste, desta, destes, destas, disto; desse, dessa, desses, dessas, disos; daquele, daquela, daqueles, daquelas, daquilo; destoutro, destoutra, destroutros, destoutras; dessoutro, dessoutra, dessoutros, dessoutras; daqueloutro, daqueloutra, daqueloutros, daqueloutras; daqui, daí, dali; dacolá; donde; dantes (= "antigamente");*

b) *no, na, nos, nas; nele, nela, neles, nelas; neste, nesta, nestes, nestas, nisto; nesse, nesa, nesses, nessas, nisso; naquele,*

trouto, nestoutra, nestoutros, nestroutras; nescoutro, nescoutra, nescoutros, nescoutras; naqueloutro, naqueloutra, naqueloutros, naqueloutras; num, numa, nuns, numas; noutro, noutra, noutros, noutras, noutrem; nalgum, nalguma nalguns, nalgumas, nalguém, nalgo;

2.º) por uma ou duas formas vocabulares, se não constituem, de modo fío, uniões perfeitas (apesar de serem correntes com esta feição na pronúncia portuguesa): *de um, de uma, de uns, de umas, ou dum, duma, uns, dumás; de algum, de alguma, de alguns, de algumas, de alguém, de algo, de algures, de alhures, ou dalgum, dalguma, dalguns, dalgumas, dalguém, dalgo, dalgures, dalhures, de outro, de outra, de outros, de outras, de outrem, de outrora, ou doutro, doutra, doutros, dourtras, doutrem, dourtra; de aquém ou daquém, de além ou dalém; de entre ou dentre.*

De acordo com os exemplos deste último tipo, tanto se admite o uso da locução adverbial de ora avante como do advérbio que representa a contracção dos seus três elementos: *doravante.*

Relativamente às combinações da preposição *em* com formas articulares e pronominais, observe-se que legitimamente coexistem com elas, abonadas pela tradição da Língua, construções em que essa preposição se não combina com tais formas: *em o = no, em um = num, em algum = nalgum, em outro = noutro, etc.*

BASE XXXIV

Quando a preposição *de* se combina com as formas articulares ou pronominais *o, a, os e as*, ou com quaisquer pronomes ou advérbios começados por vogal, mas acontecere estarem essas palavras integradas em construções de infinitivo, não se emprega o apóstrofo nem se funde a preposição com a forma imediata, escrevendo-se estas duas separadamente: *a fim de ele compreender; apesar de não o ter visto; em virtude de os nossos pais serem bondosos; por causa de aqui estares.*

BASE XXXV

Faz-se uso do apóstrofo para cindir graficamente uma contracção ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fracção respectiva pertence propriamente a um conjunto vocabular distinto: *d'"Os Lusíadas", d'"Os Sertões"; n'"Os Lusíadas", n'"Os Sertões"; pel'"Os Lusíadas", pel'"Os Sertões".* Nada obsta, contudo, a que estas escritas sejam substituídas por empregos de preposições integras, se o exigir razão especial de clareza, expressividade ou ênfase: *de "Os Lusíadas", em "Os Lusíadas", por "Os Lusíadas", etc.*

As cisões indicadas são análogas as dissoluções gráficas que se fazem, embora sem emprego do apóstrofo, em combinações da preposição *a* com palavras pertencentes a conjuntos vocabulares imediatos; a *"A Relíquia"*, a *"Os Lusíadas"* (exemplos: *expressões emprestadas a "A Relíquia"; recorro a "Os Lusíadas"*). Em tais casos, como é óbvio, entende-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a A = à, a Os = aos, etc.*

BASE XXXVI

Pode cindir-se por meio do apóstrofo uma contracção ou aglutinação vocabular, quando um elemento ou fracção respectiva é forma pronominal e se lhe quer dar realce com o uso da maiúscula (veja-se a base XLV): *d'Ele, n'Ele, d'Aquela, n'Aquela, d'O, n'O, pel'O, m'O, t'O, lh'O*, casos em que a segunda parte, forma masculina, é aplicável a Deus, a Jesus, etc.; *d'Ela, n'Ela, d'Aquela, n'Aquela, d'A, n'A, pel'A, m'A, t'A, lh'A*, casos em que a segunda parte, forma feminina, é aplicável à Mãe de Jesus, à Providência, etc. Exemplos frásicos: *confiamos n'O que nos salvou; esse milagre revelou-*

-m'O; está n'Ela a nossa esperança; pugne-
mos pel'A que é nossa padroeira.

À semelhança das cisões indicadas, pode dissolver-se gráficamente, posto que sem uso do apóstrofo, uma combinação da preposição *a* com uma forma pronominal realçada pela maiúscula: *a O*, *a Aquele*, *a A*, *a Aquela* (entendendo-se que a dissolução gráfica nunca impede na leitura a combinação fonética: *a O* = *ao*, *a Aquele* = *aquele*, etc.). Exemplos frásicos: *a O* que tudo pode; *a Aquela* que nos protege.

BASE XXXVII

Sempre que, no interior de uma palavra composta, se dá invariavelmente, tanto em Portugal como no Brasil, a elisão *do* e da preposição *de*, emprega-se o apóstrofo: *cobra-d'água*, *copo-d'água* (planta, etc.), *galinha-d'água*, *mãe-d'água*, *pau-d'água*, *pau-d'alho*, *pau-d'arco*. Dando-se, porém, o caso de essa elisão ser estranha à pronúncia brasileira e só se verificar na portuguesa, o apóstrofo é dispensado, escrevendo-se a preposição em forma íntegra: *allinete-de-ama*, *maçã-de-adão*, *mão-de-obra*, *pé-de-alferes*.

Observe-se que no primeiro caso (elisão invariável) o emprego do apóstrofo dispensa o hífen entre a preposição e o elemento imediato.

BASE XXXVIII

Emprega-se o apóstrofo nas ligações das formas *santo* e *santa* a nomes do hagiológico, quando importa representar a elisão das vogais finais *o* e *a*: *Sant'Ana*, *Sant'Iago*, etc. É, pois, correcto escrever: *Calçada de Sant'-Ana*, *Rua de Sant'Ana*; *culto de Sant'Iago*, *Ordem de Sant'Iago*. Mas, se as ligações deste género, como é o caso destas mesmas *Sant'Ana* e *Sant'Iago*, se tornam perfeitas unidades mórnicas, soldam-se os dois elementos: *Fulano de Santana*, *ilhéu de Santana*, *Santana do Parnaíba*; *Fulano de Santiago*, *ilha de Santiago*, *Santiago do Cacém*.

Em paralelo com a grafia *Sant'Ana* e congêneres, emprega-se também o apóstrofo nas ligações de duas formas antropónicas, quando é necessário indicar que na primeira se elide um o final: *Nun'Álvares*, *Pedr'Álvares*, *Pedr'Eanes*.

Note-se que nos casos referidos as escritas com apóstrofo, indicativas de elisão, não impedem, de modo algum, as escritas sem apóstrofo: *Santa Ana*, *Nuno Álvares*, *Pedro Álvares*, etc.

BASE XXXIX

Os nomes de raças, povos ou populações, qualquer que seja a sua modalidade, e nomes pertencentes ao calendário, com excepção das designações dos dias da semana, escritas sempre com minúscula, e os nomes de festas públicas tradicionais, seja qual for o povo a que se refiram, escrevem-se todos com maiúscula inicial, por constituírem verdadeiras formas onomásticas. Exemplos: os *Açorianos*, os *Americanos*, os *Brasileiros*, os *Cariocas*, os *Hispanos*, os *Lisboetas*, os *Lou-teanos*, os *Marcianos*, os *Mato-Grossenses*, os *Minhotos*, os *Murtoseiros*, os *Negros*, os *Portugueses*, os *Tupinambás*; *Abril*, *Brumário*, *Elatebólion*, *Nissã* ou *Nissão*, *Outono*, *Primavera*, *Ramadã* ou *Ramadão*, *Xebate*; *Carvalho* (também nome do calendário), *Elatebólias*, *Lupercalis*, *Saturnais*, *Tesmotórias*.

Relativamente a todos estes nomes, note-se que é importante distinguir deles as formas que podem corresponder-lhes como nomes comuns e que, como tais, exigem o emprego da minúscula inicial: muitos *americanos*, quaisquer *portugueses*, todos os *brasileiros*; *fevereiro* (nome de uma ave), *outonos* (cereais que se semeiam no Outono), *primavera* (nome de plantas).

Note-se ainda que os nomes de raças, povos ou populações mantêm a maiúscula inicial, quando empregados, por metonímia, no singular: o *Brasileiro* = os *Brasileiros*, o *Mineiro* = os *Mineiros*, o *Minhoto* = os *Minhotos*, o *Negro* = os *Negros*, o *Português* = os *Portugueses*, o *Tupinambá* = os *Tupinambás*.

BASE XL

Escrevem-se com maiúscula inicial os vocábulos que nomeiam pesosas de maneira vaga, fazendo as vezes de antropónimos, como *Fulano*, *Sicrano*, *Beltrano* e respectivos femininos: *Falano de tal*; *Fulana de tal*; *Fulano disse uma coisa*, *Fulana* outra; *Fulano*, *Sicrano* e *Beltrano* pensam do mesmo modo. Quando, porém, um destes vocábulos é sinónimo de *indivíduo*, *sujeito*, *tipo*, etc., ou de formas femininas correspondentes, constituindo assim verdadeiro substantivo comum, já se não escreve com maiúscula, mas com minúscula: *esse fulano*; *aquela fulana*; *um fulano* qualquer.

BASE XLI

Os nomes dos pontos cardeais e dos pontos colaterais, que geralmente se escrevem com minúscula inicial, recebem, por excep-

ção, a maiúscula, quando designam regiões: o Norte do Brasil; os mares do Sul; os povos do Oriente; as terras do Levante; o Ocidente europeu; o Noroeste africano; a linguagem do Nordeste.

BASE XLII

Escrevem-se com maiúscula inicial os substantivos que designam altos conceitos políticos, nacionais ou religiosos, quando se empregam sinteticamente, isto é, com dispensa de quaisquer qualificativos: o Estado, o Império, a Nação; a Língua, a Pátria, a Raça; a Fé, a Igreja, a Religião. Exemplos frásicos: beneficiou o Estado; foi grande cultor da Língua; propagou a Fé.

BASE XLIII

Escrevem-se com maiúscula inicial os nomes de ciências, ramos de ciências e artes, quando em especial designam disciplinas escolares ou quadros de estudos pedagógicamente organizados. Quer dizer: embora tais nomes se grafem geralmente com minúscula (anatomia, arquitectura, direito canónico, economia política, escultura, filologia românica, física geral, fonética histórica, geografia, glotologia, linguística, medicina, música, pintura, química orgânica, teologia, etc.), recebem a maiúscula em casos como estes: doutorou-se em Direito; é aluno de Filologia Portuguesa; está matriculado em Clínica Médica; frequenta as aulas de Geografia Económica; obteve distinção na cadeira de Física; terminou o curso de Pintura.

BASE XLIV

Escrevem-se com maiúsculas iniciais, nas citações, os títulos e subtítulos de livros, de publicações periódicas e de produções artísticas: O Primo Basílio — Episódio Doméstico Os Serões, Serões Gramaticais; A Noite (nome de jornal), Diário Oficial, Revista Lusitana; O Desterrado (estátua de Soares dos Reis), O Guarani (ópera de Carlos Gomes), Transfiguração (quadro de Rafael). No entanto, escrevem-se com minúsculas iniciais (ou minúscula exclusiva, se unilíteros), sem prejuízo de haver sempre maiúscula na primeira palavra, os seguintes componentes de títulos e subtítulos deste género: 1.º formas do artigo definido ou do pronome demonstrativo afim; 2.º palavras inflexivas (preposições, advérbios, etc.), simples ou combinadas com as mesmas formas; 3.º locuções relativas a qualquer categoria de palavras

inflexivas e combinadas ou não de modo idêntico. Exemplos dos três casos: Contra o Militarismo, Sóror Mariana, a Freira Portuguesa; A Morgadinha dos Canaviais — Crónica da Aldeia, Mil e Seiscentas Léguas pelo Atlântico, Oração aos Moços, Reflexões sobre a Língua Portuguesa, Voltareis, ó Cristo?; Algumas Palavras a respeito de Púcaros em Portugal, A propósito de Pasteur, Viagem à roda da Parvónia.

BASE XLV

As formas pronominais referidas a entidades sagradas (Deus, Jesus, Maria, etc.), podem escrever-se com maiúscula inicial (ou maiúscula exclusiva, se unilíteras), quando há intuito de lhes dar especial relevo (veja-se a base xxxvi): dedicam-Lhe culto fervoroso; é Ela a nossa protectora; invocamo-Lo muitas vezes; veneramos O que nos salvou.

Por sua vez, devem conservar a maiúscula, quando transcritas, as formas pronominais que pessoas de alta hierarquia referem a si mesmas e a que dão, segundo usos consagrados, esse realce gráfico: Eu, Nós, Nosso, etc.

BASE XLVI

Os nomes de cargos, postos ou dignidades hierárquicas, sejam quais forem os respectivos graus, assim como os vocábulos que designam títulos, qualquer que seja a importância destes, escrevem-se, em regra, com minúscula inicial, ressalvada, claro está, a possibilidade de emprego da maiúscula em complementos que os especifiquem: o arcebispo de Braga, o conselheiro F., o duque de Caxias, o imperador, o marquês de Pombal, o patriarca das Índias, o presidente da República, o rei de Inglaterra, o reitor da Universidade. Sem embargo, usa-se a maiúscula em quaisquer vocábulos deste género, se assim o exigem práticas oficiais (correspondência de funcionários com superiores hierárquicos, assinatura de documentos por certas altas personalidades, etc.), ou se eles se encontram abrangidos por preceitos ortográficos especiais, como nos casos seguintes: Ao insigne Reitor da Universidade de... (início de uma dedicatória: Reitor, em vez de reitor, por deferência); Dom [ou D.] Abade (Abade, com maiúscula, por atracção gráfica da forma de tratamento Dom); Senhor [ou Sr.] Professor [ou Prof. (Professor, com maiúscula, por atracção gráfica de Senhor); Sua Excelência [ou S. Ex.ª] o Presidente da Repú-

blica (Presidente, com maiúscula, por atracção gráfica de Sua Excelência).

Os títulos universitários *bacharel*, *doutor*, *licenciado* e *mestre*, este último aplicado aos antigos graduados em Artes, escrevem-se, em atenção ao uso, com maiúscula inicial, se se empregam abreviados e antepostos a nomes de pessoas (ao modo do que acontece com a abreviatura de padre: P.^o António Vieira); o B.^o António de Azevedo, o Dr. Francisco de Castro, o L.^{do} João Franco Barreto, M.^o André de Resende. O mesmo se aplica, como é óbvio, às abreviaturas das flexões respectivas: a Dr.^a..., a L.^{da}..., os Drs. ..., os L.^{dos}..., as Dr.^{as}..., as L.^{das}... Ressalva-se, no entanto, a possibilidade de todas estas formas, mesmo escritas por extenso, levarem a maiúscula, se porventura o exigirem preceitos particulares: Caro Doutor (numa carta), caso em que a maiúscula resulta de deferência; Senhor [ou Sr.] Doutor, Senhor [ou Sr.] Licenciado, casos em que a maiúscula resulta de atracção gráfica da forma de tratamento Senhor (notem-se as grafias com abreviação integral: Sr. Dr., Sr. L.^{do}); Museu Etnológico do Doutor Leite de Vasconcelos, caso em que a maiúscula é determinada pela natureza da combinação vocabular (nome de uma instituição oficial).

BASE XLVII

As formas que ligam membros de compostos onomásticos ou elementos de locuções onomásticas escrevem-se com minúscula inicial (ou minúscula exclusiva, se unilíteras), desde que sejam: 1.^o) formas do artigo definido; 2.^o) palavras inflexivas, simples ou combinadas com as mesmas formas; 3.^o) locuções relativas a qualquer categoria de palavras inflexivas e combinadas ou não de modo idêntico. Exemplos dos três casos: *Entre-os-Rios* (povoação de Portugal), *Montemor-o-Novo*, *Trás-os-Montes*; *América do Norte*, *Entre Douro e Minho*, *Freixo de Espada à Cinta*, *Santo André da Borda do Campo*, *Rio Grande do Sul*; *Rossio ao sul do Tejo*, *Viana de a par de Alvito* (ou *Viana a par de Alvito*).

Esta norma é extensiva a quaisquer combinações de palavras que se escrevem com maiúsculas iniciais (veja-se o que ficou expresso na base XLIV, a propósito de títulos e subtítulos de livros). Exemplos: *Festa da Raça*; *Instituto para a Alta Cultura*; *República dos Estados Unidos do Brasil*; *Rua do Ouvidor*.

BASE XLVIII

A divisão silábica, que em regra se faz pela soletração (*a-ba-de*, *bru-ma*, *ca-cho*, *lha-no*, *ma-lha*, *ma-nha*, *má-xi-mo*, *ó-xi-do*, *ro-xo*, *tme-se*), e na qual, por isso, se não tem de atender aos elementos constitutivos dos vocábulos segundo a etimologia (*a-ba-li-e-nar*, *bi-sa-vó*, *de-sa-pa-re-cer*, *di-sú-ri-co*, *e-xâ-ni-me*, *hi-pe-ra-cú-si-co*, *i-ná-bil*, *o-bo-val*, *su-bo-cu-lar*, *su-pe-rá-ci-do*), obedece a vários preceitos particulares, que rigorosamente cumpre seguir, quando se tem de fazer em fim de linha, mediante o emprego do hífen, a partição de uma palavra:

1.^o São indivisíveis no interior de palavra, tal como inicialmente, e formam, portanto, sílaba para a frente as sucessões de duas consoantes que constituem perfeitos grupos, ou sejam (com excepção apenas de vários compostos cujos prefixos terminam em *b* ou *d*: *ab-||legaço*, *ad-||ligar*, *sub-||lunar*, etc., em vez de *a-||blegaço*, *a-||dligar*, *su-||blunar*, etc.), aquelas sucessões em que a primeira consoante é uma labial, uma gutural, uma dental ou uma labiodental e a segunda um *l* ou um *r*: *a-||bluço*, *cele-||brar*, *du-||plicaço*, *re-||primir*; *a-||clamar*, *de-||lcreto*, *de-||glutiço*, *re-||grado*; *a-||tlético*, *cáte-||dra*, *perí-||metro*; *a-||fluir*, *a-||fricano*, *ne-||vrose*.

2.^o São divisíveis no interior de palavra as sucessões de duas consoantes que não constituem propriamente grupos (ainda que uma delas se não pronuncie) e igualmente as sucessões de uma ressonância nasal e uma consoante *s*: *ab-||dicar*, *adop-||tar*, *amig-||dalite*, *Ed-||gardo*, *fac-||to*, *op-||tar*, *sec-||tor*, *sub-||por*; *ab-||soluto*, *ac-||ção*, *ad-||jectivo*, *adop-||ção*, *af-||ta*, *bet-||samita*, *íp-||silon*, *ob-||viar*; *des-||cer*, *dis-||ciplina*, *flores-||cer*, *nas-||cer*, *res-||cisão*; *ac-||ne*, *od-||mirável*, *Daf-||ne*, *diafrag-||ma*, *drac-||ma*, *ét-||nico*, *rit-||mo*, *sub-||meter*; *am-||nésico*, *interam-||nense*; *bir-||reme*, *cor-||roer*, *pror-||rogar*; *as-||segurar*, *bis-||secular*, *sos-||segar*; *bissex-||to*, *contex-||to*, *ex-||citar*; *atroz-||mente*, *capaz-||mente*, *infeliz-||mente*; *am-||bição*, *desen-||ganar*, *en-||xame*, *man-||chu*, *Mâm-||lio*; etc.

3.^o As sucessões de mais de duas consoantes ou de uma ressonância nasal e duas ou mais consoantes são divisíveis por um de dois modos: se nelas entra um dos grupos que são indivisíveis (de acordo com o preceito 1.^o), esse grupo forma sílaba para diante, ficando a consoante ou consoantes que o precedem ligadas à sílaba anterior; se nelas não entra nenhum desses grupos, a

divisão dá-se sempre antes da última consoante, quer sejam todas pronunciadas, quer haja alguma que não soe. Exemplos dos dois casos: *cam-||braia*, *ec-||lipse*, *em-||blema*, *ex-||plicar*, *in-||cluir*, *ins-||crição*, *subs-||crever*, *trans-||gredir*; *abs-||tensão*, *antár-||tico*, *arc-||tópode*, *disp-||neia*, *inters-||telar*, *lamb-||dacismo*, *sols-||tticial*, *Terp-||sicore*, *tungs-||ténio*.

4.º As vogais consecutivas que não pertencem a ditongos decrescentes (as que pertencem a ditongos deste tipo nunca se separam: *ai-||roso*, *cadei-||ra*, *insti-||tui*, *ora-||ção*, *sacris-||tões*, *traves-||sões*) podem, se a primeira delas não é u precedido de g ou q, e mesmo que sejam iguais, separar-se na escrita: *ala-||úde*, *áre-||as*, *ca-||apeba*, *co-||ordenar do-||ler*, *flu-||idez*, *perdo-||las*, *vo-||los*. O mesmo se aplica aos casos de contiguidade de ditongos, iguais ou diferentes, ou de ditongos e vogais: *cai-||ais*, *cai-||éis*, *ensai-||los*, *flu-||tu*.

5.º As combinações gu e qu, em que o u se pronuncia, nunca se separam da vogal ou ditongo imediato, do mesmo modo que os digramas gu e qu (*ne-||gue*, *ne-||quel*, *pe-||que*, *pe-||quel*), em que o u se não pronuncia: *á-||gua*, *ambi-||quo*, *averi-||gueis*; *lon-||gín-||quos*, *lo-||quaz*, *quais-||quér*.

6.º Quando se tem de partir uma palavra composta ou uma combinação de palavras em que há um hífen ou mais, e a partição coincide com o final de um dos elementos ou membros, pode, por clareza gráfica, repetir-se o hífen no início da linha imediata: *ex-||al-||teres*, *mão-||de-||obra* ou *mão-||de-||obra*, *serená-||los-||emos* ou *serená-||los-||emos* ou *serená-||los-||emos*, *sub-||rogar*, *vice-||almirante*.

BASE XLIX

O ponto de interrogação e o ponto de exclamação apenas se empregam nas suas formas normais (? e !), comuns à escrita de grande número de idiomas. Não se faz uso, portanto, das suas formas invertidas (¿ ¡), para assinalar o início de uma interrogação ou de uma exclamação, sejam quais forem as dimensões destas.

BASE E

Para ressalva de direitos, cada qual poderá manter a escrita que, por costume, adote na assinatura do seu nome.

Com o mesmo fim, pode manter-se a grafia original de quaisquer firmas comerciais, no-

mes de sociedades, marcas e títulos que estejam inscritos em registo público.

BASE LI

Recomenda-se que os topónimos de línguas estrangeiras se substituam, tanto quanto possível, por formas vernáculos, quando estas sejam antigas em português, ou quando entrem, ou possam entrar, no uso corrente. Exemplos: *Anvers*, substituído por *Antuérpia*; *Berne*, por *Berna*; *Canterbury*, por *Canuária*; *Cherbourg*, por *Cherburgo*; *Garonne*, por *Garona*; *Helsinki*, por *Helsinquia*; *Jutland*, por *Jutlândia*; *Louvain*, por *Louvaina*; *Mainz*, por *Mogúncia*; *Montpellier*, por *Mompilher*; *München*, por *Munique*, *Zürich*, por *Zurique*; etc.

Lisboa, 25 de Setembro de 1945. — O presidente da Conferência: *Julio Dantas*. — A Delegação Brasileira: *Pedro Calmon*. — *Olegario Marianno*. — *José de Sá Nunes*, relator. — A Delegação Portuguesa: *Gustavo Cordeiro Ramos*, presidente. — *José Maria de Queiroz Vellozo*. — *Luiz da Cunha Gonçalves*. — *Francisco da Luz Rebelo Gonçalves*, relator.

DOCUMENTO N.º 3

PROTOCOLO DE ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA ORTOGRAFICA DE LISBOA

As Delegações Brasileira e Portuguesa, ao encerrar os seus trabalhos, tendo em consideração que o objectivo da Conferência se restringia à eliminação, por mútuo acordo, das divergências existentes entre os vocabulários ortográficos das duas Academias, de 1940 e de 1943; mas atendendo, outrossim, a que as circunstâncias lhes ofereceram o ensejo de realizar em comum alguns actos complementares, no sentido de facilitar as operações académicas conducentes à execução, nos dois países de língua portuguesa, do estipulado na Convenção de 29 de Dezembro de 1943, resolvem:

1.º) submeter aos respectivos Governos, para os efeitos que forem julgados convenientes, os seguintes documentos, dos quais consta que o objectivo da Conferência foi plenamente atingido, adoptando-se critério unitário, mediante ajustamento e concessões recíprocas, em todos os pontos de divergência verificados:

a) instrumento do Acordo Ortográfico de 10 de Agosto último (doc. I);

b) instrumento complementar, de 25 de Setembro findo, que contém o desenvolvimento analítico de cada uma das 51 bases do Acordo, para mais perfeita compreensão e exemplificação dos casos examinados e resolvidos (doc. II);

2.º) encaminhar às duas Academias as "Instruções" para elaboração dos vocabulários decorrentes do Acordo, apresentadas pela Delegação Brasileira, já examinadas, discutidas e aprovadas pela Conferência em sessão de 2 do corrente (doc. III), a fim de que as ditas Corporações, como é de sua competência, se pronunciem sobre a matéria, sem prejuízo do que foi preceituado no instrumento de 1 Ode Agosto de 1945 e nas respectivas bases analíticas de 25 de Setembro (docs. I e II);

3.º) recomendar às duas Academias, nos termos da resolução adoptada pela Conferência em sessão de 2 do corrente, a organização, com a possível brevidade, do Vocabulário Ortográfico Resumido a que se referem os artigos I e II da primeira parte do Acordo de 10 de Agosto último, a um tempo inventário das palavras básicas da língua e prontuário das alterações agora introduzidas na escrita portuguesa unificada, com o fim de prover com urgência às necessidades do ensino, da imprensa e das repartições oficiais de ambos os países, até que as Academias dêem à estampa os seus vocabulários completos;

4.º) manifestar à Academia Brasileira de Letras o desejo, expresso pela Delegação Portuguesa, de que aquela Corporação tome a iniciativa dos trabalhos do Vocabulário Resumido, com a colaboração da Academia das Ciências de Lisboa, mediante permuta de provas tipográficas, atendendo a que a Delegação Brasileira, durante a sua permanência em Lisboa, elaborou já um projeto do referido vocabulário, de que foram presentes à Conferência algumas folhas;

5.º) expressar o seu voto no sentido de que o instrumento do Acordo e as respectivas bases analíticas (docs. I e II), cuja entrega se fará directamente aos dois Governos, sejam publicadas ao mesmo tempo em Portugal e no Brasil;

6.º) sugerir as vantagens da reunião, na cidade do Rio de Janeiro e na primeira oportunidade, de um Congresso da Língua Portuguesa;

7.º) preconizar o prosseguimento da colaboração íntima, permanente e diuturna das

duas Academias em tudo quanto diga respeito à unidade ortográfica, ao esplendor literário e à política de expansão e prestígio do idioma.

Lisboa e Palácio da Academia, em 6 de Outubro de 1945.

O Presidente:

Julio Dantas.

A Delegação Brasileira:

Pedro Calmon.

Ruy Ribeiro Couto.

Olegario Marianno.

José de Sá Nunes.

A Delegação Portuguesa:

Gustavo Cordeiro Ramos.

José Maria de Queiroz Velloso.

Luiz da Cunha Gonçalves.

Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

DECRETO-LEI N.º 8.661, DE 14 DE JANEIRO DE 1946 (*)

Altera dispositivos do Decreto-lei n.º 5.175, de 7 de Janeiro de 1943, e dá outras providências

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta:

Art. 1.º O Capítulo VIII — Da transferência — do Decreto-lei n.º 5.175, de 7 de Janeiro de 1943, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Capítulo VIII — Da transferência:

Art. 46. A transferência de mensalista, de uma para outra série funcional, poderá ser feita a pedido ou *ex-officio*.

Art. 47. O mensalista poderá ser transferido:

I — de uma para outra série funcional de mesma denominação;

II — de uma para outra série funcional de denominação diversa.

Art. 48. A transferência far-se-á, atendida, sempre, a conveniência do serviço ou o interesse da administração.

Art. 49. A transferência do mensalista obedecerá aos seguintes trâmites:

(*) Publicado no Diário Oficial de 16 de Janeiro de 1946.

Sob
M. Cruz
14-10-72

64

A Ortografia Unificada.

Pe. António da Cruz, C. M.
Caraça, M. G.

O principal objectivo destas linhas é indicar as quatro dificuldades mais importantes que se encontram no uso do Acordo Ortográfico de 1945 e apontar os meios de as resolver.

Finalidade do Acordo Ortográfico de 1945.

Desde 1931, envidaram esforços os Governos brasileiro e português, por intermédio das respectivas Academias, em prol da simplificação e da unidade da ortografia da nossa língua. A primeira alcançaram-na com relativa facilidade, mas não assim a segunda.

Em 1940, editou a Academia das Ciências de Lisboa o seu *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* e, em 1943, a Academia Brasileira de Letras organizou o seu *Pequeno Vocabulário*. A despeito, porém, da perfeição de um e de outro, divergiram ambos em vários aspectos. Para resolver essas divergências, diversas foram as soluções apresentadas. Triunfou o alvitre de entrarem em contacto directo as duas Academias e propôs o nosso Governo que a Academia Brasileira nomeasse uma comissão plenipotenciária que fosse a Lisboa entender-se com a Academia das Ciências sobre o que convinha no sentido do restabelecimento da unidade ortográfica. A Academia Portuguesa habilitou a sua Delegação com idênticas credenciais. As Delegações Brasileira e Portuguesa realizaram o Acordo Ortográfico que recebeu, no Brasil e Portugal, a sanção oficial.

Principais Modificações Introduzidas pelo Acordo na Ortografia Simplificada.

Possuímos, finalmente, uma ortografia unificada, isto é, uma só maneira de grafar as palavras, no Brasil e em Portugal. Mas, para consegui-la, tiveram as duas Academias de transigir, de parte a parte, quanto:

- 1) a determinadas consoantes que passaram a escrever-se, embora se não profiram;
- 2) à acentuação gráfica de certos vocábulos e principalmente dos proparoxítonos, cuja sílaba tónica *A*, *E* ou *O* seja seguida de *M* ou *N*.

I.

1) Lista de palavras que se escrevem com dois CC, quando precedidos das vogais *A*, *E* ou *O*, embora eles se não profiram:

Abjecção	Dejecção	Infecção	Redacção
Abstracção	Desinfecção	Infracção	Refracção
Acção	Detracção	Injecção	Ressecção
Adjecção	Difracção	Inspeção	Retracção
Afecção	Dilecção	Intelecção	Retroacção
Arefacção	Direcção	Introspecção	Retrospecção
Atracção	Distracção	Intuspecção	Retrotracção
Bissecção	Efracção	Liquefacção	Secção
Calefacção	Ejecção	Madefacção	Seleção
Circunspecção	Erecção	Obstupefacção	Subdirecção
Coacção	Estupefacção	Olfacção	Subjecção
Colecção	Evecção	Perspecção	Substracção
Concocção	Exacção	Predilecção	Subtracção
Confecção	Extracção	Prelecção	Torrefacção
Conjecção	Extropecção	Projecção	Tracção
Conspecção	Facção	Protecção	Transacção
Contrafacção	Fracção	Putrefacção	Trissecção
Contracção	Inacção	Rarefacção	Tumefacção
Correcção	Incocção	Reacção	Vivissecção.
Decocção	Incorrecção		

2) As palavras que têm afinidade com as precedentes, recebem o grupo *CT*.

Exs.: de *abjecção* tem-se *abjecto*; de *abstracção* tem-se *abstractivo*, *abstracto*, *abstractor*; de *acção* tem-se *activação*, *activado*, *activante*, *activar*, *actividade*, *activo*, *acta*, *acto*, *actor*, *actual*, etc.

Nota. — Recebem também *CT* os afins de vocábulos, em que esse grupo está contido num *x*:

- Apoplexia* — *Apoplético*.
- Caquexia* — *Caquético*.
- Genuflexão* — *Genuflectir*.
- Flexão* — *Flectir*.
- Reflexão* — *Reflectir*.

3) Os grupos *PT* e *PÇ*, precedidos de *A*, *E* ou *O*.

Poucos vocábulos, contendo estes grupos, oferecem dificuldades, porque, na pronúncia brasileira, em quase todos se profere o *P*, salvo nos seguintes e nos que estão em afinidade com eles:

Adopção — adoptar, adoptivo, etc.
Baptismo — baptizar, baptismal, etc.
Excepção — excepto, exceptuar, etc.

Ajuntem-se as seguintes palavras em que facultativamente se profere o *P*:

Assumptível, *assumptivo*, *consumpção*, *consumptível*, *consumptivo*, *corrupção* (e seus afins), *corruptela*, *óptica*, *optimismo*, *peremptório*, *septenário*, *septênviro*, *septiforme*, *septissilabo*, *septuagenário*, *septuagésimo*, *septuplicar*, *sinóptico*, *sub-reptício*, *susceptibilidade* (e seus afins), *sumptuário*, *sumptuoso*.

II.

Levam acento agudo ou circunflexo as palavras proparoxítonas, cuja sílaba tónica *A*, *E* ou *O* é seguida de *M* ou *N*.

Tónica A.

As palavras, cuja sílaba tónica é *A*, recebem todas (excepto *Dánae*) acento circunflexo: *abundância*, *unânime*, *câmara*, *pânico*, *pirâmide*, etc.

Tónica E e O.

As tónicas *E* e *O* levam acento agudo, cada vez que *M* ou *N* pertencem à sílaba seguinte: *abstémio*, *académico*, *émulo*, *vénia*, *género*, *gênese*, *pénulo*, etc.; *anómalo*, *cómico*, *vômito*, *cómodo*, *António*, *cónico*, etc. Exceptuam-se as palavras: *fêmea*, *sêmea*, *sêmola*, *cômoro*.

Nota. — Este acento agudo serve apenas para assinalar a sílaba predominante e não para lhe determinar o timbre. O mesmo se aplica às palavras proparoxítonas: *Vênus*, *bónus*, *fémur*, etc.

Como se explica a presença de letras dobradas e grupos de consoantes, na grafia das palavras de que tratámos.

Explica-se:

1) pela variabilidade do valor fonético dessas consoantes: *aspecto* e *aspeto*, *contacto* e *contato*, etc.

2) pela tradição ortográfica.

3) pela similaridade da nossa língua com as demais línguas românicas.

4) pelo facto de se proferirem só no Brasil ou só em Portugal.

5) pela possibilidade de, num dos dois países, exercerem influência no timbre das vogais *A*, *E* ou *O*.

6) e pelo princípio de coerência gráfica. Assim, escreve-se *Egipto*, embora o *P* não soe, por causa de ele se proferir em todos os seus afins. Grafa-se *carácter*, por causa de *caracteres*, em que se pronuncia o *C*. Escreve-se *reflecto*, *reflecta*, etc., por causa de *reflectir*.

* *
*

Tais são as principais modificações feitas à ortografia do *Pequeno Vocabulário* que oferecem alguma dificuldade e estão ocasionando críticas ao Acordo de 1945.

Críticas.

Acusam-no de dificultar a escrita, grafando letras inúteis que destroem o princípio de se escrever como se fala.

Já vimos que, na pronúncia brasileira, a ortografia dessas consoantes é facilitada, por se proferirem em muitos dos vocábulos em que elas figuram. Além disso, o uso rigoroso do referido princípio impossibilitaria qualquer unificação ortográfica, mesmo só entre os diversos Estados do Brasil, em razão de obedecer a nossa língua a tendências fonéticas variáveis. O princípio de se escrever como se fala estava-se tornando um princípio de corrupção da língua. Baseados nele, escreviam muitos *compania*, *adatar*, *subtil*, etc., porque assim pronunciavam. O mesmo autor escrevia, no mesmo artigo, *contacto*, *aspecto*, *sector* e *contato*, *aspeto*, *setor*.

Lembrem-se os críticos do Acordo de que os melhores filólogos brasileiros consideravam, desde 1911, como ideal o sistema ortográfico de Gonçalves Viana e que, mesmo, em 1944, ao aparecer o *Pequeno Vocabulário*, deploraram que este o não tivesse adoptado integralmente. A própria acentuação, por ex. a preceituada pela base XIX do Acordo, que estamos defendendo, era empregada por eles. Lê-se em Sousa da Silveira: "Havendo, no Brasil, pronúncias tais como *António*, com *O* aberto, ponho acento agudo sobre *O* tónico, seguido de *M* ou *N*... Por essa razão é que escrevo *António*, *tónico*, *sinónimo*, *atómico*, *fenómeno*, etc." (*Lições de Português*, 3.^a ed., 1937, *Nota final sobre ortografia*.)

Pois bem, o Acordo de 1945 adoptou quanto possível o sistema de Gonçalves Viana. Como sistema de unificação ortográ-

6, p. 23

fica, único escopo deste Acordo, não pode ser melhor. De facto, o que está feito honra as duas Academias. "E' principalmente uma tarefa de projecção no futuro da nacionalidade e que se endereça às gerações de amanhã, nisto mais felizes do que as de hoje, amanhecidas para a vida intelectual sob o signo da multiplicidade legislativa e dos decretos contraditórios." (*Jornal do Comércio* de 13 de Dezembro de 1945.) Assim entendeu o nosso Governo e também o Governo Português que executaram pontualmente a Convenção diplomática de 29 de Dezembro de 1943, para adoptarem, como lei do Estado, o Acordo de 1945.

A Quem o Devemos.

Devemos o Acordo de 1945 à Delegação Brasileira, chefiada por Pedro Calmon, presidente da Academia Brasileira e representada por Olegário Mariano, Ribeiro Couto e José de Sá Nunes. Devemo-lo à Delegação Portuguesa, chefiada por Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências e representada por Gustavo Cordeiro Ramos, José Maria Queirós Veloso, Luís da Cunha e Francisco da Luz Rebelo Gonçalves.

Os dois técnicos da Conferência Interacadémica foram o português Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves e o brasileiro Dr. José de Sá Nunes, que não foi a Lisboa somente na qualidade de técnico, mas também, como diz o decreto federal, como membro da Comissão.

Acertadíssima foi a escolha do primeiro, para representar a Academia das Ciências. Rebelo Gonçalves é conhecido em Portugal e no Brasil pelas suas obras de filologia. Para aquilatar o seu valor filológico, bastará lembrar que foi ele o organizador do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências que a Academia Brasileira de Letras determinou servisse de base ao seu *Pequeno Vocabulário*. (Cf. Introdução.) Aliás, ninguém mais bem indicado para redigir as Bases Analíticas do Acordo de 1945. A sua estada em S. Paulo como catedrático, contratado pelo governo desse Estado para a sua Universidade, ampliou-lhe o profundo conhecimento das conquistas e tendências da língua portuguesa, no Brasil.

O Dr. José de Sá Nunes foi, dissemos, além de membro, o técnico da Delegação Brasileira.

Propalar, como já se fez, que a Delegação Brasileira se compunha de poetas, de juristas e de diplomatas, mas não de filólogos,

é injustiça clamorosa e antipatriótica. O Dr. José de Sá Nunes contribuiu valiosamente para o bom êxito do Acordo, porque não só assistiu às vinte e sete longas e às vezes fastidiosas sessões acadêmicas que se realizaram em Lisboa, mas sobretudo soube resolver com admirável prontidão e competência os pontos obscuros, orientando as discussões e imprimindo assim maior eficiência e celeridade aos trabalhos das duas comissões. E' incontestável que o Brasil enviou a Portugal o seu filólogo, o príncipe dos seus filólogos, cujos serviços, na Conferência Interacadêmica, nunca se enaltecerão demasiadamente.

Trouxè ele de Portugal as mesmas *Instruções* que precedem o Pequeno Vocabulário, de que foi organizador, modificadas de acordo com as exigências da unificação ortográfica dos dois países. Trouxe também as *Palmas de Ouro* que a Academia Portuguesa lhe conferiu e as insígnias da *Ordem de Sant'Iago da Espada* e a *Comenda da Ordem de Cristo* que o Governo português merecidamente lhe impôs.

A Conferência Interacadêmica, portanto, cumpriu muito bem o seu dever. Cumpramos nós igualmente o nosso, estudando, adoptando, ensinando, defendendo e prestigiando o Acordo Ortográfico de 1945, resultante dessa Conferência.

Caraça, 19 de Março de 1947.

Seu não pertença ao grupo de acci-ta's
de frase mais, porém aluã e
de frase, letra.

Margô - Ortografia 7, p. 25
31-7-557

Ô. S. Ê. R. Ê

ORTOGRAFIA
SIMPLIFICADA
BRAZILEIRA

BOLETIM ORTOGRAFICO

94

ÓRGÃO DO SÍRCULO OSBRIANO
GENERAL KLINGER — RIO DE JANEIRO, RUA DA CAPÉLA 102

N.º I	ANO XII DA O. S. B.	JULHO DE 1951
-------	---------------------	---------------

SUMÁRIO: *Animal racional!* — **EDITORIAL:** *Este Boletim...* — *A recalsitrásia do H mudo.* — *Outras reflexões e recórtés, esparsos.* — *Espediente.* — *Omenajem aos osbrianos mórto.* — *Pedido de ligação ou noíisia.* — *Cartilha da OSB.* — *Comfronto da OSB. com a vijente TORTOgrafia.* — *Pretestos, só pretestos!* — *Estatuto do Sirculo OSBriano.* — *Omenajem á OFRI.* — *A O.S.B. é revolucionária.* — *Almanac dos OSBrianos (os fundadores).* — *Sinópsé dos precursóres ortógrafos brazilunos.* — *Oração do bom ortógrafo.*

SE OS IRRASIONAES FALASEM! Clasifica-se o omo sapiens, ele próprio, de animal racional, poriso caracteristicamente cultural e cultivavel. Vae dai, móstra-se irrasional — e de ce renitente irrasionalidade?! — no fabrico e manejo do jenial imstrumento de cultura, a escrita alfabética, imsada ésta de torpezas e torpezas na disiplina do alfabéto e de seu emprego!

Á sã razão e á moral repugna a TORTOgrafia na escrita alfabética.

A TORTOgrafia dezeduca; e imfésta, contamina, de erroneias, dezigualdades de tratamento, imcomgruêmsias, á ESCRITA de inúmeras atividades humanas — se não de todas élas.

(Ver adeante o "Comfronto da O.S.B. com a TORTOgrafia").

ESTE BOLETIM...

I — ANTESEDENTES.

1. Dezde o inísió de minha campanha pela O.S.B. — racionalização radical da escrita alfabética — em 1940, surjiram manifestações esparsas de aplaozo, tanto ce fue levado a pemsar na maneira de vulgarizar a OSB., sistematizar a propaganda, alimentar a ésta, problema ce tramsendia do simples lamsamento do respectivo opusculo inisial.

2. Foe assim ce naseu, ainda no mezmo ano, o "SÍRCULO OSBRIANO (Adéptos da OSB.)", cujo ESTATUTO constituiu o motivo e matéria primsipal do segundo opusculo osbriano, saído a lume no comeso de 1941.

3. Tanto o opusculo inisial, vulgo "Cartilha OSBriana", como o ESTATUTO, foram reproduzidos e atoalizados no cinto opusculo osbriano, "5 ANOS DE OSB;", de 1945.

No prezente Boletim, para comodidade do leitor, é ainda reproduzido e atoalizado o ESTATUTO e é apresentada sob nóva fôrma a "Cartilha", libérta de referênsias espresas, no testo, á escrita ofisial vijente; como seu complemento, apresentamos a seguir, em artigo aotônomo, um "Com-
fronto" sintético da OSB. com a TORTOgrafia.

4. Um dispozitivo final do ESTATUTO, 1a. edição, estabelesia ce os fundadores do SIRCULO OSBRIANO sériam espesialmente mantidos ao par da vida do grêmio. O meio para satisfazer a ese objetivo foe um boletim mimeografado. Fazia-se a tirajem duma dũzia de ezemplares, mimeografados aos cuedados do secretário do S.O., Paolo E. Menna Barreto.

Sairam seis edições dese boletim (marso a agosto de 1941), até ce outras atividades osbrianas, de maeór urjêmsia de momento (nóvos opusculos!) fizéram dispensado ese "étimo" do "Boletim ORTOgrafico", ce óra, muinto esperamsados, apresentamos ao leitor.

Esperamos ter oportuniidade de trazer a lume neste boletim vários asuntos désa pecena colesão... etimológica.

5. A' falta do boletim, preemxia o papél de intercomunicasão, com os comfrades osbrianos e com o publico em jeral, (de par, acéla, com in-
tensa tróca de epistolázios), a minha frecuentasão da imprensa, com escritos osbrianos. E em bréve sobreviria o cuarto opusculo, "3 ANOS DE OSB.", em 1943, asim como pouco depoes comesava a aplicasão del outra modalidade de alimentasão da campanha pró ORTOgrafia: o uzo da OSB. nas minhas "NARRATIVAS AOTOBIOGRAFICAS", cujo Vol. I, "Como Fue Tenente", apareceu em 1944.

6. E em comeso de 45 surge o denodado osbriano Antônio de CAMPOS MÉLO, de S. JOZÉ DOS CAMPOS, Estado de S. PAULO, a suje-
rirme a publicasão de um boletim osbriano, a imstar pela realizasão désa idéia. Depoes de resebida a sugestão com rezérvas claramente articula-
das, faltou-me animo para deixar inaproveitada a amavel tentasão, e es-
pedi, em fevereiro, uma circular imprésa (200 ezemplares), a consultar os osbrianos e outras pesoas idôneas sobre o projéto da publicasão do boletim e a dispozisão dos comsultados para imgresarem num grêmio de "mantenedores".

Ante as respóstas, ce resultavam no alistamento de 48 mantenedores, nóva circular imprésa (400 ezemplares) foe espedida, em abril de 45, agóra rezolutamente á casa ou cata de asinantes para o boletim.

Data désa ocazião, dacele termo "pesoas idôneas", o invento (ainda inacabado!) de um "idoneômetro", pelo ativo Condestavel OSBriano de ITAJUBÁ e sentos de léguas em torno, aspirante a marexal drogista, Ten. Cél. címico Dr. Arlindo de A. VIANNA.

7. Dada a iminêmsia, no mezmo ano de 1945, do 5.º aniversário de aparesimento da OSB., e em fase de outras circumsstias, foe asentado ce a primeira fôrma a revestir pelo planejado boletim seria a de novo

opusculo osbriano, comemorativo dacéla efeméride, o "5 ANOS DE OSB."

Susedia ce, dado o preso astronomico dos trabalhos tipograficos e aseita a contra-indicacão de ficzar muinto elevado o preso do livro, em fase das custas e do reduzido número de subscritores prévios, foe rezolvindo imcluirmos no opusculo sértos anúmsios estilizados. Por iso, e de cualcér módo, éra mistér obter para a publicacão a aotorizacão do DIP. Iso demandaria tempo, ao cual o "5 ANOS DE OSB." permitiria ganharmolo, poes para o livro não caresia lisemsa.

Saiu efetivamente o opusculo, em 45, e no mezmo ano eclipsou-se o DIP. Tempo correu, também nóvamente ficou relegado o boletim.

8. Surje então, em S. BERNARDO DA RUSAS, Estado do SEARÁ, outro denodado osbriano, a sujerir por sua vez, imstantemente, a publicacão dum boletim osbriano. Éra "Lúcio VÁRZEA", nome de gêrra literário do profesor, escritor e poeta Júlio MACIEL.

Esplico-lhe as dificuldades de toda sórte, muinto minhas conhesidas, e maes uma vez fica no paiz dos dezejós irrealizados a formóza, tentadora idéia.

9. Eis ce agóra despona no MARANHÃO outro valorozo osbriano, entuziasta, esperantista, Paolo de AMORIM CARDOSO, a despertarme, maes uma vez, o vélho projéto. *Dai, finalmente, o prezente emsaeo. Depende agóra dos leitores ce este "N.º 1" não fice único, ou pouco maes.*

10. A idéia me foe "despertada", dise; porcê a lembramsa de AMORIM CARDOSO foe para sairmos á casa de osbrianos segundo o ezemplo de ZAMENHOF no inísio da propaganda do esperanto: comvidarmos jente capaz (idônea!), ce asuma o compromisso de adotar a OSB., fazer a propaganda, nomeadamente uzando-a na correspondêmsia particular. Naturalmente então me acudiu como solusão um boletim, para veicular o convite. Ao mezmo tempo, nese órgaom, daria fóрма ao recuésto, tomariam as complementares indispensáveis providêmsias para cabal esplanasão do objetivo e, *ipso facto*, emsaearia, até ce emfim, a publicacão periódica, regular, dum "Boletim ORTOgrafico", assim estreiado.

II — ALISIASÃO.

11. Claro é ce todo o publisizmo osbriano, seja pela imprensa, seja pelos susesivos opusculos osbrianos, já em número de seis, ou pela aplicacão da OSB. em minhas "NARRATIVAS AOTOBIOGRAFICAS", já no Vol. VI., bem como n"OS REZIMGÕES", viza, em ultima anâlize; a alisiasão de OSBrianos, meio *sine qua non* de lograrmos a ambicionada vulgarizacão da ORTOgrafia racional, independente de sua adosão ofisial tardigrada.

12. Para ésa adosão ofisial foram feitos susesivos apelos a imstâncias competentes: em primeiro lugar, ainda em 1941, á Academia Brasileira de Letras, apelo publicado pelo JORNAL DO COMÉRCIO, carióca, e recolhido no terseiro opusculo osbriano, o "UM ANO DE OSB.". Segiram-se apelos por meio de publicacão na imprensa, á Cruzada Nacional

de Alfabetização, Aos Estudantes e Aos Seus Mestres, á Asosiação Brasileira de Imprensa, todos igualmente recolhidos em sobreseculares opusculos osbrianos; e por ultimo, um apelo dirétamente ao poder ezeutivo, através do ministro da educação, e logo um apelo, final, "ultimo cartuxo", ao poder lejizlativo, em 1948. Este ultimo apelo motivou o sexto opusculo osbriano "ANO VIII da OSB.", no cual foé também recolhido o apelo ao ministro da educação, bem assim o apelo á imprensa, e um rezumo dos anteriores.

13. Outro recurso de alisiasão teve por veículo o "3 ANOS DE OSB.", de 1943, e comsistiu num dezabuzado comvite á imscrição no Sirculo OSBriano, por meio de uma "Advertêmsia", ce assim rematava: "LIDO ESTE LIVRO, SE TEMS ALGUMA OBJESÃO A OPÔR, FAZE-O SABER; SE NADA TEMS A OBJETAR, PROSEDE EM COMSECUÊM-SIA, SEM VASILASÃO NEM FALSAS REZÉRVAS: FAZE-TE OSBRIANO!"

14. Nese mezmo "3 ANOS DE OSB." foé imcluido outro recurso de alisiasão, rezultante de sugestão dum denodado osbriano matogroseme, o falesido Tenente Framsisco Jozé FERREIRA, a cem com ésta memsão rendo comovida omenajem e preito de grata recordasão. Foé a "Oração a Todos Os Santos", ou "orasão do bom ortógrafo", ce adeante vae reproduzida. O próprio Tenente FERREIRA, em CAMPO GRANDE, empreendeu uma edisão désa prése, em avulso, e largamente a distribuiu.

15. Para o referido "Apelo ao Poder Lejizlativo" foé, como referi, espesialmente organizado o sexto opusculo osbriano; foé distribuido largamente (edisão ezgotada, de 2000 ezemplares), em particular a todos os Srs. parlamentares, em julho de 48, como também por mim esposto oralmente, em duas sessões espesiaes, á Comissão Permanente de Educação, da Câmara dos Deputados, a 14 e 16 dacele mez, comfórme dezemvolvido rejistro "ortografado", no Diário do Congrêso, edisões de 16 e 20.

16. Em segimento a ese apelo ultimo, ce aguarda desizão, foram por mim realizadas, em reforso, pela rádio-emisora TAMOEO, cimze cuartos de óra (uma vez por semana) de esplanasão da OSB. e seu comfrotto com a TORTOgrafia.

E, em novo segimento, por sugestão e intersesão do terríbil Joél SILVEIRA, mantive num jornal carióca, "O Mundo", uma "Secsão OSBriana", publicada duas e treis vezes por semana, ce apareceu 27 vezes. Nésa altura entrei em "férias", para dar tempo ao crescimento adequado do tipo ali empregado, cuaze microscópico, "afujenta-leitores".

17. Como referi, de par com intemsa correspondêmsia epistolar sobre a OSB. e com a publicasão dos opusculos espesialmente prepóstos á vulgarizasão da OSB. e alisiasão de OSBrianos, mantive nos treis anos ce se segiram á publicasão inisial, a da "Cartilha", farta colaborasão em jornaes e revistas, não só da capital do paiz maz de outras sidades importantes, somando maes de duas sentenas de artigos, estampados em maes de duas dezenas de órgaoms.

Sesou, por forsa maéor, ésa lavra na imprensa, sob a alegação da "falta de espaso" ou de desconhesimento da OSB. pelos leitores (como se pudésem conhesela sem publisidade! *Conheser a O.S.B. é estimala!*)

Pasou a sifrar-se, então, a campanha propagandista, salvo algum artigo, de lomje em lomje, nalgum órgaom maes esclarecido, menos "ditatoriano", á applicação da OSB. em livros, as minhas "NARRATIVAS AOTOBIOGRAFICAS", e, resentemente, "OS REZIMGÕES — uma Lejião Estranjeira, de Alemães, a serviso do BRAZIL na gérra contra RÓZAS". Do primeiro estão publicados seis volumes: VOL. I — "Como Fue Tenente", em 1944; VOL. II — "Simco Anos de Capitão" (ezgotado), em 46; VOL. III — "Tempo Cente de Majór", em 1948; VOL. IV — "380 Léguas de Campanha, em 3 Mezes", em 49; VOL. V — "O Coronél (...24 de outubro de 1930)", em 1950; e VOL. VI — "Jeneral, Um Ano No Comando em MATOGROSO", em 1951.

18. Eis agóra, jizado para duplo efeito, o "Boletim ORTOgrafico", a empenharse na onésta alisiasão, sem ambajes nem segundas intemsões, em nóva sortida á catecéze de soffredores tortógrafos, imcréus, a convertelos para sua salvasão, a seu benefisio pessoal e do próximo, á sã doutrina da verdadeira escrita alfabética, fundada, *sine qua non*, no ORTOalfa-béto, imstrumento disziplinado e disziplinador, e no seu disziplinado emprego — a ORTOgrafia.

III — TERMOS PRESIZOS DESTE COMVITE.

19. O prezente "Boletim ORTOgrafico" significa, poes, um comvite formal ao destinatário em jeral para FILIARSE AO SIRCULO OSBRIANO, com o compromisso de uzar a OSB. sempre ce permitido, notadamente em sua correspondêmsia epistolar, a intemsificar, se posivel, com ese objetivo espréso, de fazer a propaganda da ORTOgrafia racional e acrescentamento do Sirculo OSBriano.

20. Para maes cabal orientasão do convidado vão neste mezmo Boletim duas adequadas reproduções: a da "Cartilha OSBriana" e a do "Estatuto do S.O."

Como por este se vê, *nihil novum*; lá está prevista, no artigo 3.º, ce discrimina os osbrianos por graos de atividade, a categoria *s*.

21. EM RESPÓSTA, o convidado ce declare aseitar o comvite, remeterá também ao Diretor Jeral do S.O. (Jeneral KLINGER, RIO DE JANEIRO, R. da Capéla 102) os déz cruzeiros (Cr.\$ 10,00) de contribuisão inisial para despesas de espediente, *ex-vi* ESTATUTO, art. 4.º, letra a.

Nósas distintas comfrades OSBrianas são izentas da contribuisão de espediente — o ce não impéde ce com a mezma comcorram.

22. Para alisiasão de adeptos da OSB., o OSBriano póde servirse inisialmente do próprio Boletim; comvêm ce, para o mezmo fim, pésa a

restituição, para nóva applicação identica; póde, outrosim, pedir ao Director Jeral a remesa de nóvos ezemplares do Boletim, ou indicar-lhe destinatários.

23. Convêm ce a declarasão de aseitasão do convite, seja acompanhada, comfórme prevê o ESTATUTO, de:

- a) sugestões para alterasão do ESTATUTO ou da OSB.;
- b) indicasão de pesosas idôneas a cem pósa ser remetido o Boletim ou alguma publicasão osbriana.

Iso não impêde ce análogas sugestões e indicasões sejam feitas em cualcér outra oportunidade.

24. *O Boletim é igualmente remetido, data vênia, a outras pesosas idôneas, sem a intemção de alisialas, maz pela superior conveniêmsia de informalas.*

Veja-se nésta amóstra do vijente uzo do H mudo a índole da semi-refórma academica siz e tramz-atlantica. Suprimiu-se o H mudo depoes de R e de T: *reumatizmo, rombóede, teatro, teoria*. E não se applicou igual supresão em todos os maes cazos, em ce cabia, pelo mezmo motivo da mudez, da superfluidade, do esforso inútil. Amor á etimolojia? Comvérsa fiada, de mau pagador! Seria então amor restrito, limitativo, ocasional; porcê depoes de R e de T o H mudo é igualmente etimolójico.

Maz ouve no capitulo algo gaeato. Reconheseu-se ce o H mudo inisial repercutiu e ainda repercute, algumas vezes, nosivamente na prozódia. Assim, estão sidadanizados vocabulos teratolójicos, como *efêmero, apélio*, ce deviam ser, lejitimamente, etimolójicamente, *epêmero, apélio*. (De *epi-hêmero, apo-hélio*, por elizão da vogal terminal do preficso rezultou vizinharem P e H; dai...) E ainda oje em dia, muinta jente "bem" pronumsia indevidamente como *nhê* os N-H vizinhantes por efeito de preficساسão: á cem diga *i-nhâbil, i-nhóspito, i-nherente*.. Superficialmente obviou-se a iso com a supresão do H mudó inisial cuando a palavra fórma composição com preficso, salvo preferêmsia pela interpozisão de ifem.

Eis ai a gaeatise, para embelear bazbaces: na palavra compósta, o H mudo inisial da segunda componente não faz falta; sua supresão ai não é dezamor á etimolojia. Maz tenhamos a mezma palavra sem preficso, *vade rétro! t'escomjuro!* nada de dispensar agóra o H. Faz tanta falta! E' ignorásia suprimilo. Cultuêmos denovo a ETIMOLOJIA... na escrita!

— "H *litera non est*", já em latim se dizia. Primitivamente representava uma aspirasão, como ainda oje no alemão. Avia razão para representar na escrita ese fato de linguajem; maz, dezaparesida de nósa lingua tal aspirasão, dezapareceu *ipso facto* justificativa para comservasão dese cadáver.

ESPEDIENTE DO BOLETIM

— CORRESPONDÊNCIA: para Jeneral KLINGER, RIO DE JANEIRO, R. da Capêla 102.

— ASINATURAS DO BOLETIM: pagamento adeantado, Cr. \$ 10,00 (dêz Cr.) por semêstre (duas edições, de 16 páginas pelo menos, formato de 16 × 23 centímetros).

— CÔTAS DE MANTENEDORES DO BOLETIM: á semelhança das "asões" para publicações osbrianas outras, comfôrme o ESTATUTO, art. 4.º, no montante de duas a dêz (2 a 10) assinaturas de semêstre (Cr. \$ 20,00 a Cr. \$ 100,00).

Esperamos, sobremódo, ce cada osbriano se fasa mantenedor do nóso "Boletim ORTOgráfico". Das cotas são pagas as assinaturas.

O cotista ou mantenedor do Boletim tomará pelo menos uma assinatura do mezmo.

— *A tomada de cotas de mantenedor do Boletim tem esensialmente o cunho de especial colaboração pecuniária para a empresa: o direito implisito a "dividendo" é de efetivação problematica, pues ce problematico é ce realizemos lucro.*

Aos cotistas não-osbrianos, entretanto, fica prometida a restituição do montante de suas cotas, cazo não aja dividendo, apenas descontada a assinatura.

— LISTAS DE ASINANTES: será colaboração particularmente apreciavel e efisiente ce o asinante do Boletim, "mantenedor" ou não, amgarie outros asinantes; bastará comunicarnos o correspondente total de asinantes amgariados, maz, no cazo de devermos espedir o Bole-

tim dirêtamente a cada um dos alistados, será indispensavel nos seja fornecida cópia da lista, com as explicações nesessárias.

— COLABORAÇÃO LITERÁRIA: qualcér asinante pôde mandar colaboração literária para o Boletim, subentendida a aotorização para revizão por nós, á luz da OSB., ou a inteira "tradusão" para o OSB., cazo venha TORTOgráfada (e, é claro, neste cazo, em razão do trabalho ce nos ezijirá, fica sujeita a preterisião).

— O prezente convite para assinatura do Boletim e para cobertura de cotas de mantenedor entende não só com os OSBrianos, veteranos, e com outros simpatizantes da OSB. ce ainda não cizéram imscrever-se no Sirculo OSBriano, maz ainda com cuaescér outras pessoas idôneas ce, não sendo obscurantistas, não pretendam estorvar, por abstemsão, ésta campanha de solidariêdade umana e de benefisêmsia para os imcaotos flajelados da TORTOgrafia.

"Porcê, em verdade, é diso ce se trata: campanha de solidariedade umana e de benefisêmsia; e de aseio mental e moral; cual ésa, de racionalizar, pela baze, o cultivo intelectual, libertar do flajêlo da TORTOgrafia, sobretudo as intérmias, jerasões futuras de indefezos recrutadas do A-Bê-Sê; alimpar o emsino da escrita-e-leitura, imstaorar nela a ordem, a comgruêmsia, a igualdade de tratamento, o menór esforso."

— A respeito das suprarreferidas modalidades de "finamsiamento"

do Boletim (asinaturas e cõtas de mantenedor), distribuimos em junho uma circular (400 ezeplares) entre os osbrianos e outros veteranos, escolhidos abitoaes das vizitas osbrianas.

Notisiaremos no n.º 2 o resultado colhido, pois o "n.º 1" não deu tempo a ce se produzisem todas as "reasões." Todavia, não rezistimos ao dezejo de manifestar ce são boms os indísios.

— O n.º 2 fica previsto para outubro.

— PAGAMENTOS no RIO DE JANEIRO: para maeór facilidade

dos Srs. asinantes e mantenedores do "Boletim", pôdem ser feitos ao Sr. Luiz BATALHA, na Livraria Alves, á rua do OUVIDOR 166, ou ao Sr. BARBÓZA LIMA, na "Venda de Livros", do Ministério da Gérra, Palásio do Ezérsito, ala escerda, térreo.

— TIRAJEM desta edição 2000 (does mil) ezeplares.

— PRESO do ezeplam do n.º 1, avulso: Cr. \$ 5,00 (simco Cr.).

— Este "Boletim" foe impréso na "GRÁFICA LAEMMERT, Ltda.", R. Carlos de CARVALHO 48 e 48 A.

Omenajem do Sirculo Osbriano aos correlijonários-ortógrafos falecidos

Coronel Antônio Jozé OSÓRIO
(fundador do S.O.).

Jeneral Fernando de MEDEIROS.
2.º Tenente da Rezérva Fransisco
Jozé FERREIRA.

Coronel Oscar Rafaél JOST.

Coronel Joacim FURTADO Sobri-
nho.

Majór João VALENÇA MON-
TEIRO.

Majór Antônio de FRANÇA GO-
MES.

Coronel Glisério FERNANDES
GERPE.

Jeneral Izidóro DIAS LÓPES.

Jeneral João Cândido PEREIRA
DE CASTRO Jor.

Cél. Fransisco PLETZ Jor.

Jeneral Jasinto Inásio TORRES Ju-
nior (fundador do S.O.).

"...eu sou pela ortografia filozófica, a cual, fundada na análise dos soms próprios ou vogaes, e na de suas modificaciones, péde ce *a cada uma se dê um só sinal ou letra, privativa, distinta, e ce não reprezente nenhum outro som ou comsoante.*" (Antônio de MORAES SILVA, na introdução de seu disionário, de 1789!)

"A própria razão de ser do nóso alfabéto, ce é unicamente reprezentar os soms...: é ilójico... grafar, sem razão plaozível, letras ce se não pronunsiam." (Pe. Adélmo MACHADO).

PEDIDO DE NOTÍSA

PEDIMOS NOTÍSA dos seguintes osbrianos, ce perderam a ligação comnosco: Antônio de CASTRO ALVES (fundador do S.O.), Antônio Dionízio JEREMIAS (?), A. GOMES DO CARMO (Simão de MANTUA), A. LECOMTE PERRIERAZ, Profesor A. C. REITZEL, Prof. Agostinho MINICUCCI, Belfegor LÓPES, Êrmes PITA, (de SALVADOR), Filéto de AMADUZA (?), Dr. J. T. de ALENCAR ARARIPE, 1.º Ten. Manoél

MOURA DE OLIVEIRA, Maj. Antônio de A. ROZEIRO, Dr. Jentil DESSANE DE ALMEIDA, Jozé PINTO BRAZIL, João ZIMMERMANN J.ºr., Subtenente Oscar FERREIRA BOTELHO, Maori NOVAES, Faosto TEIXEIRA, João Ivo-néte PADILHA ENNES, Prof. João Gualbérto LEITE, Framsisco GOMES (de MATIPÓ), Antônio DE CAMPOS MÉLO, Ermínio de CAMPOS MÉLO, Nâpoles AMATO.

“Antes de fazer refórma em uma escrita etimolójica, no sentido sonico, a primeira coeza em ce se déve cuedar é, sem dũvida, reformar o alfabeto.” (Dr. Domingos de CASTRO LÓPES).

“Não se imagine ce seja coeza de pouca importásia um alfabeto filozófico. LEIBNITZ dise: *Dae-me um bom alfabeto e eu vos darei uma lingua bem feita.* Dae-me uma lingua bem feita e eu vos darei uma boa sivilização. Óra, não eziste lingua bem feita, porçê não eziste bom alfabeto...” (De Carlos NORDIER).

“Déve ser primsípio jeral e constante ce cada som, cada articulação, tenha como sinal representativo a mezma letra apropriada.” (De VOLNEY).

“A ortografia seria perfeita se a cada fonema correspondese apenas um simbolo, e a cada um dos simbolos apenas um fonema.” (De BURGRAFF).

“Sem ORTOalfabeto jamaes averá ORTOgrafia alfabética. Cada simbolo com sua fumsão privativa — eis a disciplina no alfabeto, o ORTOalfabeto; disciplina no emprego dese imstrumento — eis a disciplina na escrita, a ORTOgrafia.”

CARTILHA OSBRIANA

Baze da escrita alfabética verdadeiramente ORTOgráfica:
 Disiplina do alfabéto — ORTOalfabéto; disiplina do
 emprego dese instrumento — ORTOgrafia.

A — Letras fundamentaes, ou elementares.

1. São 21 as letras elementares do ORTOalfabéto, para representa-ção perficsa dos 22 fonemas elementares:

a, b, s, d, e, f, g, i, j, l, m, n, o, p, c, r, t, u, v, x, z.

§ 1.º — Seu nome é monossilabico, diréto, isto é, esprime o do fonema ce representa; o das comsoantes é segido de ê, sendo ce G e C têm o nome gutural, respectivamente brando e fôrte, como em *gado, godo, gula, cada, como, custo*.

As vogaes E, O, têm o nome fexado, como se escritas com asento sircumflécso (*serene, povoo*).

§ 2.º — A letra R representa ambos os graos, fôrte e fraco, do fonema, *rré (carro)* ou *rê (caro)*; entre vogaes seu valor é brando, e se, em tal pozisão, a palavra acuza o fonema fôrte, grafa-se com RR.)

(Futuramente a OSB. adotará simbolo distinto, já projetado, para os does graos; dezde então averá a espontânea igualdade entre o número de fonemas e o de letras elementares correspondentes).

B — Asentos diacriticos ou léxicos.

2. São dezenhos aplicados a letras elementares para traduzir a respectiva alterasão sonica, ou a imsi-

dêmsia da tonisidade, ou ainda a supresão de letra (correspondente á supresão de fonema na fala) ou a ligasão de palavras: *asentos sonicos* (agudo e til), *asento puramente tonico* (sircumflécso); *asento supresor* (apóstrofo); e *asento ligador-separador* (ifem ou tirete).

§ 1.º — Os *asentos sonicos, agudo e til*, são comcomitantemente tonicos; quando a palavra apresenta ambos, é tonico o asento agudo.

§ 2.º — O *asento agudo* só se applica ás vogaes A, E, O: A', E', O'. O A' só ocorre em sílaba final tonica (*cá, lá, dá, dá, má, pá, PARA*); o A tonico em outras sílabas não é agudo, é naturalmente abérto, como no artigo feminino *a* e na prepozisão *a*.

As vogaes I, U, não admitem asento agudo, pues ce não compórtaom alterasão sonica.

§ 3.º — O *til*, asento nazal, só se applica no *a-nazal (ã)* de sílaba tonica final ou antepenultima, bem como nos ditomgos nazaes tonicos: *ãe, ão, ãe*. (Ver "Ditomgos").

Nada impéde ce em manuscrita se applice igualmente o til ás outras vogaes tonicas de sílaba final ou antepenultima.

(Futuramente averá os correspondentes tipos, para ce se pósa proseder de igual módo na escrita de imprensa).

§ 4.º — Nos maes cazos, ce não os referidos no § presedente, o asento nazal é representado pelo *m* postposto á vogal (*bem, sem, nem, cem, tem, vem; sim, fim, mim, rim, vim; bom, som, com, tom; um, ums; abemsoar, semsato, temro, vimgam-sa, bomzo, somso, comfêre, tomsura, algum, nenhum, vacum, pronûmsia*).

Se a vogal nazal escrita com *m* proposto é tónica, sobrepõe-se-lhe o asento circumflécso (*tambêm, algêm; comsiêmsia, proviêmsia, nûmsio*).

Não se applica o til á vogal nazal tónica de penultima sílaba em razão da convensão segundo a qual a palavra escrita sem asento sonico ou tónico é grave (*tamce, remgo, simco, escomso, rezmungo*).

§ 5.º — O asento escluizivamente tónico é o circumflécso. Aplica-se a qualcér das vogaes, para marcar a imsidêmsia da tonisidade, sem alteração da respectiva pronûmsia.

§ 6.º — A ORTOgrafia permite a supresão do apóstrofo dezde ce dai não rezulte detrimento para a clareza da leitura; sem tal recizito, a clareza eziijiria outro asento e rezultaria vã a pretendida economia. (*Dést'arte, ou déstârte*).

O apóstrofo reclama espesial atemção no cazo das prepozisões *para* e *com*.

Em *para*, póde-se sempre dispem-sar o asento supresor cuando elidida a primeira vogal; póde-se igualmente dispem-sar a vogal terminal e escrever o restante *pr* ligado á palavra seginte iniciada por vogal, esêto se se tratar do artigo definidô feminino, *a*. (*pra lá, pra cá; prai, prali, praci; pro menino, pr'a menina*).

Em *com*, a supresão do *m* não justifica indicasão pelo apóstrofo, poes ce o correspondente fato de lingua-jem não é a supresão de comsoante, é a supresão da nazalidade, a substituisão da vogal nazal pela oral. Apóstrofo justifica-se cuando a elizão atimje á própria vogal *o*: *c'os diabos!* E em tal cazo póde-se dispem-sar o asento supresor, juntar o restante *c* com a palavra seginte: *cos diabos!*

§ 7.º — O *ifem* ou *tirete* é suprimido pela ORTOgrafia, com economia, na ligasão do pronome complemento, *la, lo, las, los* (*dala, velo, fazelas, mandalos; nolo, vola*) e na ligasão do vérbo na fórmula infinitiva com o pronome oblicuo complemento emclítico (*mandarme, dizerte, fazerlhe, darnos, torserse, dirvos-emos, escreverme-eis*).

3. A ORTOgrafia adóta régras de economia de asento tónico. Entendem com os cazos em ce, sem ser pintado o asento, fasilmente se reconhése a tonisidade.

E' uma ampliasão do tradicional costume de dispem-sar asento tónico na sílaba tónica das palavras graves, se por al não for nesêsario: é ce na lingua portugeza a imemsa maeria das palavras são graves. Tal asento grafico, o circumflécso, só se impõe cuando em outra sílaba a palavra aprezente asento sonico. Assim, são régras (facultativa a terseira) de economia de asento tónico:

Dispemsa-se o asento circumflécso:

— nas palavras graves, se a sílaba tónica ou outra não tivér asento sonico;

— nas palavras ocsítonas ce tenham na ultima sílaba I, U ou ditomgo, ou ce terminem em AL, R

ou Z; (*guri, barril, capim, Nair, nariz; tatu, azul, algum, Artur, capuz; papae, canhão, cazoal, escrever, eficaz, entremez, algoz*);

— nas palavras proparocítonas ce terminem em *ima* (*e, o, as, es, os*), *ica, ola* ou *ula* (*o, as, os*), bem como nas flecsões verbaes com ésas terminasões, ce são todas graves (*unanime, masima; grafica, tombo-la, sumula*).

S — *Letras variantes, compóstas ou alteradas.*

4. De par com os fonemas elementares, existem alguns ce, á primeira vista, isto é, á primeira escuta, parésem taes; porêem, bem ezaminados, se revêlam méras variantes, alterasões ou compozisões de fonemas elementares.

São as vogaes agudas, as nazaes, os ditomgos oraes e nazaes, as comsoantes molhadas *lhê, nhê*, e os grupos-comsoantes *gu, cu*.

§ 1.º — As vogaes agudas, como já vimos, são A', E', O'.

Ésas variantes agudas ezijem lójicamente na escrita, *sine qua non*, o asento grafico agudo.

Um dos ezemplos do *a-agudo*, A', é o da craze da prepozisão *a* com o artigo *a*, ou o determinativo *acele: vá á rua, diga ácéla menina*. Outro ezemplo é o da flecsão do vérbo aver: *á-de ser* (para clareza, comvêm ligalo, nas fórmas monosílabas, por ifem á prepozisão *de*).

§ 2.º — As vogaes nazaes escrevem-se, como vimos, mediante superpozisão do til (quando tonicass em sílaba final ou antepenultima) ou pospozisão de M.

Ací cumpre notar: 1.º ce o M posposto á vogal recupéra seu valor de representativo da comsoante, deixa de ser méro asento nazal, an-

tes de suas omorganicas B, P e do N; então ele é pronumsiado como se fosse seguido de vogal (*am-o; ambos; am-paro*); e 2.º ce o N nunca é méro sinal nazal, sempre representa a comsoante, pronumsiase como se fosse seguido de vogal (*an-o; an-do, an-tes*).

§ 3.º — Os ditomgos oraes são: *ae, ao; ei, éi, eu, éu; iu; oe, óe, ou; ue*.

Cuaescér outras vogaes consecutivas não fórmam ditomgo. Quando comórrrem treis vogaes consecutivas ce pósam formar ditomgo a 1.ª com a 2.ª ou a 2.ª com a 3.ª a dúvida é eliminada mediante o asento circumflécso aplicado na vogal tónica (*maeúscula, boêiro, caxoêira, cajuêiro*); e quando duas vogaes consagradas á grafia de ditomgo não fórmam ditomgo, se pronunsiam destacadas, marca-se a disosiasão por meio do asento circumflécso (*doênte, baêta, fluênte, Sucuriû*).

§ 4.º — Os ditomgos nazaes, como vimos, escritos com til, quando tonicos, são *ãe, ão, ãe*. Vae niso erronea, ce a OSB. consérva provizóriamente, pues o corrêto é aplicar o til á vogal terminal; a nazalidade desta é ce repercute sobre a baze e tórna nazal o grupo, tanto ce o mezmo fenómeno prozódico se daria se o ditomgo nazal em caoza não fosse tónico e poriso ouvêsemos de recorrer ao M posposto, em vez do til superposto: *diséram*.

Também a OSB. consérva provizóriamente a grafia do ditomgo nazal *ão* não tónico por *am* (*fizéram, diséram*): o corrêto entretanto, na verdadeira escrita alfabética é a fórma *aom*. (*órfao*m, ou *órfão*; feminino: *órfã*).

Por analogia com as outras flecsões verbaes da 3.ª pesoa plural, a

OSB. comserva o M final em *poem*, comquanto a pronúmsia seja igual á do singular *põe*; maz no plural a OSB. não aplica o til, pois o M posposto já faz a fumsão.

Além dos referidos ditomgos nazas, só eziste maes um, na palavra *muim*. A fôrma oral escreve-se *mue* e a fôrma normal — *muinda* (aci não ocorre nazalidade).

§ 5.º — As comsoantes molhadas *lhê, nhê*, escrevem-se mediante pospozisção do H ao L ou N.

Asim, o H só remanése em ORTOgrafia como sinal diacritico nésa fumsão; futuramente será adotado simbolo próprio, ce já está projetado.

§ 6.º — Na comcorrêmsia dos grupos GU, CU, seguidos de outra vogal ou ditomgo, acontése ce ese U não fôrma sílaba; considêra-se então tal grupo como comsoante. (*Agua, guarda, régua, saguão, quatro, récuca, oblicuo; ecuêstre, ecuanime*).

Cuando, porém, em tal comcorrêmsia o U fumsiona como vogal, portanto fôrma sílaba, o grupo-comsoante é desfeito na escrita mediante o asento circumflêcso (*averigûa, apazigûa, oblicûa*).

Fica implisito ce não eziste o grupo-comsoante quando aos does fonemas G-U, ou C-U, se sége outra comsoante (*gume, agudo, cubo, custo*).

D — O fonema sibilante, fôrte ou fraco, *sê* ou *zê*.

5. E' fato da linguaem falada ce o fonema sibilante sófre em seu grao, fôrte ou fraco, influêmsia aparente (aoditiva), de sértas vogaes ou ditomgos, ou ainda de sér-

tas comsoantes, ce lhe sigam ou antesedam, na mezmá palavra ou na seguinte.

Presizamente aparése a dũvida prozódica:

a) quando a sibilante terminal de uma palavra ocsítone é antesedida de vogal ou ditomgo; ésa sibilante parése então branda; (*pás, pés, pós, does, treis, pães*);

b) o mezmo se dá quando a comsoante sibilante terminal é seguida de palavra inisiada por vogal; (*os alunos, as érvas*);

s) quando a sibilante é seguida de outra comsoante, fôrte ou fraca, acéla também parése fôrte ou fraca (*dêstro, ezbêlto*).

De tal fato rezulta dũvida se o fonema á-de escreverse com S ou com Z.

Para eliminar tal dũvida, a OSB. estabelése:

Escreve-se sempre com S final:

— o plural;

— o singular, quando a palavra dér idéia de plural ou coletivo, ou quando não comportar flecsção de número (incluzive fôrma plural igual á fôrma singular), (*nós, vós; does, treis, seis; Jezus, cís, pûs; maes, menos, poes, após, alfêres, pîres*);

— as flecsções verbaes de comsonásia final sibilante, rezervado o Z para quando tal letra seja do radical (*faz, fez, fiz, diz; maz pôs, pûs, cís*).

Escreve-se sempre com S medial a comsoante sibilante seguida de outra comsoante fôrte (*asfalto, espelho, casca, desrespeito, astro; maz: ezbêlto, ezdruxulo, sizgôla, ezmôla, azneira, rezvalar*).

E — Asentos sintaticos, ou sinaes de pontuação.

(por ce? recalsitar no uzo da torto-
grafia?)

6. São os simbolos destinados a marcar o ritmo, a modulasão e as paozas de diferentes graos no dis-
curso, donde na leitura, incluzive as interrupções, as esplicasões inter-
ferentes, as sitasões e transcrisões.

F — Disiplina do emprego do
alfabéto disiplinado.

7. Ficsada a disiplina do alfa-
béto, o imstrumento da escrita al-
fabética, recér ainda a ORTOgrafia,
sine qua non, a disiplina no empre-
go dese imstrumento. Para tanto;
TODO FONEMA — e só ele — E?
ESCRITO SEMPRE PELA MEZMA
LETRA CORRESPONDENTE DO
ORTOALFABÉTO — e só por éla.

Dividem-se em: *notasões objetivas*
— virgula, ponto-e-virgula, does
pontos; *notasões subjetivas* — pon-
to de esclamasão ou de admirasão,
ponto de interrogasão, retisêmsia,
parentêzes, colxete; e *notasões dis-
tintivas* — aspas ou comas, ou vir-
gulas dobradas, travesão, asterisco
ou estrelinha, xave, paragrafo ou
alínea. A estes sinaes de pontuasão
a OSB. nada altera.

8. Provizóriamente, nos nomes
próprios de pesoas comsérva-se pa-
ra o sobrenome a grafia do rejistro
sivil, notadamente sempre ce em-
pregado em documentos de fims ju-
ridicos.

Entretanto, recomenda-se, quanto
ao sinal de esclamasão e ao de in-
terrogasão, sós ou reunidos, ce, nas
frazes de muintas palavras, para evi-
tar o retardo da respectiva indicasão
sintatica, sejam também applicados
depoes da primeira palavra ou gru-
po ce reclame tal indicasão ao lei-
tor, ou em ce imside a entonasão.

Uma vez adotada ofisialmente a
OSB., farse-á obediente á mezma o
rejistro sivil dos sobrenomes das
pesoas nos nasimentos e cazamen-
tos. Emquanto ouvér, então, alte-
rasão a efetuar nos sobrenomes de
nubentes, declararse-á ésa circum-
stásia no rejistro do cazamento, pa-
ra ce fice bem firmada a identida-
de da pesoa.

COMFRONTO DA O.S.B. com a pseudo- ortografia vijente, jenuina TORTOgrafia

Metamos em evidêmsia os vários
grupos de corrijendas, rasionaes,
radicaes, espezificas, comsubstam-
siadas na O.S.B. — ORTOGRA-
FIA SIMPLIFICADA BRAZILEI-
RA; Simplifica & Uniformiza — re-
lativamente ao pseudo-sistema da
vijente TORTOgrafia.

só para êle) E' IGUAL AO NOME-
RO DE FONEMAS ELEMENTA-
RES, 22, com a imperfeisão re-
manente de servir uma das letras,
o R, de representar óra o respectivo
grao fórte, óra o fraco (entre vo-
gaes), e de uzarse o RR para repre-
sentar o fonema fórte entre vogaes.

1. O NÚMERO DE LETRAS
(cada uma, só éla, para um fonema,

— Assim, são eliminadas do ORTO-
alfabéto, por supérfluas, poriso per-

turbadoras, seis letras: Ç, H, K, Q, W, Y. O H só é, provizoriamente, conservado na fumsão de sinal diacritico, posposto a L e N, para gafia da respectiva variante molhada.

— Nôte-se ce na tramzlineasão o RR não pôde ser dividido, pois ce ele representa um fonema; a TORTOgrafia ofisial érra crasamente niso, bem como em relasão ao SS, igualmente indivizível.

2. O NOME DAS LETRAS E' UNIFÓRMENTE MONOSÍLABO E DIRÉTO, isto é, igual ao nome do fonema representado.

— Reina dezigualdade de tratamento das letras a eses does respeito, pela TORTOgrafia, pois ce só algumas têm o nome obediente a taes recizitos. E é um contrasemso ce não seja elementar o nome de fonema elementar, e ce o nome não confira com o do fonema.

— Assim: as vogaes E, O, têm o nome fexado, como em serene, **po-vo**; as letras s, f, g, j, l, m, n, c, r, x, se xamam: **sê, fê, gê** (como em **gado**), **jê, lê, mê, nê, cê** (como em **calo**), **rrê** ou **rê** (brando), **xê**.

3. *Os fonemas sibilante, xiante, gutural, fôrte e brando, — sê e zê; xê e jê; cê e gê — são respectivamente representados, sempre e privativamente, pelas letras S e Z, X e J, C e G.*

— Assim:

a) numca o S vale Z, nem numca o fonema sê é representado senão pelo S; isto é, sésa a orjiaca versatilidade esprésa no uzo tortocratico de nóve susedâneos: C, Ç, X, SS, SC, SÇ, CC, CÇ, XC;

b) numca o G vale J; dai decórre o desaparesimento aotomatico do contrasemso tortocratico do U mudo depoes do G, bem asim o da presiozise do trema restaorador da vóz do U!!!;

s) numca o X é nulo, nem numca ele pôde valer S, ou Z ou CS; nem tampouco pôde jamaes ser substituido por CH;

d) com a eliminasão do Q, decórre também, aotomaticamente, a do contrasemso do U mudo depoes de Q, bem asim a da presiozise do trema restaorador da vóz do U!!!

4. A NAZALIDADE DA VOCAL OU DE DITOMGO é representada pelo *til*, sempre ce coimsida com a tonisidade; nos maes cazos compéte ao M posposto.

— Assim sésa a versatilidade de mudar o M em N, seja cuando a vogal nazal se apresenta na ultima sílaba e a palavra pasa de singular para o plural, seja cuando em vez de ocorrente na sílaba final a nazalidade se apresenta em outra sílaba.

5. DA DISCIPLINA RASIONAL NO EMPREGO DO ORTOALFABÉTO (invariabilidade, perficsidez na representasão dos fonemas e, visevérsa, no valor sonico dos simbolos) rezulta o dezaparesimento de duas sandises da TORTOgrafia, entre tantas notáveis: não se perpétra duplicasão ou dualidade de letras para representasão de um fonema, nem se alimenta a preocupasão com omografia de palavras de igual pronúmsia maz significasão dezigual.

— Com efeito: quanto ás omografias, se na pronúmsia igual das palavras não se dá confuzão aserca de seu sentido, por ce? reseiar ce da correspondente, lójica, escrita igual rezulte confuzão?

As palavras não são empregadas soltas, maz em frases, e néstas, "pelo contesto vê-se lógo". Ade-maes, a própria TORTOgrafia, tão preocupada com omografia, por amor á clareza, poriso rebicada em descabidas distimsões graficas para sérto número de palavras omófonas, não lógra o intento na imemsa maeria dos cazos, de ce a lingua é fartissima.

"Onde a pronúmsia não distimge, não é lisito á escrita distimgir."

"Pronúmsia igual: escrita igual."

"Omonimos dão forsózamente omógrafos."

— Quanto á dualidade de simbolos (iguaes ou diferentes) para representasão de fonema elementar, está entendido ce a repetisão da letra se impõe toda vez ce na palavra falada ocorra a repetisão do fonema. A própria TORTOgrafia asim prosédo no cazo das vogaes (voo, emjoo, seriisimo, antiijienico); por ce? á-de se deixar de repetir, em identicas, circunstásias, a comsoante, isto é, dezde ce a pronúmsia acuze a repetisão do correspondente fonema? Apenas a OSB. aconselha, no cazo, o recurso esclarecedor do ifem: **es-soldado, es-sarjento**.

Ezemplo tipico da superfisialidade da TORTOgrafia temos na escrita errada, ce óra se vê correr mundo, da palavra comumente: **escrevem-na, ieroglificamente, comumente**. Em escrita alfabética, jenuina, iso só póde ser lido **comumente**. Descarrilam os tortógrafos, porcé no seu orror néo-cristão á duplicasão de comsoantes, não emxérgam ce nacele **mm** o primeiro **m** não é comsoante, é méro sinal nazal; pelo ce não é llsito eliminalo, sob pena de resultar alterada a palavra comum para **comu!**

6. DISCRIMINASÃO RASIONAL ENTRE ASENTO SONICO E ASENTU UNICAMENTE TONICO.

— Asim: sésa o imjustificavel, irrasional emprego do asento agudo em I, U — vogaes ce não são suseti-veis de alterasão sonica; e sésa a incomgruêmsia do emprego do asento agudo como méramente tonico, cuando a vogal não é aguda (**também, algém!!!**)

7. ELIMINASÃO DO ASENTU GRAVE E DO TREMA: por deznesesários, méros presiozizmos, sem significasão correspondente na linguajem falada.

8. OPSÃO PELA GRAFIA DOS SIMCO DITOMGOS AE, AO, OE, ÔE, UE.

— Deixaom, poes, de representar aos ditomgos correspondentes as grafias AI, AU, OI, ÓI, UI. Não á niso inovasão, poes sempre foram optativas as duas fórmam (pae ou pai, mao ou mau) e notadamente éra de régra empregar AE, ÔE, UE no plural das palavras de singular terminado em AL, ÓL, UL.

Quanto ao ditomgo AO, tal grafia se impõe, é espontânea, para a contrasão da prepozisão A com o artigo O; e não á razão para alterala onde cér ce aparesa. Ademaes, nas fórmam com E resulta cõerêmsia com o fato de linguajem, a irredutibilidade do I, sua predominásia sonica. Porfim, tal grafia realiza vantajem de economia de asento tonico, poes é enórme o asérvo de palavras, sobretudo de orijem amerindia, em ce o A-I, O-I. U-I soaom distintos, não fórmam ditomgo (ai, paiz, caico, ANDARAI, ITAJAI, GUAIBA; proibir, ROROIMA; juiz, cuica, XUI, TATUI).

9. A O.S.B. DISPEMSA, POR ABSOLUTAMENTE DEZNESESÁRIA, CUALCÉR REGULAMENTASÃO COMPLEMENTAR INDIVIDUADA DA ESCRITA DE CADA PALAVRA, A PRETENDER MEDIANTE "VOCABULÁRIO ORTOGRAFICO".

— Tal trambolho zomba da intem-ção de seus inventores: não está fasilmente ao alcãmse para consultas; os felizardos ce dele dispoem não se acomódam a interromper a cada paso a escrita para consultalo, deixam, de boa intemção, a consulta para o fim e então não maes se lembraom; ou nem lhes pasa pela cabeça ce tal palavra póde estar escrita errada, em fase do Formulário e de seu Vocabulário.

Maz, asima de tudo, o mostremgo é ESTENTÓREA COMFISÃO da insufisiêmsia e defisiêmsia das numerosas régras, subrégras, contra-régras, do desregrado Formulário!!!

PRETESTOS! SÓ PRETESTOS!

(Reprodução do "3 ANOS DE OSB.")

Da nósa corespondêmsia epistolar maes resente: "...Muinto lhe agradeo a contribuição para o nóso novo livro; o fato de aver sido fraca a colheita não é culpa do lavrador diligente, é do terreno e do "tempo". Não é por falta de pretesto ce os refratários se apértam, tanto maes ce pretesto é iso mezmo, não recêr reflexão nem fundamento. Ainda bem ce V. asim sabe entender. E parése ce já não á o ce inventar, já não pôdem descobrir pretesto novo, tudo tem sido explorado, e por mim reduzido ao ce é: zéro. Tudo? alguns pretestos, tão frájeis ce são, não têm meresido serem considerados de publico. Ante, porê, sérta imsiêmsia vou atender ao reclamo de alguns.

Na mezma órdem dos pretestos entra a cestão da orientasão da campanha publicistica: não podemos nos simjir, etérna, monótonamente, a remoêr a cartilha; falo-emos, ainda, toda vez ce se aprezenete nóva frente, ou ce outra oportunitade especial o justifice; fóra diso, a vulgarização se faz pela applicasão, deliberadamente, de preferêmsia a asuntos estreitamente ligados ao problema..."

Entre eses pretestos até oje dezdnhados pela defeza osbriana, vamos oje contemplar does, comjugados: I. — *A ortografia é asunto de nonada*. II. — *O empenho pela racionalização da nósa escrita é malbarato de tempo*. Contemplêmos.

I. — Admitamos, para argumentar, ce o problema da ortografia

seja de importásia secundária. Não pemsaram asim imfinidade de omems notáveis ce em PORTUGAL e no BRAZIL se dedicaram ao seu estudo. Não pemsaram asim as Academias de acêm e além mar. Não pemsaram asim os respectivos governos, tanto ce interferiram.

Em seu livro de 1901, "Nórmãs Ortograficas", pãj. 24, escreveu o grande Migél LEMOS, ce "se trata de um problema de importásia secundária". Iso não cêr dizer "sem importásia". Tanto ce ali mezmo o méstre também afirma ce para solusionalo são "apenas" nesêsários "labor, comsiêmsia e critério filozófico".

E tanto o problema não é nonada, ce S.S., para cem o dia éra peceño, em fase de tanto asunto maes importante ce lhe solisitava a grande atividade, não se poupou "a nenhum esforso, tendo pasado em revista, por asim dizer, toda a nósa lingua, e tendo lido cuaze tudo quanto se tem escrito sobre a matéria..."

Ese mezmo paso refuta a leviana acuzasão de "tempo malbaratado"; e S. S. esprésamente vólta a ese aspécto, declarando ce "seja como for", dá por "bem empregados o tempo e o esforso" "despendidos em organizar uma ortografia sistematica".

2. — Só por irritasão de interessados — é vário o módo de ser interesado — pôde o problema ser taxado de nonada. A tortografia, é inegavel, depõe até contra a in-

teliêmsia e a simseridade umanas. E éla tortura inutilmente a cem se submête á aprendizajem, mórmente ás inosentes criamsas, indefezas. E caoza frequêntes dezgostos até aos omems cultos, porcê insinua erroneas. A todos ce escrevem impõe muinta perda de tempo, papél e tinta, já pelo emprego forsozo de letras inúteis, já pela instabilidade dos valores, os cuaes nem sempre a memória grava. E primisipalmente a tortografia dezeduca, dez moraliza, porcê dezde a inisiasão alfabética patenteia quanto a humanidade é vitima de arbitrariedades, presiozises, imcomgruêmsias.

3. — Onde o órgaom? clasificador da "importásia" dos problemas a ce o omem pósa dedicarse? Onde a aotoridade distribuidora? ce, com baze em semelhante clasificação, ou a seu talante, arrasõe a jente, de taréfas? No meu cazo pesoal, eu, ce não fue arrasoado, pues ce dezarramxei, cual é o preseito legal ou moral ce infrimjo? em dedicarme e afimcarme, espontaneamente, ao problema em caoza?

4. — Pemso ce todos os problemas se entrelasam e, pues ce ezistem, já por iso, só por iso, todos têm importásia. Tal cual nas operasões de gérra, os cualificativos de "primisipal" e "secundária" são apenas fórmulas, recursos da nósua linguajem póbre, para sintetizar uma nosão complécsa. Não á uma operasão, estratégia ou tatica, ce seja literalmente primisipal, ao paso ce outras são secundárias; todas as operasões são importantes, são nesessárias, intercomplementares, sem o ce não seriam emprendidas, porcê numca á meios a desperdisar em

asões inúteis. Distingem-se pela importásia ou vulto, presiozamente, dos meios empregados em cada uma; maz todas tendem a alcamsar o mezmo objetivo, a vitória.

E, particularizando para os militares, sabem eles a "importásia capital" ce têm as peceninas coezas, os detalhes (vá o galisizmo), as minudêmsias. Na éra frederisiana, o rei-soldado sintetizava iso, zeloso, para os seus ofisiaes, em framsez e em rimas. Em framsez, porcê éra o uzo do tempo; rimado, porcê sempre foe eselente recurso pedagójico, muinto do gosto dos alemães. Dizia: "*Songez, donc, les détails! Ils ne sont pas sans gloire!*"

O résto não me lembro ao pé da letra; sei ce o 3.º vérsio rimava com "travail" e a idéia do ultimo éra "sans eux, pas de victoire!"

5. Lomje de importar em malbarato, desperdisio de tempo, póde-se lisitamente pemsar ce não averá emprego de tempo maes remunerativo. Remunerasão e altisima benemerêmsia (pues se o governo interferiu!), ce comsistem em forrar ás intérmias jerasões vindouras, e a nós para o résto de nósos dias, do cronico desperdisio de tempo viseralmente inerente ás tortografias.

E á de continuar a tortografia? com *cóvabulário* e tudo? ésa sim, a malbaratar o presiozo tempo da humanidade, *per omnia séculorum*? — E avemos de nos comformar? com a tardigrada simplificação, cuando está á tanto tempo cabalmente conhesido e reconhesido o espesifico?

COMCLUO: Óra! Srs. pretestantes! pretestae! PROSIT!

ESTATUTO DO SIRCULO OSBRIANO

(Adéptos da O.S.B.)

Art. 1.º — O Sirculo OSBriano, fundado no BRAZIL, com a séde sentral no RIO DE JANEIRO, á rua da Capéla 102, em janeiro de 1941, é comstituído pelas pessoas adéptas da Ortografia Simplificada Brasileira, formulada pelo Jeneral Bertoldo KLINGER, esplanada e publicada em opusculo, em 1940, reeditada em 1945.

Art. 2.º — O Sirculo OSBriano tem por fim a divulgação da solusão racional e radical do problema da ORTOgrafia alfabética, espresa na O.S.B., e oportuno ezame da mezma e desizão a respeito pelo competente poder publico; *ipso facto* deixará de ezistir com a adosão ofisial désa solusão, ou, então, pelo seu uzo jeneralizado.

Art. 3.º — O S.O. compreende os segintes sectores, em ce se alistam e coordenam os adéptos da O.S.B., discriminados segundo o grao de atividade:

a) OSBrianos ce aplaodem a solusão, lójicamente se propoem a secundar a respectiva campanha de divulgação, porêem não asumem nenhuma outra espésie de compromisso.

b) OSBrianos ce, além da condisão presedente, adótam e uzam a OSB. sempre ce permitido.

s) OSBrianos efetivos, ce além das condições da categoria b, se comprometem a fazer propaganda da O.S.B., notadamente pelo seu uzo na correspondêmsia epistolar e publicações, bem como se dispoem a prestar ajuda pecunária para publicações do Sirculo OSBriano espesificamente trasadas para a intercomunicação e propaganda.

Art. 4.º — Para a ajuda pecuniária prevista no artigo presedente, tetra s, admitem-se duas situações:

a) *Subscritores ou asinantes*, ce se comprometem a adcirir pelo menos um ezemplar da publicação, com pagamento adeantado, para seméstre. E' a "contribuição de espediente", no valor de déz cruzeiros (Cr. \$ 10,00), susetivel de renovação semestral, mediante pedido do Senro Diretor Jeral do S.O.

Para as senhóras e senhoritas OSBrianas tal contribuição é facultativa.

b) *Asionistas*, ce para cada cazo tomam "cótas de finansiamiento", com pagamento adeantado, no valor de duas a déz subscrições ou asinaturas na fórmula da letra a.

§ 1.º — Asinantes e asionistas têm direito ao abatimento de trinta porsento (30%) no preso de capa das publicações, e pódem adcirir maes de um ezemplar nésas condições.

§ 2.º — Os asionistas têm direito á partisipação no lucro da publicação, se ouvér, proporsionalmente ás asões tomadas.

§ 3.º — Rezolvida uma publicação assim finansiada, por asinantes e asionistas, poderá entretanto não ser levada a efeito se a ajuda recolhida não cobrir as custas orçadas. Nesta hipótese, ou será restituída a ajuda resebida, ou averá comsulta aos asionistas, para cobrirem o *défit*. Caso nada obstante a publicação seja empreendida, os asionistas não terão co-responsabilidade sobre a despeza esedente da coléta.

Art. 5.º — Todos os OSBrianos são solisitados:

- a) a indicarem ao Sentro Diretor Jeral, a cualcér tempo, nomes de pessoas idôneas para serem convidadas ao alistamento no Sirculo OSBriano, ou para lhe serem rémetidos, a titulo de esclarecimento, ezemplares de publicações osbrianas, ou para tomarem asinatura das publicações;
- b) a sujerirem ao mezmo órgão, a cualcér tempo, com a competente justificação, alterações no ESTATUTO ou na O.S.B.

§ 1.º — As sujestões para alterações no ESTATUTO ou na OSB. serão de cualcér modo respondidas, deposes de, a critério do Diretor Jeral, submetidas ao pareser do Comselho Consultivo do Sirculo OSBriano.

Art. 6.º — O Sirculo OSBriano será dirijido por um Sentro Diretor Jeral, comstituido de um Diretor Jeral (o cual disporá de uma Secretaria) e de um Comselho Consultivo, de sua escolha e nomeação.

§ 1.º — Um dos membros da Secretaria poderá ser também tezeu-reiro.

§ 2.º — Onde ouvér possibilidade, serão comstituidos Sirculos OSBrianos Rejionaes, com diretoria análoga á do Sentro Diretor Jeral, comfórme desizão do Diretor Jeral.

§ 3.º — Em falta de órgaom de publicação periódica regular, para intercomunicação e propaganda, o Sentro Diretor Jeral manterá informados por outro meio aos comfrades, incluzive pela imprensa diária, bem como incluírá as alterações ocorridas como matéria do primeiro volume osbriano ce venha a ser publicado.

§ 4.º — Os Sirculos OSBrianos Rejionaes comunicarão ao Sentro Diretor Jeral o movimento de alistamento e outras alterações de interesse jeral.

Art. 7.º — Inisialmente será Diretor Jeral o Jeneral KLINGER, aotor da O.S.B. e promotor da fundasão do Sirculo OSBriano.

Art. 8.º — São comsiderados OSBrianos fundadores, aceles ce responderam favoravelmente ás comsultas inisiaes distribuidas para fundasão do Sirculo. A saber: Jeneral Bertoldo KLINGER, Cél. Amílcar Armando BOTELHO DE MAGALHÃES, Cél. Antônio Jozé OSÓRIO, Antônio MACHUCA ESPANHA, Antônio de CASTRO ALVES, Jeneral Euclides FLEURY DE SOUZA AMORIM, Jeneral Jasinto Inâsio TORRES J.º, Dr. Jenésco de OLIVEIRA CASTRO, Jeneral João FERREIRA JOHNSON, Cap. méd. Dr. Jozé Carlos D'ANDRETTA, Jeneral Jozé Pompeu de ALBUQUERQUE CAVALCANTI, Jeneral Leandro Jozé da CÔSTA, Profesor Dr. Modésto de ABREU, Majór onorário Paulo Emilio de NORONHA MENA BARRETO.

RIO DE JANEIRO, R. da Capéla 102, julho de 1951 (3.ª edição).
Jeneral KLINGER.

ORTO-GRAFIKO

(Omenajem aos precusores atoaes mexicanos)

No decorrer da campanha OSBriana, dezde seu comeso, temos maes de uma vez rendido omenajem ao veterano movimento mexicano pró ORTOgrafia, o cual está gloriózamente vivendo seu "ANO XXIII".

Ao lamsarmos agóra este "Boletim ORTOgrafico" — de nome igual, apenas não abreviado — é espontâneo relembremos os denodados comfrades, é insopitavel o desejo de, maes uma vez, fazermos publico o nóso preito de admirasão e estima á OFRI e a seu indefeso maestro, preito ce emvólve o aplaozo e a gratidão altruistica pelo alto ezemplo de pertinásia.

O pecenino periódico ce alimenta ese formozo movimento em pról da disciplina na escrita da lingua ispamericana, "orto-grafiko", é publicado em GUADALAJARA, pro-

vîmsia de JALISCO, no MÉXICO, sob a direção de seu valente "faztudo", o próprio maestro albérto m. brambila pelayo, com divérsas colaborasões eventoaes; cognomina-se o "orto-grafiko", segundo a epígrafe, "propagador da ortografia fonética rasional ispamericana" — dai "OFRI", "ofriano"; donde por nósa vez, em intemsional conexão e omenajem, derivamos, de OSB., "OSBriano" — e, ainda, esplicadamente, "órgaom do grupo sentral de ortógrafos revolucionários".

Ese briozo instrumento emerolójico da campanha ofriana está em seu "Tomo", ou ano, XIII, maz a OFRI própriamente conta já 23 anos.

Asinalemos ainda ésta particular analogia: igualmente a OSB. só recórre a boletim no seu "ANO XII".

A "ORTO"GRAFIA, A "Ô. SÊ. BÊ.", É REVOLUSIONÁRIA

A propózi to dese cualificativo, "revolucionário", ce a OFRI adotou deliberadamente, para evidensiar a elevada asepsão de "enérgica mudamsa do anarcico estado de coezas, para polas em órden", cualificativo ce igualmente compéte á OSB., maz ce alguns, subcomsientemente, por palpíte ou impressão

superfisial, lhe aplicam orrorizados, condenatórios, no sentido peyorativo, de profunda subversão, apavorante dezórdem — vamos reproduzir a definisão ce tivemos emsejo de focalizar perante a preclara Comissão de Educasão da Câmara dos Deputados, em 1948, e ce ficou rejistrada na ata da respectiva sesão,

publicada no "Diário do Congresso" de 20. VII. 1948. Eila:

"Como? se configurava o problema da escrita? uma vez posto ele em ecuasão para a solusão alfabética.

Lójicamente: comesar por arrolar todos os fonemas elementares, sem lacuna e sem repetisào; levantado ese cadastro, convemsionar para cada fonema elementar, só para ele, um simbolo elementar, só ele."

Comsigna a ata ce, nésta segunda sêsão, o jeneral fez a recapitulassão da sua esplanassão realizada na anterior, á vista do opusculo "ANO VIII DO OSB." e lhe aduziu um retrospecto, então levando a cabo a esplanassão. Por fim:

"...valho-me agóra do emsejo ce me ofereceu o distinto amigo Dr. Aoreliano LEITE, por ocaziào de seu amavel preambulo da nòsa primeira sêsão. E' o emsejo para imssistir na réplica irrespondivel a uma das objesões feitas á OSB., estribada na mudamsa de fizionomia ce éla impõe a muintas palavras.

Tem sido empregada, para esprimir a correspondente resistêmsia, este dizer: "A OSB. E' MUINTO REVOLUSIONÁRIA." A réplica já ficou dada. Semelhante agravo é apenas uma repetisào, em outras palavras, de objesào já destruida. A modalidade do dizer tem apenas a aparêmsia alterada, em razào da terminologia demudada, adrède escolhida para escarmentar: "REVOLUSÃO?! *horribile dictu!*"

Óra, dá-se ce ésa acuzassão é, éla própria, a suprema defeza e justificassão da OSB. Coetados dos objectadores! Outras armas não posuem em seu arsenal, nem encontram na prasa, senão désas, ce pa-

résem vidro, poes não rezistem a léve dezlocamento do ar e ao afagodum espanador para lhes tirar o pó, muinto menos ao valente atrito dum esfregão para alimpalas da ferrujem ce as carcome.

Ce falso orror? e ése? á palavra **revolusão?**

A revolusão OSBriana, ce sem dũvida é seriissima revolusão, urgente e eficiente, é tão prototipicamente restaoradora da ordem como o foe, por ezemplo, a revolusão comstitionalista de 1932.

Ai, convocados por S. PAOLO e MATO GROSSO, ce, dezasombrados, saltaram á frente e se fizéram vóz e braso do BRAZIL inteiro, dezembainhamos a espada em continêmsia á LEI. O governo é ce éra dezordeiro contumaz, estava fóra da LEI; a nòsa revolusão éra prezizamente para restabeleser a ordem, o domínio da Lei, da MAGNA LEI. Iguallissimo carâter é o da revolusão OSBriana: os costumes visiózos, inveterados, a tirania das academies, a incomsiêmsia dos governos a lhes samsionar taes dezmandos, e o intereseiro apoeio de sértos sabedores, ce vêem nas dificuldades artificiaes mina inezgotavel para esplorarem; em uma palavra" a TORTOgrafia" é ce é a dezórdem, a corrupssão.

A reassão popular, grasas a Deuz, é ubicuetária, imcêersivel, no sentido do restabelesimento da ordem, da racionalidade, da primitiva simplisidade, da definitiva descomplिकासão.

Comsideremos como ás refórmase susédem refórmase e, sempre imssatisfatórias, são inevitavelmente dezacatadas, maz dezordenadamente, ao gosto vário de cada imssopitavel, eventual, repulsa individual.

Só um paradeiro se entrevê, se mostra e demomstra posivel, efisiente: uma refórma radical, rasiona, grasas ao simjélo recurso de tornarmos á pureza inata da escrita alfabética, pela disciplina de seu instrumento, o alfabeto, e a de emprego deste instrumento.

O Poder Lejizlativo sértamente não terá, não á-de ter, medo a caretas, ao vozerio infundado; nem póde cair, não cairá em bléfes. Não capitulará imglóriamente, por méro comodismo, de medo á grita ce pósa despertar — e despertará, não aja dúvida — o seu esclarecido, levantado pronumciamento rasiona.

A grita é inconsistente, desprovida de substásia: pronto arrefeserá, sesará. E os gritadores bem intemtionados, arrastados pelo contájo das multidões, até deprésa se arrependarão, se emvergonharão, de averem rezistido, tentado retardar o indizível benefisio.

Não é iso méro devaneio, adivinhasão ou sonho, senão ce é pozi-

tiva dedusão de contemporâneos antesedentes. Aja vista, por ezemplo, a grita levantada em 31 pela tortografia então ofisialmente adotada: em pouco, verificou-se a submissão e lógo a corrida por aderir, cada cual maes tortodócsamente. E gostaraom, e num ápise se acostumaraom.

Do mezmo teor, do mezmo vazio de bolha de sabão, será a grita dezemcadeiada pela patriótica, umanitária refórma, ce restabelesa a jenuina ORTOgrafia alfabética, libérta de tantas corrupções. Em tempo minimo sesarão os brados dos contumazes visiados, méros palpiteiros asodados; a intervalos, cada vez maes longos, rolarão ainda no horizonte alguns rezmumgos de incorrijíveis cazmurros ou caturras, maz a rezistêmsia ativa, efetiva, sederá pronto, ante a evidêmsia jeneralizada da eficásia e eselêmsia do espezifico curativo; e numca maes averá perturbasões da órden na republica das letras...”

“Na macoria dos vocabulos portugezes é sua escrita de maneira ce todas as letras neles se proférem, com os seus valores alfabéticos, principalmente as comsoantes; é, poes, conveniente sujeitar as restantes á mezma simplisidade lójica, visto ce a tendêmsia modérna ce prezide á todas as refórmas ce se intentam é emendar simplificando e sistematizando... temos, poes, letras neseseárias á escrita e letras supérfluas...”
(De GONÇALVES VIANNA).

“E’ prezizo,... pôrse um paradeiro a ese dizlate, em ce a confuzão, a indisciplina e os maeóros contrasemos...”

Ficam, assim, ficsados definitivamente os soms divérsos das letras do alfabeto brasileiro... Ésa ficsasão porá termo ao asérvo grande de incomgruêmsias das nósas atoaes grafias... ce fizéram de nósá lingua um emaranhado formidavel, tal como o das nósas floréstas emsipoadas, do cual só se póde sair com medidas enérjicas e com o dezasombro de sevéro método de organizasão.” (Do Dr. J. T. de ALENCAR LIMA).

ALMANAC DOS OSBRIANOS

1. *Bertoldo KLINGER*, Jen. de Div., da Rez. — Rezidência: RIO, R. da Capéla, 102.

— Naseu a 1.º de janeiro de 1884, em RIO GRANDE, RIO Gde. do Sul. — Curso das 3 armas e de engenharia e estado-maeór, e de revizão do de E.M. — Foe da arma de artilharia. — Como tenente, serviu dois anos num Rejimento de Artilharia de ezérsito alemão (1911 e 12), e como capitão foe adido militar no PERU e em missão especial no MÉXICO (1921 e 22); como jeneral, comandou a Rejião de MATO GROSSO, e o movimento armado pró Comstituição, em 1932. — Foe um dos fundadores da revista de asuntos militares "A Defesa Nacional" (1913) e seu redator-xéfe, em 3 períodos, num total de maes de simco anos. — Numerósas publicações em livros, jornaes e revistas. — Em 1940 publicou o primeiro opusculo osbriano, a "Cartilha" da OSB., orijem do Sirculo Osbriano (adéptos da OSB.), do cual foe um dos fundadores (1941). Nese mesmo ano publicou o 2.º op. osbriano, "Pórta-Estatuto & Anécsos", bem como o 3.º, "Um Ano de OSB."; segiram-se os opusculos 4.º, 5.º e 6.º, em 43, 45 e 48, respectivamente "3 ANOS DE OSB.", "5 ANOS DE OSB." e "ANO VIII DA OSB." Este ultimo serviu de baze a um "Apelo" ao Poder Lejislativo e sua esplanasão em duas sessões da Comissão de Educação da Câmara de Deputados, a 14 e 16. VII.48. — Além désas publicações em livros, relativas á OSB., escreveu sobre a

matéria maes de duas sentenas de artigos de imprensa, em maes de duas dezenas de órgaoms, da capital do paiz e de outras sidades; pronumsiou a respeito uma comferêmsia no Clube Militar, a 16 de agosto de 1946; e fez pela Rádio TAMOEO 15 prelesões de cuarto de óra, uma por semana, a 1.ª a 5 de agosto de 48. — Com applicação da OSB. publicou dezde 1944 suas "NARRATIVAS AOTOBIOGRAFICAS", ce alcamsam em 1951 ao Volume VI; e neste mezmoo ano publicou "OS REZIMGÕES", tradução "orto"grafada e anotada dum folheto de Albért SCHMID sobre a nósá Lejião Alemã de 1851.

2. *Paolo Emilio de NORONHA MENA BARRETO*, Majór onorário, ofisial administrativo clase M do cuadro suplementar do M.G. — Rezid.: RIO, Grajau, R. ITABAIANA 170. — Naseu a 2.XII.1905, em S. GABRIÉL, RIO Gde. do Sul. — Foe aluno da Escóla Militar do REALEMGO, de 1923 a 25; imgressou no oje estinto cuadro de ofisiaes (sivis) da Secretaria de Estado da Gérra. — Lotado na Bibliotéca do Ezérsito. — Publicou em livro, em 1940, "TRES CUESTÕES DE GRAMATICA: Topolojia pronominal; Craze; Impesoalidade e pesoalidade do infinito". — E' o "osbriano n.º 1", porcê teve conhesimento da OSB. antes de publicada, e logo se fez desidido partidário e propagandista. — Colaborador de opusculos osbrianos. E' um dos fundadores

do S.O., membro do seu Conselho Consultivo.

3. *Amílcar Armando BOTELHO DE MAGALHÃES*, Coronel do Ezêrsito, da Rez. — Rezid.: RIO, Flamemgo, R. BUARCE DE MACEDO 5, ap. 92. — Naseu a 10 de janeiro de 1880, na cidade do RIO DE JANEIRO. — Curso das 3 armas e de emjenharia e de estado-maeór. Foe, a comeso, da arma de infantaria; pasou para a de emjenharia quando criada ésta, em 1908. — Trabalha no Conselho Nacional de Protesão aos Índios, dezde 1940, tendo antes servido na Comissão RONDON durante 8 anos e tomado parte na espedição ROOSEVELT. — Livros publicados: "Impresões da Comissão RONDON"; "Pelos Sertões do BRAZIL"; "RONDON, Uma Relícia da Pátria"; e em folheto uma comferêmsia sobre rezumo biografico de seu pae, Jeneral Marsiano Aogusto BOTELHO DE MAGALHÃES. — E' precursor ortógrafo: em 1932 publicou na "Folha da Manhã", de PORTO ALÉGRE, edição de 27.IV., um estudo da pandemia da TORTOgrafia, completado com indicasio do remédio racional. — Colaborador de opusculos osbrianos. E' um dos fundadores do S.O., e membro de seu Conselho Consultivo.

4. *Antônio Jozé OSÓRIO*, falecido a 10 de abril de 1941, como coronel, comandante do R.C. de BAJÉ, RIO GRANDE DO SUL. — Naseu a 28.II.1891, no RIO DE JANEIRO.

— Curso de infantaria, cavalaria e emjenharia e de E.M.; emjenheiro sivil e mil. pela Escóla Técnica do Ez. — Foe da arma de cavalaria. — Ezerseu lomgos anos

o majistério militar, (1919 a 34) e foe, em 1940, subdiretor da imstrusão pratica da E.M.

Foe um dos fundadores do S.O. e membro do seu Conselho Consultivo.

5. *Antônio MACHUCA ESPANHA*, sivil, linotipista e cimico industrial. — Rezid.: NITERÓE, R. Marcez do PARANÁ, 403, caza 13, ligação postal: Caexa 10.

— Naseu a 24.XII.1905, em S. PAULO, capital. — E' esperantista, escritor e poeta. — Fundador da As. Flum. de Jornalistas; da As. de Cultura Artistica, de NITERÓE, e outras. — Diretor dos Cursos COLUBANDÊ, por correspondêmsia. — Colaborador de opusculos osbrianos. E' um dos fundadores do S.O.

6. *Antônio de CASTRO ALVES*, sivil (nome suposto?). Partisipou na fundasão do S.O. e dezde então cortou a ligação.

7. *Euclides FLEURY DE SOUZA AMORIM*, Jeneral da Rez. — Rezid.: RIO DE JANEIRO, Laramjeiras, R. SOARES CABRAL 26, ap. 102.

Naseu a 14.XII.1882, na cidade de GOEAZ.

— Curso das 3 armas e de E.M., de aperfeisoamento e de revizão do de E.M. — Foe da arma de infantaria. — E' um dos fundadores de S.O.

8. *Jasinto Inácio TORRES Jr.*, falecido em 1951, como Jeneral da Rez. — Nasido a 13.VIII.1871, em NATAL, RIO Gde. do Nóрте. — Curso das 3 armas e de aperfeisoamento. — Foe da infantaria. — Foe um dos fundadores do S.O.

7.p.99

9. *Jenésco de OLIVEIRA CASTRO*, alféres-aluno reformado; reformado por motivo de saúde (moléstia adquirida na BOLÍVIA, região vizinha do ACRE, quando lisensiado para serviço de engenharia.)

— Nascu a 8.VII.77, em ALEGRETE, RIO GDE. DO SUL.

— Rezid.: CORITIBA, PARANÁ, R. TAPAJÓZ 501. — Curso das 3 armas e de engenharia e E.M. — Formado em odontologia nos E.U. AMÉRICA. — Publicou um livro, em defesa da memória de seu irmão Plásido de CASTRO e acusação aos seus assassinos, "O Estado Independente do ACRE e J. Plásido de CASTRO", 1930. — Colaborador de opusculos osbrianos. E' um dos fundadores do S.O.

10. *João FERREIRA JOHNSON*, Jen. da Rez. — Rezid.: RIO DE JANEIRO, Tijuca, R. ANDRADE NÉVES 293. — Nascu a — 1878, em S. JERONIMO, RIO Gde. do Sul. — Curso das 3 armas e de estado-maeór, e de aperfeiçoamento e de revizão do de E.M. Emjengeiro jeógrafo. — Foe da arma de cavalaria. Como jeneral, foe xéfe da Caza Militar do Prezidente da Republica, um dos subxéfes do E.M.E. e, porfim, comandante da Rejião em PERNAMBUCO. — E' um dos fundadores do S.O.

11. *Jozé Carlos D'ANDRETTA*, capitão médico da Aéronautica, sêrve no Ospital do GALEÃO. — Rezid.: ai, Vila dos Ofisiaes, caza 25. — Nascu a 16.V.1912, em S. PAULO, capital. — Formado pela Fac. Nas. de Medisina da Universidade do BRAZIL; espezialista em tiziologia. — Diversas publicações em revistas médicas e em opusculos. — Colaborador de opusculos os-

brianos. E' um dos fundadores do S.O.

12. *Jozé Pompeu de ALBUQUERQUE CAVALCANTI*, Jen. de Div., da Rez. — Rezid.: RIO DE JANEIRO, Tijuca, R. CAMPOS SALES, 48. — Nascu a 11.XI.1879, em FORTALEZA, SEARÁ. — Curso das 3 armas e de E.M., e de revizão deste. Foe da arma de artilharia. — Foe um dos fundadores da revista militar "A Defesa Nacional" e um de seus redatores. — Dirijiu vários anos a Fábrica de PICETE, comandou a Rejião em MATO GROSSO, uma Brigada I. em BÉLORIZONTE e a Artilharia de Cósta. — E' um dos fundadores do S.O. e membro do seu Comselho Consultivo.

13. *Leandro Jozé da CÔSTA*, Jen. da Rez. — Rezid.: RIO DE JANEIRO, R. Lino TEIXEIRA 109. — Nascu a 20.I.1876, em SALVADOR, BAIA. — Curso jeral das armas. — Foe da infantaria. — E' um dos fundadores do S.O.

14. *Modéstio de ABREU* (Modéstio DIAS DE ABREU E SILVA), professor, escritor, baxarél em direito. — Rezid.: RIO DE JANEIRO, Glória, R. S. AMARO, 5, ap. 96. — Nascu a 15.VI.1901, em S. GOMSALO, Estado do RIO. — E' agrônomo pratico, pelo curso do M. da Agric., de DEODÓRO; doutor em filozofia, pela Fac. de Fil. do RIO DE JANEIRO; baxarél em direito pela Fac. do RIO. — Jornalista fecundo, aotor de vários livros, (de pœzia, de contos, crônicas, critica, biografia, teatro, tradusões, didatica; estes, sobre filozofia, lingua framseza e vernaculo, asinalados entre eles o "CORRESÃO DE TESTOS" e o "IDIOMA PÁ-

TRIO"). — E' membro de várias sociedades culturaes, entre elas o P.E.N. Clube, a Academia Brasileira de Filolojia e a Academia Carióca de Letras. — E' um dos fundadores da S.O.

OBSERVAÇÃO. — A continuar, primeiramente segundo os seis boletims de 1941: Ema KLINGER, Erna KLINGER, Dra. Iza K. D'ANDRETTA, Cél. Américo DIAS NOVAES, Dr. Virjílio BENVENUTO, Cél. Joaquim FURTADO Sobr.º (falesido),

Jaeme MARIZ PINTO, Dr. Jozé Manoél LABANDERA, Jen. Demócrito da SILVA FREITAS, Jen. Fernando de MEDEIROS (fal.), Ten. Cél. João da CRUZ ALBERNAZ, Cap. Nailo Jórje da CUNHA, Dr. Carlos D'ANDRETTA Jºr., Professor Adalbértio PRADO E SILVA, Dr. Carlos Albérto de BARROS E SILVA, Dr. Eurico TEIXEIRA DA FONSECA, A. LECOMTE-PERRIERAZ (sem ligasão), Tenente Framisco Jozé FERREIRA (fal.), Majoronor. A. ALMEIDA ROZEIRO (sem ligasão), Dr. Aristóteles Juvenal de FARIA ALVIM.

"E' mal antigo, sentido e confesado por todos os sâbios, literatos e fiiólogos distintos, a anarcia em ce laboramos a respeito de" escrita alfabética... "O ce eziste é uma cacografia alabirintada, uma escrita im-sérta, contraditória, arbitrâria, caótica... Vários tentames se tem feito no empenho (empenho mue louvavel) de se pôr termo á vergonhóza dezórdem grafica..."

Na escrita portugeza corrente "— ilójica, caprixóza, contraditória; nésa escrita absurda, imcoêrente, *flajêlo das criamsas das escólas...* na anâncica e irrasional ortografia atoal, dizíamos, muintos erros se devem á convemsão..." (Mário BARRETO, em "Nóvos Estudos da Lingua Portugeza", RIO de Janeiro, 1911.).

"...é de sandeu escrever de um módo e pronumsiar de outro".

"...escrever de um módo e pronumsiar de outro, coeza é sem atilho nem vemsilho."

"Propõe-se o omem, quando cria o alfabeto e seu complemento, a convemsionar simbolos graficos ce representem á vista os soms (e comsoantes) persebidos pelo ouvido, os fonemas; alinha, enuméra, portanto, todos os fonemas elementares e suas posíveis variantes; imventa, convemsiona um simbolo, representação grafica ou dezenho, para cada um. E, realizado iso, dezorienta-se: pérde a nosão de seu objetivo, da finalidade de sua fabrica; escése, desrespeita a discriminasão de papéis, das fumsões de cada letra e de cada sinal; admite, perpétra digresões, intro-misões, acumulasões, imsubordinasões.

Está criada a balbúrdia, a TORTOgrafia.

Dai: vasilasões, imcoêrêmsias, ce, de retorno, dão lugar a corrupções de proúmsia; surjem as discussões, as criticas irrespondíveis, as disputas, as refórmias vasilantes; e nada de restabeleser a órdem.

Desrespeito, revólta, irreverêmsia, dos ce dezejam devéras ORTOgrafar, dos ce comésam o aprendizado da escrita-e-leitura da lingua portugeza, notadamente das criamsas e dos estramjeiros!

E' ce o remédio só pôde ser, *tem ce ser, radical*. Ou não remedeia."

(Do primeiro opusculo OSBriano).

Sinópse Istórica dos Mareantes Brasileiros Ce Deixaram Roteiro de Suas Navegações Grandes Pelo Mare Magnum, Tenebrozo, da Grafia

— 1789 — Antônio DE MORAES SILVA, o nóso “vélho MORAES”, no prefásio de seu disionário da lingua portugeza, (o primeiro feito no BRAZIL!), faz profissão de fé de ORTOgrafo, isto é, de adépto da escrita alfabética racional, a ce ele xama de “ortografia filozófica”.

— 1818 — Frei Joacim do AMOR DIVINO CANÉCA, prezo na BAIÁ, como envolvido na revolusão pernambucana de 1817, escreve um compêndio de ORTOgrafia racional.

— 1840 — F. C. VALDETA-RO, da Sossiedade de Imstrusão do RIO DE JANEIRO, luta pelo ce ele entende como restaorasão da ORTOgrafia, mediante a racionalidade do alfabeto e de seu emprego.

— Na mezma época, Frei Diogo Antônio FEIJÓ adóta a escrita alfabética racional.

— 1879 — O Dr. J. J. PARANHOS DA SILVA publica o seu “Sistema de ORTOgrafia Brasileira” (S.O.B.!), a solusão racional para a escrita alfabética: NENHUM FONEMA ELEMENTAR SEM SIMBOLO, maz este — unico, privativo; NENHUM SIMBOLO SEM VALOR SONICO, maz este — unico, privativo.

— 1882 — O Dr. Tristão de ALENCAR ARARIPE, em sua tradusão do sélebre livro de Hans STADEN, publicada na Revista do, I. Istórico e Jeografico do RIO DE

JANEIRO, empréga numerózas simplificações rasionaes da escrita.

— 1887 — Migél LEMOS, eminente xéfe do Apostolado Pozitivista do BRAZIL, publica a “ORTOGRAFIA POZITIVA”, ce reedita, corrije e aperfeisoa em 1896, com as suas “SIMPLIFICASÕES ORTOGRAFICAS”, por sua vez melhoradas em 1901, com as “NÓRMAS ORTOGRAFICAS”.

— 1889 — O Dr. CASTRO LÓPES, grande sabedor da lingua, faz profissão de fé de ORTOgrafo, em seu livro “NEOLOJIZMOS indispepsáveis e BARBARIZMOS dispepsáveis”.

— Por ese tempo, o profesor mineiro Tomaz GALHARDO publica uma “CARTILHA DA IMFÁSIA”, com o alfabeto racional, nomes das letras monosílabos. Foe continuada pelo profesor paolista Romão GUGGIARI, e ainda é editada em nósos dias pela livraria susesora da “Framsisco ALVES”, ce já lhe tirou maes de 160 edisões.

— 1907 — Irrompe na ACADEMIA BRAZILEIRA DE LETRAS a primeira propósta para disciplina racional da escrita alfabética. E’ reconhesido o primsípio: “CE O IDEAL EM MATÉRIA DE ORTOGRAFIA é ce cada som seja sempre representado pela mezma letra e cada letra represente sempre o mesmo som”. E são adotadas substancias corrijendas nese sentido, maz

remanésem, como reconhesidas, confésas, erronias, vários recalstrantes visios tortograficos, a pretexto de ser muinto xocante a estirpasão.

— 1911 — O profesor Mário BARRETO, em seus “Nóvos Estudos da Lingua Portugeza”, se pronumsia, arrazadoramente, contra a vijente “CACOGRAFIA alabirintada, escrita imsérta, contraditória, arbitrária, caótica”.

— 1918 — O profesor Dr. Odolfo AIRES DE MEDEIROS, em S. LUIZ (MARANHÃO), publica a sua “Nóva QARTILHA Portugeza Qomfórme a ORTOgrafia soniqa”.

— 1926 — O Jeneral Jozé de ASSIS BRAZIL, no periódico “ARMAS EM REVISTA”, publica suas reflexões e concluzões sobre “A ORTOgrafia Sonica”.

— 1929 — O profesor paolista Jozé PEREIRA MARCONDES publica “A ORTOgrafia Ultrafonética”; teve várias edisões, a 4.^a em 1934.

— 1931 — A nósa A.B.L. firma um convênio com sua ermã de LISBOA, e no mezmo ano o governo brasileiro ofisializa a rezultante escrita academica — dezgrasadamente dezbragada tortografia, mal dezbastada de ums poucos rebices etimolójicos, já então definitivamente repudiados pelo uzo jeneralizado.

Treis anos depoes, ésa adopsão ofisial foe revogada, insidentemente, numa dispozisão tramzitória da nóva Comstituisão Politica do BRAZIL (1934). Entretanto, revogada por sua vez ésa Carta, ao cabo de 3 anos, com a residiva da ditadura, ésta restabeleceu a sua ofisialização da escrita biacademica de 31, comtudo alterando-lhe, com re-

gulamento para o BRAZIL, as normas atinentes á asentoasão grafica.

— 1932 — O Coronél Amílcar Armando BOTELHO DE MAGALHÃES, em PORTO ALÉGRE, escreve na “FOLHA DA MANHÃ”, edisão de 27.IV., a respeito da pandemica tortografia e indica remédio rasionalista.

— 1933 — Aeres da MATA MACHADO F.^o, de BÉLORIZONTE, em seu livro “Escrever Sérto”, ataca irrespondivelmente a pretemsióza imfestasão da escrita pela etimologia.

— 1934 — O P. Adélmo MACHADO, de MASEIÓ, publica “Estudos sobre o Alfabeto e a Cestão ORTOgrafica”, em ce patenteia, minusióza e majistralmente, as erronias da rebuscada grafia simplifícóde academica.

— No mezmo ano, João ZIMMERMANN Jor., de CORITIBA, publica “ORTOgrafia Rasional”, comstruida sobre o límpido primsipio da unidade de simbolo para cada som elementar (ou comsoante) e unidade de valor convemsional sonico para cada simbolo.

— 1935 — O profesor João Gualbérto LEITE, em MINAS JERAES, publica em MANHUMIRIM uma folha, “No Pasado e no Futuro”, em ce espõe suas régras rasionaes para solusão rasional do problema da escrita alfabética.

Nóve anos pasados, o mezmo profesor, agóra desidido adépto da O.S.B., realizadora integral de suas amaduresidas idéias ali documentadas, publica a sua “Cartilha Familiar — segundo a ORTOgrafia rasional”.

— 1937 — O profesor Coronél ALTAMIRANO NUNES PEREI-

RA, no RIO DE JANEIRO, publica "O Problema da ORTOgrafia e Sua Solução Racional". E no ano seguinte, em nova publicação, de maior fôlego, "Leis Jeraes da Língua Portuguesa", reedita e desenvolve seus estudos e conclusões acerca da racionalização da escrita alfabética.

— 1938 — A. NOGUEIRA BARBÓZA, na REVISTA DE EMJENHARIA MILITAR, publica "FONOLOGIA BRAZILEIRA", em que espõe uma solução racional e nacional para o ORTOalfabêto, fundamento, *sine qua non*, da ORTOgrafia.

— Nesse mesmo ano, como vimos, a propósito da corajosa resolução dos imortais da nossa A.B.L., de 1907, encampada pelo governo brasileiro em 1931, a ditadura, reimplantada no BRAZIL, restabelece a vigência da escrita resultante do convênio interacadêmico luso-brasileiro de 31, porém substituindo as normas para a asentoação gráfica.

ÉSA É A ESCRITA OFICIALMENTE VIJENTE, que ezijsse como complemento o famoso "PECENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO", de 1934, obra da nossa A.B.L., ESTENTÓREA CONFISÃO DA DEFISIÊMSIA E IMSUFISIÊMSIA da

superabundante regrorrêia do respectivo FORMULÁRIO (*).

— 1939 — O Dr. Jozé PALMÉRIO, de S. PAULO, em sua revista "Notícia Médica", adota uma escrita antitortográfica.

— 1940 — O Dr. J. T. de ALENCAR ARARIPE, no RIO DE JANEIRO, em sua revista "PAN", escreve uma série de doze artigos, sobre "A Língua Brasileira", em que espõe, defende e aplica uma escrita alfabética racional, estensamente idêntica à O.S.B., então ainda não publicada.

(— Nesse mesmo ano, de 1940, o General KLINGER publica a sua "Cartilha Osbriana", a O.S.B., "ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA BRAZILEIRA — Simplifica & Uniformiza", em que retoma e remata, leva à meta, os trabalhos mais seculares dos numerosos precursores ortógrafos brasileiros.

No ano seguinte, KLINGER publica o 2.º opusculo osbriano, "ESTAFUTOS DO SIRCULO OSBRIANO — Anêcsos", bem como o 3.º opusculo, "UM ANO DE O.S.B."; em 1943, 1945 e 1948, respectivamente, os 4.º, 5.º e 6.º opusculos, "3 ANOS DE O.S.B.", "5 ANOS DE O.S.B." e "ANO VIII DA O.S.B."

Além disso, em 1944 começa a publicar, com aplicação da O.S.B., as suas "NARRATIVAS AOTOBIOGRÁFICAS", "Vol. I: Como Fui Tenente"; continuadas em

- (*) Poderse-á? enfim, escrever sério? Sabido o ACORDO e o vasto FORMULÁRIO, Ainda é necessário ter bem péto Do simplisismo o VOCABULÁRIO.

"Ditôza condisão, ditôza jente!"
 "Ce não são" da comsiêmsia "ofendidos!"
 Escreva cada um como bem sente,
 Ce estará bem ou não, pros entendidos...

Maz com cizér, de fato, "orto"grafar,
 A Ô-SÊ-BÊ terá de adotar:
 Só então ler-e-escrever será bem claro —
 Pro erudito e o apedeuta, ignaro.

1946, com o "Vol. II: Simco Anos de Capitão", em 1948, com o "Vol. III: Tempo Cente de Majôr", em 1949, com o "Vol. IV: 380 Léguas de Campanha, em 3 Mezes"; em 1950, com o "Vol. V: o Coronél (...24 de outubro de 1930...)"; e em 1951, o "Vol. VI: Jeneral, Um Ano no Comando em MATO GROSSO".)

— 1945 — Novo convênio biacademico, comsubstansiado num "Vocabulário Ortografico Rezumido da Lingua Portugeza", 1947, trabalho ese, (convênio e vocabulário), ce não logrou aprovasão pelo nóso Congrêso.

(— 1948 — O Jeneral KLINGER, em fase dum projéto surjido no Congrêso, para reestudo da solusão do problema da escrita alfabética, subméte á considerasão do mezmo, para ser considerada por ocazião de tal estudo, a O.S.B.

A ese fim serviu o "ANO VIII da O.S.B.", ce, em duas sesões da Comissão de Educasão da Câmara dos Deputados, foe pelo aotor verbalmente esplanado, comfórme rejistou o DIÁRIO DO CONGRÊSO, de 16 e 20 de julho de 1948.)

RIO DE JANEIRO, (R. da Capêla 102), maeo de 1951.

Jeneral KLINGER.

ORASÃO DO BOM ORTÓGRAFO

(Reproduzida do "3 ANOS DE OSB.")

ORASÃO A TODOS OS SANTOS.

Invóco a TODOS VÓS, meus Santos Senhores, para não importunar ao próprio SANTO DEUZ e para minorar o cinhão impetrado da infinita bondade de cada um de Vós.

Contrito a umilde me apresento ante Vós, a comfesar os meus pecados de vélho tortógrafo, a ezorar o perdão e a prometer a minha desidida emenda.

Invóco as atenuantes de aver sido lomgo tempo pecador incomsiente, pues ce de pecenino fue mal emcaminhado, flajelado, pelo abstruzo e despótico emsino tortografico ce padesi; de, em segida, vitima da continjêmsia umana, aver perseverado no mal, sob a presão imsesante, imperseptível ou agradavel do ubicuetário costume; e de, por fim, aver sosobrado no pecado, á falta, não de luzes, maz de forsa de vontade para entrar no reconhesido bom caminho.

Iluminae, meus Santos Senhores, Todos, o meu entendimento, para ce conhesa radicalmente os meus pecados, mova o meu corasão para detestalos e então simséramente comfesalos; e amparae meu animo, para ce alcamese eficaz emenda.

Prometo entrar no bom caminho, ortodócso, da grafia rasio-nal, unica verdadeiramente simplificada: a ôsêbê.

Tende, como eu próprio, dó de mim, póbre pecador, ce ei-de ser caridozo para com o meu semelhante: contribuirei para salvar-lhe corpo e alma, ereditariamente impuros, de tortografia.

Perdoae-me, meus Todos os Santos, como eu perdoo: aos ce me induziram em erro; aos sicários e ajudantes de sicários da uma-nidade tortografante; aos farizeus submisos; aos deliberados co-modistas; e ás imcaotas e inosentes vitimas; emfim, a todos os portadores e tramzmisores do flajélo.

Prometo alistarme e proseder consecuêntemente entre os omems de boa vontade, convertendo-me siente e comsiente á dou-trina da OSB., para ce entre eles reine a verdadeira comcórdia e asim desa a paz ao seio das belijeras letras do alfabéto, então es-coemado de competisões e versatilidades.

A primsípio éra / Tal e cual, asim,

Poes a Deuz prouvéra. / E á de ser... no fim. AMEN!

Nótas: 1) Ésta orasão do fiél catecúmeno osbriano só tem efeito pela grafia purificada em ce se apresenta: letras monova-lentes; valor e nome das letras bem cazados; valor perficso e pri-vativo.

2) Efetivar a comunicasão do alistamento ao Sirculo Osbria-no e tornar operante a caridade: distribuindo eventualmente ezem-plares sobresalentes desta orasão; emprestando seu ezemplar a ca-maradas; ou espedindo cópias; ou indicando ao Sirculo Osbriano nomes de destinatários para ce se fasa a corespondente espedisção. RIO DE JANEIRO, pasajem de ano 1942/43."

E' o omem animal de costumes. De comodidades, de tendêmsia ao menór esforso. Maz também a natureza o dotou de perfectibilidade.

Asim, no comflito inevitavel entre a lei da inérsia, para comservasão de costume arraigado, acomodado, e a lei sublime da ásia de melhorar, progredir, compéte a ésta a vitória. Salvo dejenerasão do indivíduo, ce o esclue da espésie umana.

Até por calculo, por busca do menór esforso: inegavelmente, inevita-velmente, custa esforso o romper com inveterado costume — comquanto sabidamente mau — para substitui-lo por outro, melhór; maz é surpre-dente a presteza com ce também a novidade se tórna costume, portanto deixa de ezijir esforso; e, além da compemsasão de aver melhóra, resulta futura economia permanente de esforso.

Asim, ao empolgante costume tortografico parése incômodo, penozo, estirpar as erronias, para a restaorasão da ORTOgrafia alfabética; maz o comsolidado es-tortógrafo sorri, apiedado, désa falta de inteligêmsia para acabar com o mau costume da tortografia: é muinto maes cômoda, perma-nentemente economica ao masimo, a ORTOgrafia.

"FAZE-TE OSBRIANO!"

99

Ô.SÊ.RÊ.

ORTOGRAFIA
SIMPLIFICADA
BRAZILEIRA

BOLETIM ORTOGRAFICO

ÓRGÃO DO CÍRCULO OSBRIANO
GENERAL KLINGER — RIO DE JANEIRO, RUA DA CAPÉLA 102

N.º 3	ANO XII DA O. S. B.	DEZEMBRO DE 1951
-------	---------------------	------------------

SUMÁRIO: *A OSB. e as caturrisas.* — **EDITORIAL:** *Este Boletim...* — *O az da versatilidade e indesêmsia: a grafia do fonema sê.* — *Outras reflexões e recôrtes, esparsos.* — *Torneio de epistolázios.* — **OS REZIMGÕES:** *corrijendas e axegas.* — *Comsideranda pró ORTOgrafia, na A.B.L. em 1907.* — *Taelorizmo vérsus TORTOgrafizmo.* — *Espe-diente.* — *Livros resebidos.*

A OSB. E AS CATURRISES. — (Do "Correio da Manhã", de 3.VIII.41; recolhido no "3 Anos de OSB."). "Uma das maes vélhas, das primeiras e maes imsustentáveis objesões opostas á refôrma ortografica racional é a ce entende com a pretendida perturbação ce "da alterasão dos vocabulos resulta para as nósas imajems ortograficas abitoaes das palavras ce dezinam objéto e entes ceridos ou venerados." E' nestes termos ce vem rejistada por Migél LEMOS numa das "Nótas" apóstas ás suas "Nórmas ortograficas", de 1901. ...O aotor, em segida ácela meãsão, reduz a seu justo valor, zéro, tal objesão, serenamente, nestes termos:

"Reconheso o grave imcomveniente ce á nisto (a mudamsa fizio-nica de palavras), maz é ele inevitavel emcuanto a escritura não for devidamente sistematizada. Lógo, porém, ce se tivér obtido ese resultado, tal dezvantajem dezapareserá e teremos comsegido a ficsidez grafica, tão nesesária ao cultivo de nóso sentimento. Portanto, se é verdade ce tere-mos de sofrer por algum tempo semelhante imcomveniente, também é ver-dade ce só pela refôrma de nósas ortografia é ce poderemos estabeleser afi-nal a dezejada invariabilidade de nósas imajems ortograficas. E' um peceno sacrifisio no prezente, ce será largamente compemsado lógo ce nos tivérmos abitoado com as nósas nórmas."

— Eis ai uma modalidade, inesedivelmente delicada, de verberar a inesedivel estultísia daceles ce, piscando o olho com pretemsões a espér-tos, ladinos, pretestaom sua comodidade, sua ojeriza a cualcér esforso, para não cererem libertarse da TORTOgrafia. A verdadeira comodidade, a definitiva, permanente economia de esforso, a real esperteza, estaria em gastar agóra, já, peceno esforso, por bréves dias, pra trocar por novo âbito, racional, o emcruado mau âbito. Ese peceno esforso "no pre-zente", seria "largamente compemsado", "com as nósas nórmas".

Ademaes, é indigno da espésie umana preterir pela lei da inérsia, da perseverasão nos costumes, ainda ce sabidamente maos, o superior dom, divinal, da perfectibilidade.

NÃO DEIXES DE LER A SECSÃO "ESPEDIENTE DO BOLETIM"

ESTE BOLETIM...

I. O ÉTIMO

1. Inisiamos no n.º 2 a rememorasão de alguns pasos do xamado "étimo" deste nóso órgaom, constituído pelas seis edisões mimeografadas do "Boletim" de 1941, do "Sentro Diretor Jeral" do "Sirculo OSBriano."

Ficaraom referidos asuntos das edisões dos n.ºs. 1 e 2, de marso e abril dacele ano. Continuêmos.

2. Antes de entrar no assunto, sirvâmo-nos da ocazião — pasajem de ano — para também apresentarmos aos nósos prezados amigos do Boletim — mantenedores, asinantes e leitores em jeral — cordeaes vótos por um feliz Natal de 1951 e próspero Ano Novo, de 52. Notadamente ce o Novo Ano traga, para bem da família OSBriana e da sua empresa, sobretudo a benefisio das futuras jerasões de recrutas do *a-bê-sê*, nóvos amparos e apoeos, em vista de ampliar cada vez maes a libertasão da coletividade ledora e escrevedora da ominóza escravizasão á imcrível, imoral TORTOgrafia pseudo-alfabética — verdadeiro escárneo á inteligêmsia umana, do omem ce se diz animal racional, e caozadora, irresponsavel, impune, de desperdísios de esfórsos, em torno de fosilidades, presiozises, incomgruêmsias, dezigualdades de tratamento, poriso tudo altamente dezeducadora, culpada da vijente erronia em tantas outras *escritas*.

3. O "Boletim" n.º 3, de maeo 41, em seus items 1, 2 e 5 prestava imformasões sobre o movimento de distribuisão dos opusculos OSBrianos 1.º e 2.º (Cartilha e Pórta-estatuto), e sobre nóvos artigos de imprensa atinentes á OSB.

O item 3 informava da imscrição de maes séte OSBrianos, no mez ultimo, e do falesimento do companheiro, co-fundador do SIRCULO, distinto e esperamsozo Cêl. Antônio Jozé OZÓRIO.

O item 4 registava alguns cazos de cazmurrises ou ditatorialismos de órgaoms de imprensa, ce negavam espaso a escritos OSBrianos.

4. O "Boletim" n.º 4, de junho 41, prestava imformasões dos mezmos jêneros e memsionava ce um jornal carióca, sem prévio aviso, e faltando a promésa, desrespeitara a grafia do orijinal, cacografara um artigo nóso, "ORTO" solusão para a "ORTO" grafia"; e outro imventara ce a semsura á imprensa não permitira a publicasão dum meu artigo osbriano, artigo, entretanto, prontamente publicado em outro jornal...